

Marilei Veroneze

A (Re)Construção da Italianidade no Norte do Estado do Rio  
Grande do Sul – Viadutos (1910 – 1970)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial e final para obtenção do grau de mestre em História sob a orientação do Prof. Dr. João Carlos Tedesco.

Passo Fundo

2007

## **RESUMO**

A presente dissertação tem como objetivo compreender o processo de (re) construção da categoria da italianidade no Norte do estado do Rio Grande do Sul, especificamente na localidade de Viadutos, no período de 1910 a 1970, onde as relações interétnicas são vividas no cotidiano, pois a região é constituída de vários grupos étnicos. Para isso, estuda os elementos que (re)constróem a italianidade na relação de alteridade estabelecida com os “outros”. Através do estudo dos elementos pelos quais a categoria da italianidade se construiu e se constrói, evidencia sua manifestação e exaltação na relação interétnica, bem como a afirmação e construção da idéia positiva que a envolve, ou seja, de representar supremacia étnica na localidade de Viadutos e para o contexto-sistema. É pelo estudo da (re)construção da italianidade, por meio da relação interétnica, que se podem compreender as motivações que conduzem a italianidade a ser reconhecida pelos identificáveis como supremacia étnica.

Palavras-chave: italianidade, relação interétnica, supremacia étnica.

## **ABSTRACT**

The present dissertation has the objective of understanding the process of (re) construction of the category "italianidade" in the North of Rio Grande do Sul state, Brazil, more specifically in the locality of Viadutos, in the period of 1910 to 1970, where the interethnic relations are lived in the daily routine, because the region is constituted of several ethnic groups. For that, we study which elements (re) construct the "italianidade" in the relation of alterity established with the "others". Through the study of the elements by which the category "italianidade" was built and itself constructed, we show up their manifestation and exaltation in the interethnic relation, as well how the assertion and construction of the positive idea that it involves, in other words, to represent ethnic supremacy in the locality of Viadutos and for the context-system. It is through the study of the (re) construction of the "italianidade", by means of the interethnic relation, that the motivations that drive the "italianidade" to be recognized as ethnic supremacy can be understood.

**Key words:** "italianidade", interethnic relation, ethnic supremacy.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Lotes Rurais – 1953. Área (em hectares) das propriedades rurais na localidade de Viadutos.....	28
Figura 2: Cruzes dispostas ao longo da estrada de ferro na localidade de Anta Mansa, no interior do município de Viadutos .....	29
Figura 3: Planta da área demarcada da vila Viadutos - s. d. ....	36
Figura 4: Cemitério localizado na localidade de Vila Rica, interior do município de Viadutos .....	39
Figura 5: Impostos pagos por proprietários rurais na localidade de Viadutos – 1953 .....	42
Figura 6: Pagamento de imposto predial na localidade de Viadutos – primeiro semestre de 1953 .....	49
Figura 7: Pagamento de impostos sobre profissões e serviços no distrito de Viadutos – 1953 .....	54
Figura 8: Logomarca da Serraria Garibaldi .....	56
Figura 9: Casamentos no distrito de Viadutos –1940-1949 .....	127
Figura 10: Casamentos no município de Viadutos –1960-1969 .....	128

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Pagamento de impostos sobre indústrias e profissões no distrito de Viadutos no primeiro semestre de 1953.....	52
--	----

## SUMÁRIO

1 A ESTAÇÃO VIADUTOS E VIADUTOS: A DINÂMICA DA SUA TERRITORIALIZAÇÃO.....	17
1.1 Muitas histórias.....	17
1.2 Outra história sobre a “Nossa Itália”.....	18
1.3 Por que o estado do Rio Grande do Sul? .....	20
1.4 A América é o Rio Grande do Sul e seus padrões .....	20
1.5 Para os taliani tudo mais fácil! .....	23
1.6 A importância das linhas férreas para o (i)migrante .....	25
1.7 A estação Viadutos na rota da Revolução Federalista .....	32
1.8 A territorialização do espaço da vila Viadutos .....	34
1.8.1 A divisão do espaço construído: os “de dentro” e “os de fora” .....	40
1.8.2 A construção da infra-estrutura do e no local .....	41
2 A TERRITORIALIZAÇÃO ÉTNICO-ECONÔMICA DO ESPAÇO: O DESENVOLVER DAS RELAÇÕES INTERÉTNICAS E A ITALIANIDADE .....	44
2.1 As casas comerciais na vila Viadutos.....	45
2.2 A firma Zordan e os taliani .....	46
2.3 Viadutos: distrito de Marcelino Ramos .....	51
2.4 As madeiras talianas e a exportação .....	55
2.5 A implantação de agroindústrias: o Frigorífico Alegretti.....	57
2.6 A elite taliana e os padres.....	60
3 ASPECTOS SOCIOSSIMBÓLICOS NA CONSTRUÇÃO DA ITALIANIDADE NA LOCALIDADE DE VIADUTOS: O JEITO DE SER TALIAN .....	69
3.1 A Igreja Católica e os “santos ensinamentos” para os taliani de Viadutos .....	70
3.2 A Igreja, o alcoolismo e os bailes .....	73
3.3 A casa da família taliana na colônia .....	75

3.3.1 Porões de pedra para os taliani.....	77
3.4 A educação da família taliana .....	78
3.4.1 A educação formal dos taliani .....	80
3.5 O diferente é o “outro (a)” .....	84
3.5.1 A italianidade e os sobrenomes .....	85
4 A IMPORTÂNCIA DO JORNAL <i>STAFETTA – CORREIO RIOGRANDENSE</i> NO DESENVOLVER DA ITALIANIDADE: A CONSTRUÇÃO DE NANETTOS.....	92
4.1 O <i>Stafetta-Correio Riograndense</i> direcionado aos taliani.....	92
4.1.1 A linguagem taliana e o jornal.....	95
4.2 O nascimento de Nanetto Pipetta: a legitimação da italianidade.....	96
4.2.1 Primeiros tempos de Nanetto Pipetta.....	99
4.3 O jornal para os taliani de Viadutos.....	102
4.3.1 Nanetto Pipetta e os taliani de Viadutos.....	105
4.4 Nanettos, Tognos, Ninos, Pêders e os taliani de Viadutos.....	106
4.4.1 A nomeação de Nanettos dentre os taliani de Viadutos.....	109
5 A DIMENSÃO COMPLEXA DAS RELAÇÕES INTERÉTNICAS EM VIADUTOS: “NÓS” E “ELES”.....	112
5.1 O talian e a prática do filó .....	112
5.2 A tensão das relações interétnicas em Viadutos .....	115
5.2.1 A amizade com “eles” e entre “nós” .....	117
5.2.2 A distância dentre “eles” e “nós” .....	118
5.2.3 O anseio da manutenção da italianidade .....	122
5.2.4 Talian com talian para a continuação da italianidade.....	126
6 O CANTO DA ITALIANIDADE: A EXALTAÇÃO DO SER TALIAN EM VIADUTOS.....	133
6.1. Cantos para elevar a italianidade .....	133
6.1.1 A essência da italianidade em composições musicais .....	135
6.1.2 A exaltação da excelência do talian no trabalho .....	138
6.1.3 A exaltação do talian na prática do catolicismo .....	142
6.1.4 O entendimento de “raça taliana” .....	146
6.2 A exaltação da italianidade na relação do “eu” e dos “outros” .....	147
6.3 A lógica da “dádiva” do ser talian .....	150
6.4 Ser talian: uma condição de risco .....	151
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	153

ENTREVISTADOS.....	157
REFERÊNCIAS.....	159

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A razão primeira que motivou este trabalho foi o desejo de responder a questionamentos existenciais latentes na minha trajetória histórica referentes àquilo que (não) se compreende por ser talian<sup>1</sup> no Brasil. Cresci e nasci num universo de italianidade no qual muito se ouvia dos ascendentes que vieram do Velho Continente, mas nada se falava das reais causas que os tinham feito imigrar e, posteriormente, migrar para o norte do estado sulino. Antes de completar meu primeiro decênio de vida, nas minhas indagações infantis uma pergunta surgia: Para que seleção torcer na Copa do Mundo de 1990: para o Brasil ou para a Itália?

Para a criança que vivia no seu meio social ora a identificação para com a Itália, ora a identificação voltada para o ser brasileiro, o entendimento de ser talian no Brasil traduzido por meio de elementos praticados no cotidiano e definido como de taliani, tornava-se cada vez mais questionável, para não dizer incompreensível. É isso que me levou a buscar, na vida adulta, a explicação e a compreensão de tal fato por meio da pesquisa histórica. A opção por pesquisar sobre a temática desencadeou novos questionamentos, especialmente quanto àquela experiência vivida desde a infância poder se configurar como singular.

Utilizaremos o termo “talian” no decorrer do trabalho como expressão de uma categoria de identificação, de uma identidade étnica produzida no interno. A utilização do termo corresponde à auto-identificação do próprio grupo e, longe de se configurar como depreciativo, apresenta-se como um termo de cunho ufanista, sendo um referencial lingüístico aceito entre os taliani.

Dentre as manifestações compreendidas como decorrentes da italianidade, o anseio de compreendermos o motivo pelo qual o grupo social em estudo manifesta nas relações sociais o desejo de se sobrepor, como, por que e quais são os critérios utilizados foram os pressupostos nos quais assentamos as nossas investigações históricas. Nosso objetivo, portanto, é estudar a (re)construção da italianidade no norte do estado sulino, mais especificamente, em Viadutos, partindo da relação que os identificáveis com aquela categoria mantiveram com os externos, ou seja, a italianidade construída no interno, mas

---

<sup>1</sup> Por se tratar de uma analogia, poderíamos utilizar o termo talian grifando-o em itálico. Contudo, como é uma expressão utilizada ao longo de todo o texto, optamos por não grifá-la.

voltada, também, para o externo, na medida em que se faz no contato com os “outros”, na relação de alteridade estabelecida.

A delimitação espacial e temporal proposta deve-se ao objetivo de compreender a dinâmica das relações interétnicas em Viadutos, evidenciando o histórico da colonização do local, associado ao dinamismo da construção desta territorialidade. A pertinência do trabalho revela-se também no fato de que o processo de compreensão desta construção identitária faz-se não como um fenômeno isolado e estanque, mas com características de vitalidade e legitimidade na relação com os externos no contexto-sistema, com os compreendidos como “outros”. Portanto, a compreensão do processo de (re)construção da italianidade torna-se relevante não somente para os identificáveis com aquela categoria, mas para os externos que almejam compreender as motivações da manifestação da italianidade.

Ao longo do texto optamos por utilizar a expressão “contexto-sistema” para aquilo que definimos como um “mercado” de bens simbólicos para e no sistema do capital, ou seja, a italianidade como uma expressão histórica construída que passa a competir e repercutir positivamente num universo de bens simbólicos.

No que se refere ao espaço geográfico delimitado para a realização da pesquisa, é fundamental ressaltar que a região Norte do estado do Rio Grande do Sul foi constituída por grupos étnicos vários. Em relação aos grupos de ascendência européia na região, evidenciaremos os que predominaram, a saber: alemães, poloneses e taliani. Assim, a (re)construção da identidade étnica taliana em Viadutos perpassa pela compreensão da relação dos taliani com os demais grupos étnicos. Dessa forma, procuraremos avaliar as concepções que ao longo do tempo foram institucionalizadas pelo grupo como inerentes a ele, entre as quais a de “raça superior” e de ser mais trabalhador e católico que os “outros”, ou seja, intentamos compreender por que e quais são os elementos que nutrem a noção de supremacia étnica para os taliani num universo de identificações étnicas várias.

Objetivamos assinalar e avaliar as características que o grupo talian estabeleceu como inerentes a si próprio, verificando se estiveram inscritas nas necessidades do contexto no qual os agentes históricos do grupo estiveram inseridos e, dessa forma, por serem compatíveis com as necessidades do contexto-sistema, foram legitimadas. Por meio da construção da identidade étnica taliana e da exaltação de determinadas características tidas para o grupo como peculiares, observamos a institucionalização da italianidade no local. Os elementos que levam os taliani a se identificarem como tais e a se “sobreporem”

e o porquê dessa manifestação serão apreciados na relação do grupo talian com os demais grupos étnicos da localidade, ou seja, na relação interétnica.

Nosso objetivo é compreender o sentido e a práxis daquela categoria, partindo de parâmetros que definem a italianidade como uma identidade ao longo do desenrolar da sua construção, que é dinâmica, apreendida, rígida e “(ex/a)propriada”.

Em relação à definição da italianidade como uma identidade apreendida, voltamos-nos ao seu entendimento como categoria de *status* no meio social, Viadutos, e, dessa forma, procuramos compreendê-la situada no macro, no entendimento de que é bom ser talian. Perseguindo tal hipótese, se a identificação com a italianidade é algo positivo no contexto-sistema, configura-se numa identidade aprendida à medida que é positivamente aceita e respaldada. Segundo Elias:

Deve-se começar pensando a estrutura do todo para se compreender a forma das partes individuais. Esse e muitos outros fenômenos tem uma coisa em comum, por mais diferentes que sejam em todos os outros aspectos, para compreendê-los, é necessário desistir de pensar em termos de substâncias isoladas únicas e começar a pensar em termos de relações e funções. E nosso pensamento só fica plenamente instrumentalizado para compreender nossa experiência social depois de fazermos essa troca.<sup>2</sup>

Seguindo Elias, a identidade aprendida, sua compreensão, deve ser situada num contexto mais amplo, sendo caracterizada pelas instituições normatizadoras, que contribuem para a legitimação de tal e que são condicionadas pelo dinamismo do contexto-sistema e condicionantes deste. Nesse sentido, a italianidade estaria projetada num universo equidistante, remetendo aqueles indivíduos a se identificarem com tal, não com a mais próxima, a brasileira, compreendida como dos “outros”.

Quanto à identidade rígida, ao nos questionarmos sobre o porquê de a identidade aprendida ganhar vitalidade no espaço social em foco, do porquê de os sujeitos terem a necessidade de uma identificação distinta das demais, evidenciamos que se configura como rígida porque prima por manter-se como tal, zelando pela idéia de positividade que a envolve, evitando o contato e estigmatizando o “outro”. A identidade rígida estaria potencialmente instrumentalizada para primar pela singularidade, por aquilo que se define como “diferenças” entre os grupos sociais daquela espacialidade.

---

<sup>2</sup> ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 25.

A identidade rígida vincular-se-ia ao zelo pela italianidade na perspectiva de não se institucionalizar como futuro-passado, somente passado, mas como futuro-presente justificado no passado. A construção do passado, auxiliando, por sua vez, na construção de um presente e de um passado-futuro que não se permite institucionalizar num presente contínuo, estabelece a idéia de continuidade do grupo num momento em que a sociedade como um todo mostra-se carente de correlações com o passado e de perspectivas do presente como passado no futuro.

Na perspectiva de Thompson<sup>3</sup>, os costumes não estão associados somente ao passado, mas ao presente, onde são (re)inventados e ajustados ao contexto. Em conformidade com o autor, a invenção de costumes é algo sistêmico ao tempo, que é dinâmico; representa a permanência, a mudança e o ajustamento na medida em que aqueles são elementos que estão em constante movimentação.

A identidade apreendida e rígida resulta da necessidade do indivíduo de legitimar-se com as instituições do meio como excelência étnica e é que reconhece numa identidade “(ex/a)propriada” a identificação pró-contexto. A compreensão de identidade “(ex/a)propriada” passa a ter propriedades de diferença positiva, concebidas pela sociedade capitalista como possibilidades para a manutenção no e do sistema por meio do entendimento de que é supremacia étnica.

Ao encontro do entendimento do processo de (re)construção da italianidade numa localidade composta de identificações étnicas distintas, consideramos que o conjunto de memórias e pensares legitimados na sociedade capitalista, que têm suas funcionalidades institucionalizadas e subtraídas aos mandamentos implícitos do contexto, corresponde à constituição do indivíduo como tal para e na sociedade. Nessa correlação de influências institucionais, a identidade do grupo institucionaliza-se e faz-se preservar, pois conquista-constrói vitalidade própria, produzindo e legitimando conceitos pela movimentação-dinamismo dos indivíduos, primando pela manutenção da suposta supremacia étnica no contexto-sistema.

Referentemente à vivência daquilo que nomeamos como uma identidade “(ex/a)propriada”, a evocação de uma identidade equidistante, ainda que não entendida na sua origem e na sua finalidade, passa a ser positivamente aceita naquele meio, uma vez que é necessária para a construção da sociedade e da história daquele grupo social. Na tentativa de elucidar as motivações do processo de (re)construção e manutenção da identidade étnica

---

<sup>3</sup> THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 13-25.

taliana, observamos que o discurso é legitimado enquanto do grupo social talian. Dessa forma, desenvolveu-se dentre aqueles a tradição de os indivíduos pertencerem ao mesmo grupo social com base em elementos do passado, que, por sua vez, são em grande medida construções para a coesão dos indivíduos num mesmo discurso: da supremacia étnica, da italianidade.<sup>4</sup>

Os vestígios sobre a construção da italianidade apontam para o fato de que a tradição do pertencer torna-se mais importante do que as próprias tradições inventadas, pois é a partir da tradição do pertencer que os indivíduos se mantêm coesos ao passado construído e assimilados como tradição. A tradição taliana passa a ser a tradição do pertencer, da identificação enquanto grupo. A apropriação dos fatos do passado e o culto exagerado tornam os indivíduos instrumentalizados a nutrir e a manter a tradição do pertencimento a uma identidade tida como excelente para o contexto-sistema.

No que tange à noção de pertencimento ao grupo talian evidenciamos a dinâmica dos identificáveis com a italianidade, que corresponde a uma maneira de integração e a uma forma de ritualização, postando-se como imposição para com o pertencimento, a tradição do pertencer. A dinâmica da manutenção da tradição do pertencimento talian dá-se de maneira universal, mas também de forma particular. Apontamos como um elemento universalizador o que se refere ao parentesco com indivíduos oriundos da península Itálica e, como particularizador, os locais distintos em que os ascendentes residiam, bem como a sua identificação com aqueles.<sup>5</sup>

Imbuídos da noção de que a categoria da italianidade, sua definição e práxis são dinâmicas, consideramos que o talian se legitima na prática; o indivíduo tem em si uma objetividade que é possível pela sua adaptação ao momento-contexto em que está inserido. No entanto, a prática da valorização da cultura taliana pelos integrantes do grupo constrói-se sobre a desvalorização de “outra cultura”.

Verificamos que a prática da ritualização é necessária para o grupo, porque a identidade nunca será uma totalidade. Observamos que a identidade étnica taliana é uma espécie de agregação contínua de valores, definições, conhecimento, pois o indivíduo busca constantemente a totalidade, pautada em elementos que os identificáveis elencam como o ideário hegemônico do grupo, ou seja, para o próprio grupo, na relação com os “outros” e na manutenção daquele discurso no contexto sistema. A conquista do ideário hegemônico do grupo, principalmente pelo próprio grupo, perpassa pela compreensão e

---

<sup>4</sup> HOBSBAWN, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 17.

<sup>5</sup> HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 47-55.

construção do saber de que o grupo do “eu” é melhor do que o “outro”. A representação do talian como melhor valida-se com base na noção que se constrói em relação ao “outro”, que não se identifica com a italianidade na relação interétnica.

A tentativa de esclarecer e compreender o processo de construção da italianidade é realizada, conforme já assinalado, na localidade de Viadutos. O processo de construção da territorialidade deste espaço social esteve estreitamente vinculado ao fenômeno (i)migratório ocorrido no estado sulino no findar do século XIX e início do século XX sobre o qual há um significativo material disponível produzido pela historiografia sulina.

Para realizar a pesquisa utilizamos leituras referentes à imigração ítala no Brasil e no Rio Grande do Sul no intuito de compreendermos a dinâmica deste processo histórico. Em seguida, lançamos-nos à coleta de informações sobre a territorialidade partindo de depoimentos de indivíduos que a construíram, e constroem, bem como à italianidade. Dos entrevistados, buscamos dar voz aos identificáveis como taliani (nove depoentes), poloneses (sete depoentes) e alemães (cinco depoentes), para identificar o reconhecimento e entendimento da italianidade entre os externos e internos e como se revela na relação social. É relevante ressaltar que o processo de entrevistas, realizado na área rural e urbana, oportunizou-nos contatar com elementos, especialmente na área rural, dos quais não tínhamos conhecimento, como os cemitérios abandonados e a arquitetura interna dos porões de pedra.

O pouco material sistematizado que encontramos refere-se à produção de um padre capuchinho que, na década de 1960, escrevendo parte da trajetória histórica da sua família até o local, forneceu-nos subsídios para este trabalho. Este escritor possui o mesmo sobrenome de quem escreve este trabalho, porém a sua utilização como fonte não se deve à questão do parentesco, mas ao fato de o material se configurar numa fonte não utilizada até o momento.

No Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font de Erechim pesquisamos parte da documentação referente à construção da configuração atual da territorialidade de Viadutos e nas prefeituras dos municípios de Marcelino Ramos e Viadutos buscamos documentos referentes à construção desta localidade. Na busca por compreender como o talian se construiu e se constrói em Viadutos, pesquisamos nas delegacias de polícia do município e de Gaurama vestígios que apontassem para a existência de conflitos entre grupos sociais identificados como “diferentes”, pois formulamos a hipótese de que a exaltação da italianidade na relação com os não-identificáveis poderia ter gerado situações conflituosas.

Pesquisamos no Cartório Civil de Viadutos a realização de casamentos dentre os taliani no intuito de avaliar se a italianidade percorria a noção de manutenção entre estes e destes com os “outros” verificando em que proporção as uniões conjugais interétnicas ocorriam na territorialidade. Nesse aspecto, analisamos aproximadamente 780 registros civis da localidade.

No acervo do grupo de cantos taliani valemo-nos das composições musicais para a pesquisa, haja vista que fazem referência à italianidade, refletindo-a e exaltando-a como retrato fidedigno da presença dos taliani no local. Analisamos mais de uma centena de composições tidas pelo grupo como “resgate” da história dos taliani em Viadutos.

Em Porto Alegre, os documentos relacionados ao jornal *Correio Riograndense*, de circulação entre os taliani de Viadutos, sob o cuidado do frei Rovílio Costa, foram importantes na compreensão da dinâmica da construção do sujeito talian. Neste meio de comunicação voltamos-nos à figura de Nanetto Pipetta e aos artigos que traduzem a presença do personagem no periódico, importantes para compreendermos a dimensão, a construção e a manutenção da italianidade para e naquele grupo.

Dividimos nosso trabalho em seis capítulos. No primeiro ressaltamos o processo (i)migratório dos identificáveis com a italianidade no norte do estado do Rio Grande do Sul e o dinamismo da construção da territorialidade de Viadutos, enfatizando a construção da italianidade associada à dinâmica daquela territorialização, em que medida a configuração daquele espaço social auxiliou no desenrolar da categoria talian, potencializou-a e legitimou-a.

Num segundo momento evidenciamos o desenrolar das relações sociais e a italianidade que se fazia construir naquele local, a construção daquele espaço social como decorrente e decorrência da identidade que se construía, além da territorialização étnico-econômica. Avaliamos as causas e elementos que estabeleceram no senso comum a compreensão de que “Viadutos é terra de talian”, sustentando a idéia de uma suposta supremacia étnica.

Dedicamos o terceiro capítulo a contemplar aspectos sociossimbólicos da italianidade, elementos que contemplam e que sustentam a categoria de taliani para e naquele local e como se faz valer na praticidade das relações sociais entre os taliani de Viadutos, bem como as motivações que levam os indivíduos a almejar tal identificação no sistema-contexto.

Em seguida, no quarto, ressaltamos a importância do jornal *Correio Riograndense* na construção do sujeito e da categoria de taliani. Deste meio de comunicação enfatizamos

o personagem Nanetto Pipetta, procurando estabelecer elementos de identificação entre este e os taliani, avaliando a sua contribuição na manutenção, potencialização e contínua construção da italianidade.

No quinto capítulo dissertamos sobre a complexidade das relações sociais estabelecidas entre o grupo talian e os “outros”. Observamos em que medida as relações interétnicas se desenrolavam no campo da amizade e matrimonial, evidenciando as concepções norteadoras de excelência étnica que nutrem a italianidade: o trabalho, a “raça” e a fé.

Por último enfatizamos a manifestação da italianidade, a compreensão da excelência entre o próprio grupo, para a sociedade-sistema na qual os taliani estão inseridos através das composições musicais talianas. Procuramos evidenciar a noção de supremacia étnica da italianidade e o entendimento desta categoria por meio do discurso universalizado em cantorias.

# 1 - A ESTAÇÃO VIADUTOS<sup>6</sup> E VIADUTOS: A DINÂMICA DA SUA TERRITORIALIZAÇÃO

Para a compreensão do processo de construção da territorialidade da localidade de Viadutos, iniciamos com uma breve leitura dos fatores que determinaram a “ocupação” deste espaço social. Fazemos referência à trajetória do processo (i)migratório dos ítalo para o Brasil e às migrações internas destes no estado do Rio Grande do Sul, enfatizando a localidade de Viadutos.

Nosso intento é associar a (re)construção da italianidade na localidade inserida na dinâmica do contexto, gestor da própria estada do grupo no local e da sua identificação como tal; como e por que a categoria talian teve vitalidade e sustentabilidade e quais os elementos que propiciaram tal identificação, nesse espaço social.

Importa salientar que abordaremos o desenrolar dos fatos enfatizando o “processo inicial” da presença dos grupos no local e das relações interétnicas. Evidenciaremos elementos que propiciaram a identificação para com a italianidade, a produção dessa identificação étnica no interno, mas reconhecida também pelo externo.

## 1.1 Muitas histórias...

A intencionalidade da ocupação das terras do Rio Grande do Sul no século XVIII confunde-se com a própria formação do Estado-nação brasileiro e a necessidade de delimitar seus espaços territoriais, firmando-se como Estado-nação moderno no contexto do capitalismo internacional.<sup>7</sup> O expansionismo do mercado europeu, especialmente com expoente do capital no período, a Inglaterra, fazia-se refletir na política imperial-provincial brasileira e nas ações colonizadoras do estado rio-grandense. A partir do acordo entre

---

<sup>6</sup> A utilização do termo vila Viadutos evidencia-se na obra de THOMÉ, L. F. *Marcelino Ramos: histórico*. Erechim: Livraria e tipografia modelo, 1962, referenciando o início da constituição do povoado. No entanto, utilizaremos ao longo do texto a denominação atual do local, ou seja, Viadutos.

<sup>7</sup> HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1790 - Programa, mito realidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 44-51.

Brasil e Inglaterra em 1808, com a abertura dos portos, mais do que “se abrir” como um importante mercado consumidor para a Inglaterra, o Brasil passou a assegurar o consumo e a entrada de produtos ingleses no país.

O Brasil, naquele período, valia-se do sistema de trabalho escravo, o que não assegurava ao mercado europeu um público consumidor de seus produtos. Este fato tornou-se ao longo do século XIX, somado ao fato do encarecimento da manutenção da mão-de-obra escrava, propulsor da idéia de abolir o sistema de escravidão no país. Foram esses fatores primordiais no processo de formação do espaço rio-grandense.

A ocupação das terras que compreendem a territorialidade do estado do Rio Grande do Sul não ocorreu de maneira uniforme e simultânea, mas em conseqüência de intencionalidades distintas em momentos diferentes. Foi no século XVIII que se iniciou o povoamento no Rio Grande do Sul. A metade sul do estado, área constituída de grandes propriedades, latifúndios, tem sua origem na concessão de sesmarias doadas pelo governo imperial. Por sua vez, as terras localizadas na Depressão Central do estado foram ocupadas por colonos açorianos no início do século XVIII. Então, somente as serras, os peraus, que não apresentavam lucratividade para os grandes proprietários não haviam sido ocupados. E seria a esses que o Estado brasileiro iria incorporar o imigrante europeu como cidadão partícipe da manutenção do Estado no sistema do capital.

## 1.2 Outra história sobre a “Nossa Itália”

A expansão da produção industrial repercutiu em toda a Europa. Na Itália, o impacto se fez refletir nas atividades realizadas artesanalmente, nas práticas agrícolas, que cada vez menos dependiam de mão-de-obra para trabalhar, e na concentração cada vez maior da terra<sup>8</sup>. A unificação da Itália também se incorporava às necessidades do contexto mundial, pois a coesão e unificação das províncias italianas eram importantes para a conjuntura do momento.

Diante do contexto expansionista industrial, a Itália não conseguiu atender as suas carências e cada vez com maior intensidade mantinha uma reserva de mão-de-obra não qualificada para as novas demandas produtivas. Aqueles indivíduos que não detinham as

---

<sup>8</sup> CARBONI, F.; MAESTRI, M. (Org.) *Raízes italianas no Rio Grande do Sul*. Anais do I Seminário Ítalo-Gaúcho de Cultura da ACIRS (1998). Passo Fundo: Ediupf, 2000, p. 16-17.

habilidades necessárias para as exigências daquele momento expansionista do capital acabaram sendo considerados um estorvo para a Itália, que não demonstrava interesse em integrá-los à nova ordem. Assim, sem terra, sem emprego, sem o prestígio hipócrita dos títulos da academia, sem um “grande nome”, parte da população que vivia em condições de extrema pobreza em seus locais de origem foi “despachada” para outros países, constituindo-se, assim, num grande negócio para os “chefões” italianos.

O processo migratório italiano foi moldado sob o olhar atento dos capitalistas do Brasil e da península Itálica na perspectiva de o evento configurar-se num “grande negócio”.<sup>9</sup> A venda da imagem de um país e de condições de vida supra-reais em relação ao modo de vida que vivenciavam na Itália intensificou a imigração para a América e para o Brasil. Conforme Mário Maestri:

[...] a imigração prometia futuro risonho a todos. Os imigrantes obteriam propriedades tidas na Itália como latifúndios. Despovoando-se as aldeias, aumentaria a oferta de trabalho para os que ficassem e reduzir-se-iam os arrendamentos. As finanças nacionais engrossariam com as remessas dos expatriados.<sup>10</sup>

O governo brasileiro, com a imigração, resolveria o problema dos fazendeiros cafeicultores, que necessitavam substituir a mão-de-obra escrava porque estava se tornando muito onerosa a manutenção do trabalho escravista, incompatibilizando-se com as necessidades do contexto. Porém, nem toda a mão-de-obra foi absorvida pelos cafeicultores, sendo o excedente encaminhado pelo governo e agentes da imigração para as terras sulinas e para o Rio Grande do Sul. Além de este estado brasileiro constituir-se num estado potencial de absorção da mão-de-obra européia, o fato de os imigrantes serem brancos também pesou na retórica positivista e positiva da imigração ítala no Brasil.

### 1.3 Por que o estado do Rio Grande do Sul?

---

<sup>9</sup> CORTEZE, D. P. *Ulisses va in América*. História, historiografia e mitos da imigração italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914). Passo Fundo: Ediupf, 2002.

<sup>10</sup> MAESTRI, M. *Os senhores da serra*. A colonização italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914). Passo Fundo: Ediupf, 2000, p. 27.

A imigração e colonização européia destinavam-se no estado sulino ao “preenchimento” de terras, à colonização e à exploração destas num processo de valorização contínua das glebas. A atividade agrícola foi a ocupação que o maior número de imigrantes praticou no Rio Grande do Sul. Nessa prática, o excedente da produção agrícola da pequena propriedade era vendido no mercado interno, abastecendo e barateando o custo dos produtos para os consumidores brasileiros, principalmente para os latifundiários. Na verdade, a pequena propriedade do imigrante ítalo não representou concorrência à grande propriedade, pois a lógica da produção dos pequenos proprietários atrelava-se à negociação interna da produção, ao passo que o latifúndio objetivava a manutenção e o crescimento no mercado externo.

No Rio Grande do Sul, a política borgista castilhistas, vinculada à doutrina positivista comteana<sup>11</sup>, visualizava a política imigrantista européia como meio de branquear a população, haja vista que o sul apresentava-se como uma das regiões com os maiores índices de população escrava do país.<sup>12</sup> Então, o Estado brasileiro recrutou os imigrantes ítalos para atender às suas necessidades naquele contexto-momento histórico, ao contrário da idéia que o senso comum, incluindo-se o do grupo talian, propaga de que escolha do local teria partido do “instinto desbravador” daquele grupo.

#### **1.4 A América é o Rio Grande do Sul e seus padrões**

A América dos ítalos que se estabeleceram no Rio Grande do Sul correspondeu e limitou-se ao próprio estado. A compreensão da América, “do fazer a América”, associou-se ao espaço trabalhado pelo imigrante para “construir fortuna”, ou seja, ao espaço labutado para ser patrão de si mesmo no Rio Grande do Sul. Tal valorização foi viabilizada porque era importante para o estado e para a sua construção a demonstração externa de um estado formado com potencialidades variadas para o sistema, tanto em relação ao “material humano” quanto às necessidades do capital.

O “fazer a América” que os ítalos intencionavam era o que interessava aos concentradores do capital nacional: representava elementos de garantia da manutenção dos

---

<sup>11</sup> CASSOL, E. *Carlos Torres Gonçalves: vida, obra e significado*. Erechim: São Cristóvão, 2003.

<sup>12</sup> MAESTRI, M. *Deus é grande o mato é maior!* Trabalho e resistência escrava no Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Ediupf, 2002.

capitalistas nacionais no sistema, ao mesmo tempo em que inseria os sem-terra ítalos na gangorra do capital.

As primeiras colônias fundadas no Rio Grande do Sul, por volta de 1870, foram nomeadas referendando o genro do imperador, colônia Conde d'Eu, e a princesa imperial, colônia Princesa Dona Isabel. Cinco anos mais tarde, uma nova colônia seria fundada com o intuito de promover o “povoamento do local”, denominada de Fundos de Nova Palmira, posteriormente denominada de Pérola das Colônias.<sup>13</sup> Por isso, a região serrana do Rio Grande do Sul passou a ser (re)conhecida como o berço da imigração ítala.

O estabelecimento dos imigrantes no estado por volta de 1870 vinculava-se à ação do Império brasileiro, que detinha o controle sobre a colonização das colônias Conde d'Eu e Dona Isabel.<sup>14</sup> Com o advento do sistema federalista no Brasil, a responsabilidade da colonização foi passada aos Estados, com o que parte das terras do Rio Grande do Sul foi vendida a companhias privadas.<sup>15</sup> Então, não muito distantes das primeiras colônias de imigrantes ítalos, as colônias Silveira Martins e Alfredo Chaves foram fundadas.

Entretanto, a infra-estrutura necessária para a colonização das terras sulinas não foi realizada na sua totalidade pelo Estado brasileiro. Para Manfroi, a idéia da fortuna fácil, da “construção da América”, só teve vitalidade em virtude da falta de opções dos imigrantes e do estado de extrema pobreza em que eles viviam na Europa.<sup>16</sup> O sonho de fazer fortuna tornava-se distante da realidade oportunizada e vivida pelos imigrantes no Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, da utopia da fortuna fácil idealizada pelas publicidades imigrantistas propagadas na Itália.

Os provincianos estigmatizados pela sociedade europeia transformavam-se em verdadeiros deuses<sup>17</sup> que iriam “construir” fortuna e a América. A propaganda do governo italiano sobre as vantagens de aquisição do material humano no Brasil é relatada por Maestri:

A proposta do colono italiano afável, disciplinado, econômico, educado, forte, incansável, perseverante, sóbrio, trabalhador, valente, respeitador das autoridades fazia parte da retórica das elites peninsulares, já que facilitava a expatriação das massas expulsas da península e das ilhas pela falta de trabalho e de terras. No Sul

<sup>13</sup> MANFROI, O. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Implicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre: Grafosul, 1975, p. 97-103.

<sup>14</sup> COSTA, R.; DE BONI, L. A. *Os italianos no Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: EST-SLB; Caxias do Sul: Educ; Porto Alegre: Vozes, 1982, p. 65-66.

<sup>15</sup> MAESTRI, *Os senhores da serra...*, p. 19-21.

<sup>16</sup> Op. cit., p. 97-103.

<sup>17</sup> CORTEZE, *Ulisses va in América...*, p. 60-74.

do Brasil, desde os primeiros tempos, essa linguagem esteve presente na falta dos representantes consulares.<sup>18</sup>

Os pressupostos positivistas, nos quais os governantes rio-grandenses se embasavam, foram fundamentais para a manutenção do discurso do governo brasileiro em relação aos imigrantes. A ordem e o progresso em que se fundamenta o discurso positivista estabelecia o trabalho como meio para o sucesso nacional, colonial e rio-grandense. E o imigrante ítalo, portanto, passou a representar a possibilidade do estabelecimento da ordem para o progresso no estado através do trabalho livre. Núncia Santoro de Constantino registra a respeito:

Borges procurou revitalizar a colonização e usou, como uma das estratégias, um discurso de valorização exaustiva do imigrante italiano no Estado, imigrante que serviu como modelo de cidadão, operoso e ordeiro, capaz de fácil assimilação. Tal discurso está próximo das concepções do imigrante, ansioso por uma segunda pátria, que lhe oferece a possibilidade de acesso à propriedade de terra, onde poderá demonstrar sua capacidade de trabalho.<sup>19</sup>

O contexto rio-grandense mostrou-se favorável para o ingressante europeu ítalo na medida em que este passou a ser reconhecido como indivíduo dotado de qualidades para promover a “ordem e o progresso do local”, e o que era praticamente impossível em suas localidades de origem na Itália, rapidamente era obtido no novo país. O acesso facilitado à aquisição de terras e o prestígio do indivíduo trabalhador passaram a fazer parte do imaginário do imigrante ítalo no Rio Grande do Sul.

### **1.5 Para os taliani tudo mais fácil!**

A inserção dos ítalos na sociedade rio-grandense e nacional deu-se de maneira e em circunstâncias completamente distintas das dos negros alforriados. Embora com dificuldades, os imigrantes tiveram a oportunidade de consolidar parte dos anseios que os

---

<sup>18</sup> CORTEZE, *Ulisses va in América...*, p. 35.

<sup>19</sup> CARBONI; MAESTRI, (Org.) *Raízes italianas no Rio Grande do Sul...*, p. 71.

tinham motivado a imigrar, o que não ocorrera no caso do grupo afro, que, embora estando na condição de livre, esteve sempre preso às impossibilidades impostas do sistema, uma vez que eram de cor, ex-escravos, iletrados e estigmatizados como indolentes. O anseio de ser patrão de si mesmo pela exploração da terra só foi viabilizado para os imigrantes europeus no Brasil, ao passo que o povo afro-brasileiro não teve nenhum amparo estatal para libertar-se do estigma que a sociedade-sistema tinha lhe outorgado. Por sua vez, o povo indígena, após ver suas referências territoriais serem apropriadas para o sistema do lucro, foi largado à própria sorte. E também o grupo caboclo foi impossibilitado e proibido de adquirir lotes coloniais<sup>20</sup>, sendo obrigado a abrir mão da possibilidade de vincular-se ao novo modelo agrário que se estabelecia no estado, viabilizado por políticas de caráter público.

As glebas de terras que os ítalos adquiriam no Rio Grande do Sul não ultrapassavam os 25 hectares. A divisão das terras seguia a regulamentação da Lei de Terras de 1850, na qual se previa o caráter meramente comercial e se estabeleciam as projeções das glebas previstas em medidas de léguas, travessões e lotes.<sup>21</sup> A aquisição de um pedaço de terra, seguida do trabalho como meio para “construir fortuna”, foi elemento de estabilidade e de conformação para os imigrantes na nova dinâmica produtiva capitalista.

O contato do imigrante com um universo distinto daquele vivido na Europa forçou-a se adaptar ao novo meio, uma vez que as possibilidades de retorno ao local de origem eram praticamente nulas. Para Tedesco,

[...] no contato do homem com a natureza, há um sentido prático, há trabalho, há desejos de domínio e de adaptação. Nesse contato, que não é estático, o homem procura retirar o necessário às exigências sociais e biológicas, bem como constrói seu habitat como base nessas exigências culturais condicionadas ou não.<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> CARBONI; MAESTRI, (Org.) *Raízes italianas no Rio Grande do Sul...*

<sup>21</sup> MAESTRI, *Os senhores da serra...*, p. 24.

<sup>22</sup> TEDESCO, J. C. *Um pequeno grande mundo: a família italiana no meio rural*. Passo Fundo: Ediupf, 2001, p. 23.

A família imigrante taliana<sup>23</sup> esteve exposta a constante adaptação. Foi assim que o exercício contínuo de adaptação e a vivência do novo espaço conduziram a que o grupo de imigrantes desenvolvesse hábitos e costumes nos locais habitados. A construção da vida “nova” na América perpassou pela construção de elementos de identificação entre os imigrantes ítalos, já que na Itália a unificação do país só havia atingido os planos burocráticos e diplomáticos, pois a população continuava a identificar-se no Rio Grande do Sul com o local de origem na Itália, ou seja, com as províncias de onde havia imigrado, não como italianos.<sup>24</sup>

Na organização do espaço, a religião, vinculada à instituição católica, somou-se aos elementos de identificação e coesão do grupo ítalo no estado. Segundo Manfroi, “nas colônias italianas do Rio Grande do Sul, a religião longe de ser um ópio do povo, foi um fator de integração e uma força de dinamismo econômico”.<sup>25</sup> O imigrante ítalo do e no Rio Grande do Sul representava o ítalo pró-Igreja Católica, e este foi um dos fatores que levaram a que os imigrantes compreendessem a instituição como extensão e parte da organização social que se firmava. A Igreja configurou-se para os imigrantes no Rio Grande do Sul como a instituição que lhes oportunizava a manutenção de vínculos com o Velho Mundo, como centro de referência para a nova organização que se fazia. Logo, o amparo religioso dado pela instituição católica favoreceu a contínua conversão dos imigrantes, mantendo-os fiéis aos mandamentos da Igreja.<sup>26</sup>

A instituição familiar dos imigrantes também se constituiu como referência de identificação do grupo para a sociedade sulina, porque, em consequência das péssimas condições de vida de maioria dos imigrantes na Itália, suas famílias eram relativamente pequenas, porém, no Brasil, tornaram-se consideravelmente numerosas. Nesse sentido, o aumento do número de filhos segue a lógica da reprodução de “braços fortes” para labutar nas terras, da imigrante fértil e reprodutora de “mão-de-obra ordeira” e da Igreja em sua ação de inibir as mulheres no uso de recursos anticonceptivos, seguindo a retórica de que o sexo associava-se somente à prática da reprodução.<sup>27</sup>

O grande número de filhos dos taliani associa-se à compreensão que o imigrante tinha da gleba adquirida: para eles, as terras representavam verdadeiros latifúndios em

---

<sup>23</sup> Referimo-nos à família imigrante italiana porque, segundo De Boni e Costa, a imigração italiana no Rio Grande do Sul configurou-se com um fenômeno predominantemente familiar. COSTA; DE BONI, *Os italianos no Rio Grande do Sul...*, p. 81.

<sup>24</sup> MANFROI, *A colonização italiana no Rio Grande do Sul...*, p. 88-100.

<sup>25</sup> Op. cit., p. 156.

<sup>26</sup> COSTA; DE BONI, *Os italianos no Rio Grande do Sul...*, p. 128.

<sup>27</sup> VANINI, I. *O sexo, o vinho e o diabo*. Demografia e sexualidade na colonização italiana no Rio Grande do Sul – 1906-1970. 2. ed. Passo Fundo: Ediupf, 2004.

relação à compreensão que detinham de latifúndio na península Itálica.<sup>28</sup> Assim é que, no ano de 1925, a média era de 7,2 filhos para cada família.<sup>29</sup> Por conseqüência, o espaço social da colonização ítala no Rio Grande do Sul inchava, pois as glebas tornaram-se pequenas para as famílias que cresciam e, sobretudo, quando os filhos do sexo masculino se casavam. Para estes, as famílias, procuravam oportunizar o acesso à terra de maneira que pudessem ter estabilidade financeira para construir novas famílias e manter a condição de provedor.

Com o aprendizado de inúmeras técnicas agrícolas caboclas<sup>30</sup>, os imigrantes ocuparam e exploraram a pequena propriedade agrícola intensivamente, como meio de assegurar as demandas necessárias de suas numerosas famílias. Assim, logo a terra passou a ser pouca e gerou-se uma nova leva de sem-terras. Novamente, então, os taliani sem terra seriam instruídos e estimulados a migrar para outras terras, formando-se as Novas Colônias talianas no Rio Grande do Sul.

## 1.6 A importância das linhas férreas para o (i)migrante

A região Norte do Rio Grande do Sul foi a última a ser ocupada por (i)migrantes europeus e pela lógica do sistema do capital. Em relação à política que se exercia no Rio Grande do Sul, Wolff relata:

As demandas de um período marcado pelo domínio do PRR reforçaram o uso da ferrovia no Rio Grande do Sul como elemento de poder político e de estratégias militares. Se as imagens idealizadas dos caminhos de ferro conseguiram, em muitos momentos, neutralizar a presença de conflitos, quando dos movimentos de 1923 e 1930, a rede escancarou a realidade de seu usufruto e utilização como instrumento a serviço da parcela política que pretendia a manutenção ou a ampliação do poder.<sup>31</sup>

---

<sup>28</sup> MAESTRI, *Os senhores da serra...*

<sup>29</sup> MAESTRI, op. cit., p. 86.

<sup>30</sup> MARCON, T. *Memória e cultura: modos de vida dos caboclos no Goio-Em (Santa Catarina)*. Chapecó: Argos, 2003, p. 145.

<sup>31</sup> WOLFF, G. H. *Trilhos de ferro, trilhas de Barro*. A ferrovia no norte do Rio Grande do Sul – Gaurama (1910-1954). Passo Fundo: Ediupf, 2005, p. 250.

Embora a autora refira-se ao período dos movimentos de 1923 e 1930, consideramos a investida do estado sulino como uma manobra para fortalecer-se politicamente, visto que se embasava em pressupostos positivistas defendidos pelo PRR (Partido Republicano Riograndense), que era o da ordem e do progresso. Segundo Wolff,

[...] a atuação positivista no Rio Grande do Sul foi determinante na condução dos destinos da rede ferroviária, na medida em que aceitou politicamente sua unificação em 1905 e culminou com a encampação da VFRGS, efetuada por Borges de Medeiros em 1920. [...] os objetivos positivistas então se concretizaram no aspecto da “socialização dos serviços públicos”.<sup>32</sup>

Os investimentos de capitais internacionais na região podem ser considerados um marco na história regional, uma vez que com a implementação das linhas férreas uma nova dinâmica foi incorporada, incluindo-se a presença dos (i)migrantes e os investimentos do estadunidense Percival Farquhar e da companhia belga Auxiliare de Chemins de Fer.<sup>33</sup>

A saída dos taliani das Colônias Velhas e o seu deslocamento para o “novo local” associou-se a garantia de ganhos que a construção ferroviária prometia aos colonos. Muitos deles, então, deslocaram-se para o norte do estado para trabalhar e procurando ser remunerados pelas empresas ferroviárias, inclusive para serem mão-de-obra executora das tarefas mais desgastantes que a estruturação das linhas férreas demandavam.

A presença dos (i)migrantes no norte do Rio Grande do Sul, a sua vinculação com a exploração da terra pautada na pequena propriedade e a instalação das linhas férreas constituíram o tripé pelo qual a região passou a ser caracterizada no início do século XX. Distante de configurar-se num local sem maiores intencionalidades de investimentos de capitais, a região constituía-se num negócio vantajoso ao capital estrangeiro, tanto para os donos das empresas responsáveis pela instalação das linhas férreas na região como para as companhias de colonização de terras privadas.<sup>34</sup>

Os (i)migrantes identificados com a italianidade que construíram e legitimaram a territorialidade do norte do estado e de Viadutos estiveram atrelados a negócios de grandes capitalistas proprietários de terras, pois a pequena propriedade decorria da divisão de expressivas extensões territoriais. A empresa de colonização privada que intensificou

---

<sup>32</sup> WOLFF, G. H. *Trilhos de ferro, trilhas de Barro...*, p. 326.

<sup>33</sup> WOLFF, op. cit., p. 86.

<sup>34</sup> WOLFF, op. cit., p. 41.

suas negociações no local foi a Empresa Colonizadora Luce Rosa & Cia Ltda. Segundo Wolff,

[...] a Gesellschaft Luce Rosa & Cia Ltda, teve sua origem em 1883, quando Adolfo Guilherme Luce, Timóteo da Rosa, Ernesto Heussler, Hans Méier, Felisberto de Azevedo e José Petry adquiriram 3641 colônias de terra. Ao comprarem a parte dos demais sócios Adolfo Guilherme Luce e Timóteo da Rosa, deram-lhe a denominação de Empresa Colonizadora Luce Rosa & Cia Ltda.<sup>35</sup>

A autora nos sugere que nem todas as terras da empresa localizavam-se no Rio Grande do Sul, pois parte pertencia ao estado de Santa Catarina. Uma das sedes da Empresa Colonizadora Luce Rosa foi estabelecida no distrito de Barro, atual município de Gaurama, que se constituiu, este, em referência comercial regional em decorrência disso e das demais empresas e estabelecimentos comerciais que se instalaram no distrito.<sup>36</sup>

A colonização das terras do atual município de Viadutos fez-se também por via estatal. A Comissão de Terras e Colonização, com um escritório na estação Barro, facilitava a aquisição de pequenas glebas pertencentes ao estado.<sup>37</sup> No relato de Veronese:

As terras pertenciam ao govêrno. Cada família requisitava uma colônia de 12 alqueires. Havia o fiscal de terras para o serviço de entrega e controle. Lembra-me, talvez em 1919, o fiscal, um certo Vargas, um belo dia aparece lá por casa. Vai direto onde estavam os irmãos maiores cortando o mato. Embargou o trabalho. Nem mais uma árvore podia ser abatida. Nem mais um palmo podia roçar. Agüentariam com as consequências, isto é, multa e prisão, se desrespeitassem as ordens. [...] Entretanto, toda a vez que subíamos à Estação e passássemos lá por perto, era com horror que olhava a choça, onde morava o dito cujo. Isso porque não deixava cortar mais mato. E ele não trabalhava. Andava a cavalo. Nem sequer apeio do cavalo aquêle dia que veio embargar a derrubada. Qual a razão propriamente do embargo? Ninguém nunca soube ao certo. Alegava motivo de que as terras ainda não estavam traceadas. E o governo, apenas 12 anos mais tarde traciaria aquelas terras. Mas os impostos sempre eram cobrados.<sup>38</sup>

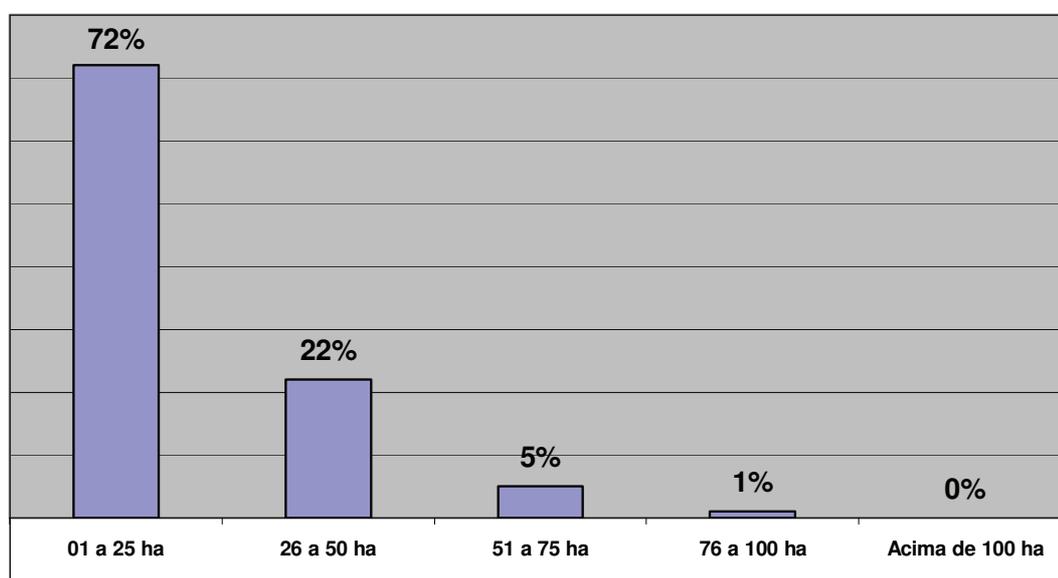
<sup>35</sup> WOLFF, *Trilhos de ferro, trilhas de Barro...*, p. 161.

<sup>36</sup> WOLFF, op. cit., p. 161. Em relação às terras colonizadas pela empresa Luce Rosa, a autora evidencia que das 3641 colônias adquiridas pela empresa, 1600 foram colonizadas no Rio Grande do Sul e 2041 em terras localizadas no estado de Santa Catarina, atualmente municípios de Itá, Seara e Chapecó.

<sup>37</sup> WOLFF, op. cit., p. 161.

<sup>38</sup> VERONESE, D. *Caminho percorrido*. Caxias do Sul: São Miguel, 1964, p. 10-12. O migrante talian nasceu em Antônio Prado e migrou para a localidade de Viadutos no ano de 1918.

A constituição da territorialidade de Viadutos processou-se por meio de iniciativas pública e privada, ambas vendendo lotes rurais que não ultrapassavam os 25 hectares. A construção do espaço configurou-se exclusivamente pautada na estrutura agrária dos minifúndios, o que permanece vigente na contemporaneidade. Em relação à estrutura agrária de Viadutos, observamos na década de 1950<sup>39</sup> a prevalência dos minifúndios não ultrapassando os 25 hectares, os quais representavam 72% das propriedades rurais naquele período.



Fonte: Prefeitura Municipal de Marcelino Ramos.

Figura 1: Lotes Rurais. Área (em hectares) das propriedades rurais na localidade de Viadutos-1953.

A mão-de-obra necessária para a instalação das linhas férreas e das edificações dos viadutos não se restringiu à dos (i)migrantes e descendentes de europeus. Contudo, quanto aos não (i)migrantes que participaram da construção da ferrovia que percorre a territorialidade de Viadutos, não há registros sistematizados que demonstrem a sua procedência.

Entretanto, a presença daqueles no local torna-se evidente quando observamos as cruzeiras existentes ao longo da estrada de ferro. Nos túmulos e nas cruzeiras não encontramos

<sup>39</sup> Os dados foram extraídos do livro referente ao pagamento de impostos do ano de 1953. Arquivo da Prefeitura Municipal de Marcelino Ramos - RS.

informações referentes à procedência dos mortos, como nome, data de nascimento e falecimento. O senso comum do local relata que pertencem a indivíduos que trabalhavam na construção da estrada de ferro, no entanto isso está carregado de mitos, tanto que a comunidade não gosta de fazer referência aos corpos ali enterrados e abandonados.<sup>40</sup>



Fonte: Acervo particular de Marilei Veroneze.

Figura 2 – Cruzes dispostas ao longo da estrada de ferro na localidade de Anta Mansa, no interior do município de Viadutos.

Quanto à presença de indígenas naquele espaço social, também não dispomos de nenhum registro sistematizado ou de vestígio concreto. Lauro Nelson Fornari Thomé relata a presença de indígenas naquela região:

Por essa época era a região habitada pelos bugres, índios conhecidos por “Coroados”. Os coroados andavam nus. Habitavam as matas das margens do Rio

---

<sup>40</sup> Registramos a presença de cruzes na proximidade do viaduto da localidade de Anta Mansa, no interior do município, rumo à estação de Marcelino Ramos. Já os túmulos, as lajes, estão dispostos nas proximidades das linhas férreas que perpassam a localidade de Linha Bonita, também no interior do município. Quanto aos mitos, especificamente em torno das cruzes, remetem principalmente ao fato de que os mortos enterrados na localidade Linha Anta Mansa perambulam pelas matas da localidade à noite, iluminados ou iluminando o mato e o local. Associado também a esse mito nutre-se no senso comum de que aqueles mortos eram portadores de bens materiais e que foram enterrados juntamente com os mortos no local. Inclusive, quando da nossa visita, observamos inúmeras escavações feitas nas proximidades.

Uruguai, desde a foz do Peperiguaçu até a foz do rio Canoas. Os caciques eram “Nonoai” e “Cundã”.<sup>41</sup>

A organização do espaço urbano do município processou-se segundo os preceitos da doutrina positivista e nas proximidades das linhas férreas. No espaço em estudo, parte das atividades comerciais do período desenrolou-se próximo à estação férrea Viadutos. Segundo o talian V. P. a construção da estação não se deu sem conflitos entre os trabalhadores, tendo havido desentendimentos e mortes nas proximidades da estação. O entrevistado V. P. ressalta:

No tempo da estrada de ferro que tavam fazendo a estrada de ferro, ali onde tem a prefeitura velha, eu acho que morreu uns vinte só numa noite. [...] Brasileiro, com os italiano junto. Aqueles do lastro da estrada de ferro né, então foi uma mortandade federal, porque tinha um russo ali, e ele tinha seis bala no revólver, e mato seis negô.<sup>42</sup>

Numa carta enviada à Comissão de Terras na década de 1920, verificamos relato de conflitos ocorridos entre indivíduos que trabalhavam no local:

Interpretando o sentimento da população laboriosa e ordeira d’este povoado, venho á sua presença rogar-lhe a fineza de determinar que permaneça aqui, pelo tempo que for necessário, a escolta da Brigada Militar, que teve a bondade de enviar a semana passada, atendendo ao pedido de diversas pessoas gradas, para a tranqüilidade da população que estava alarmada com a presença de um grupo de desordeiros, pois com a chegada da mesma terminaram as ameaças que vinham sendo feitas da referida escolta tem sido digna dos maiores encômios. [...] Pode V.S. ficar tranqüilo á respeito da escolta, da qual nos ocuparemos somente em casos de extrema necessidade e d’entro da lei para evitar exploração por parte dos adversários.<sup>43</sup>

Não sabemos os motivos pelos quais os desentendimentos ocorriam, porém não descartamos a hipótese de o grupo definido pelo emissor da carta como “adversários” corresponderia a indivíduos que habitavam aquela localidade e que, com a ação da empresa

<sup>41</sup> THOMÉ, *Marcelino Ramos*:..., p. 16.

<sup>42</sup> PIOVESAN, V., 71 anos, descendente de ítalos, Linha Bonita, Viadutos; Jan. 2005.

<sup>43</sup> Carta de 22/07/1924 expedida por José Cattani da estação Viadutos a Renato P. Gomes em Boa Vista do Erechim. Arquivo Histórico Juarez Illa Font – Erechim - RS.

colonizadora e a dinâmica da construção da ferrovia São Paulo – Rio Grande, viram-se obrigados a sair do local, como no caso dos “caboclos”.<sup>44</sup>

Situamos, por meio de documento emitido à prefeitura de Boa Vista do Erechim<sup>45</sup>, a existência de conflitos na década de 1930 não desvinculamos tais acontecimentos de a possíveis desentendimentos envolvendo os trabalhadores que exerciam funções na estrada de ferro com os indivíduos que se incorporariam a esta territorialidade, especialmente os taliani, que foram os primeiros a integrar o espaço nas proximidades das linhas férreas.

A migrante taliana R. B. V.<sup>46</sup> nos relatou que em 1914 ela e a família migraram das Colônias Velhas, de Nova Bassano, para a estação Viadutos, porque seu pai trabalharia na ferrovia e também adquirira uma gleba de terra. Conforme a migrante, que pertence a uma das famílias pioneiras no local, eles percorreram o trajeto de trem até a estação de Passo Fundo e, posteriormente, andaram a pé e a cavalo até a estação Viadutos. A taliana relatou, ainda, que a trajetória percorrida até o local fazia-se em grupos, pois sempre que uma família migrava seguiam-na outras de próxima convivência ou de vínculo parentesco; em alguns casos, inclusive, a migração representava o deslocamento de todo o clã.

A utilização do transporte ferroviário até a estação Passo Fundo não representava unanimidade dentre os migrantes que rumavam para o norte, pois houve casos em que o trajeto foi percorrido quase na sua totalidade a pé, contando com o recurso de animais como o cavalo e da carroça. Vejamos o relato da migrante taliana D. B. Z.:

Oito dia de mudança com a carroça, tocando as vaca de Fredo Chaves pra cima. Hoje é Veranópolis né, naquele tempo era Alfredo Chaves. Oito dia, me lembro ainda i [...] que vinha, cansava de vim em cima da carroça, quando non desapeava e vinha atrás da carroça.<sup>47</sup>

Em documentos localizados no Arquivo Histórico Juarez Illa Font<sup>48</sup> constatamos que a abertura de estradas era uma forma de pagamento da dívida referente à gleba de terra adquirida, ou seja, a aquisição dos lotes rurais e o seu respectivo pagamento davam-se pela

<sup>44</sup> MARCON, *Memória e cultura*:... O autor discorre sobre a questão da ação das companhias colonizadoras no norte do estado do Rio Grande do Sul e no oeste do estado de Santa Catarina, bem como sobre a dimensão das ações daquelas na cultura cabocla.

<sup>45</sup> Carta de 24/03/1931 expedida por “RanCosta” da estação Viadutos a Amintas Maciel em Boa Vista do Erechim. Arquivo Histórico Juarez Illa Font – Erechim - RS.

<sup>46</sup> VERONESE, R. B., 94 anos, migrante, descendente de ítalos, Viadutos; Jan. 2005.

<sup>47</sup> ZORTEA, D. B., 88 anos, migrante, descendente de ítalos, Linha São Pedro, Viadutos; Dez. 2004.

<sup>48</sup> Pagamento de dívidas - Abertura de Estradas. Arquivo Municipal Juarez Illa Font - Erechim - RS.

organização da própria infra-estrutura do local, haja vista que muitos dos adquirentes dos lotes não detinham montantes financeiros suficientes para o pagamento à vista das glebas. A ocupação das terras de Viadutos pelos taliani seguiu os projetos da Empresa Colonizadora e da Comissão de Terras, que eram de “colonizar” e dar condições mínimas de os efetivos colonizadores permanecerem no local.

Portanto, os taliani iniciaram a ocupação colonial da territorialidade que configura o atual município. O grupo instalou-se mais próximo da estação ferroviária, porque antecedeu os demais grupos de europeus e descendentes, como os alemães e poloneses.

### **1.7 A estação Viadutos na rota da Revolução Federalista**

Os taliani do povoado Viadutos acompanharam a “revolução” motivada pelos chimangos e maragatos, pelos ideais da aristocracia sulina no início da década de XX, a qual, de fato, não trazia nenhuma mudança para as populações mais necessitadas; somente buscava a transferência do domínio do poder para indivíduos que não representavam a maioria da população do Rio Grande do Sul. A Revolução Federalista, para os taliani de Viadutos, não tinha razão de ser, no entanto eles vivenciaram momentos de tensão na presença das tropas de ambas as facções que brigavam pela hegemonia política e econômica no estado. No relato de Veronese:

Dias pesados foram no tempo da revolução de Borges e Assis. A tal revolução dos borgistas e assististas. [...] Aquilo não era política. Nem se olhava para o bem comum, na realidade. Era faccionismo de parte a parte. [...] A dita revolução, efetivamente, só causava transtornos. Quantas injustiças cometidas de lado a lado. Perseguições. Represálias. Mortes. Pura e simplesmente por serem adversários políticos. [...] Felizmente, apesar de, por duas vezes, as forças do General Portinho, comandadas diretamente por ele, passaram diante de nossa casa, a família nada sofreu. Mas tivemos que nos incomodar o tempo todo, isto é, durante o ano de 1923. Porque, mais de uma vez, capangas e chefes revolucionários, vieram revistar nossa casa, à procura de adversários políticos, porventura ali escondidos. E precisava calar e ficar quieto. Caso contrário podia acontecer algo pior. A revolução, no seu conjunto, era sem lei. Não eram respeitados os direitos alheios. Não poucos dos que entravam na revolução, eram para bandidos. Nessa época aquela região andava infestada de bandidos e foragidos da polícia. O mato sem fim. E aquilo um fim de mundo. Todo o cuidado, pois, sempre era pouco. Vivia-se sob contínuo pesadelo. Nenhuma família, nenhuma propriedade, nenhuma pessoa estava garantida. Poder e saber guardar-se no campo de absoluta neutralidade, em face das duas facções beligerantes, era o melhor partido. Ao contrário, aí daqueles que, de alguma forma, se declarassem partidários ou somente favorecessem uma parte. Nunca mais podiam

ficar em paz. A toda hora estavam sujeitos a ver seus bens roubados, ou o chefe da família preso e, não raro, assassinado. Quantos casos tristes a gente ouvia relatar. E mesmo acontecidos lá em Viadutos. Foi então criança, que aprendi a expressão: passar a gravata. Era a degola.<sup>49</sup>

O abuso sexual cometido pelos homens que compunham as facções era fonte de receio para as talianas, somado à falta de informação sobre o processo de disputa que tornava a “revolução” para os taliani do local acontecimento inconcebível e pavoroso “Nóis se escondia no quarto, graças a Deus nunca aconteceu nada. E o pai escondia o cavalo e as vaca no mato, até que um dia eles levaram o cavalo do pai”.<sup>50</sup>

Além de toda a adaptação a que os migrantes dos devidos grupos sociais se submetiam nas Colônias Novas, havia a “revolução” dos latifundiários, que atormentava a vida de pequenos colonos e, de acordo com a entrevistada D. B. Z. ainda a atormenta na atualidade nas noites não dormidas:

[...] e veio o tempo da revolução, me lembro ainda, é tempo, até passei essa noite que lembrava do tempo da revolta, da revolução. Eu me lembro tudo ainda. A revolução, depois vinha e cada casa recolhia o rapaz de 15, 16, ano pra cima recolhia tudo junto: cavalo, pelego, os arreo é a primeira coisa que vai. E nós escondia os animal no meio do mato pra que não enxergasse [...].<sup>51</sup>

A lembrança do tempo passado, para a migrante taliana, encontra explicação em Tedesco:

A recordação pode carregar consigo a sensação de passado, mas também produzir uma lembrança do passado emotivo novo no presente. Entendemos que a rememoração pode produzir uma emoção presente. O desejo de querer esquecer, a emoção provada no presente de fatos passados [melancolia, romantismos, ufanismos, expressões laudatárias, ressentidas, etc., expressam isso!], não é mais uma recordação imaginada da sensação que se provou no passado.<sup>52</sup>

<sup>49</sup> VERONESE, *Caminho percorrido...*, p. 32.

<sup>50</sup> R. B. V. entrevista já informada.

<sup>51</sup> D. B. Z. entrevista já informada.

<sup>52</sup> TEDESCO, J. C. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo: Ediupf; Caxias do Sul: Educus, 2005, p. 182.

A constante adaptabilidade como circunstância das (i)migrações vividas pelos sujeitos do grupo talian, a exposição contínua a movimentos estipulados e revigorados sempre pelo grupo detentor do capital nos locais ocupados forçaram os (i)migrantes a construir uma identidade plausível para as necessidades que se faziam presentes no início do século XX: a de ser para o sistema e para os dirigentes do sistema. Movimentos como a Revolução Federalista aproximaram especialmente os indivíduos do grupo talian da vila Viadutos provenientes das Colônias Velhas e da província Itálica, pois constantemente se deparavam com o desconhecido, com situações novas, que tornavam mais evidentes as certezas de que eram taliani, não brasileiros ou “outros”.

A construção da italianidade no norte do Rio Grande do Sul, especificamente na vila Viadutos, perpassou por circunstâncias que eles não compreendiam. O “outro”, o aquém ao pertencimento identitário do grupo passou a ser visto com ressalvas, na medida em que o próprio grupo necessitava ser grupo, para seus integrantes se manterem vivos e distantes de movimentos que não se identificavam com a população assentada na pequena propriedade do estado.

Os taliani da vila Viadutos foram se construindo ao longo da sua trajetória histórica, pois foi a partir da identificação identitária do grupo como tal que sobreviveram e se definiram como grupo social e como suposta supremacia étnica no norte do estado.

### **1.8 A territorialização do espaço da vila Viadutos**

Seguindo a dinâmica da ferrovia, a ocupação das terras nas proximidades da vila Viadutos configurou-se numa extensão do núcleo colonizatório de Marcelino Ramos e de Barro. De acordo com Wolff,

[...] a “Comissão de Terras e Colonização”, que coordenava a colônia Erechim administrativamente, subdividia-se em cinco núcleos colonizatórios: Boa Vista, Erechim, Barro, Marcelino Ramos e Lagoa Vermelha, todos pertencentes ao 8º distrito de Passo Fundo.<sup>53</sup>

---

<sup>53</sup> WOLFF, *Trilhos de ferro, trilhas de Barro...*, p. 161.

Conforme a autora,

Em 1916, a Diretoria de Terras transferiu o escritório da Comissão de Terras de Erechim (Getúlio Vargas) para Paiol Grande [...] O rápido desenvolvimento da colônia Erechim e do núcleo Paiol Grande resultou na sua emancipação em 1918, fixando-se aí sua sede.<sup>54</sup>

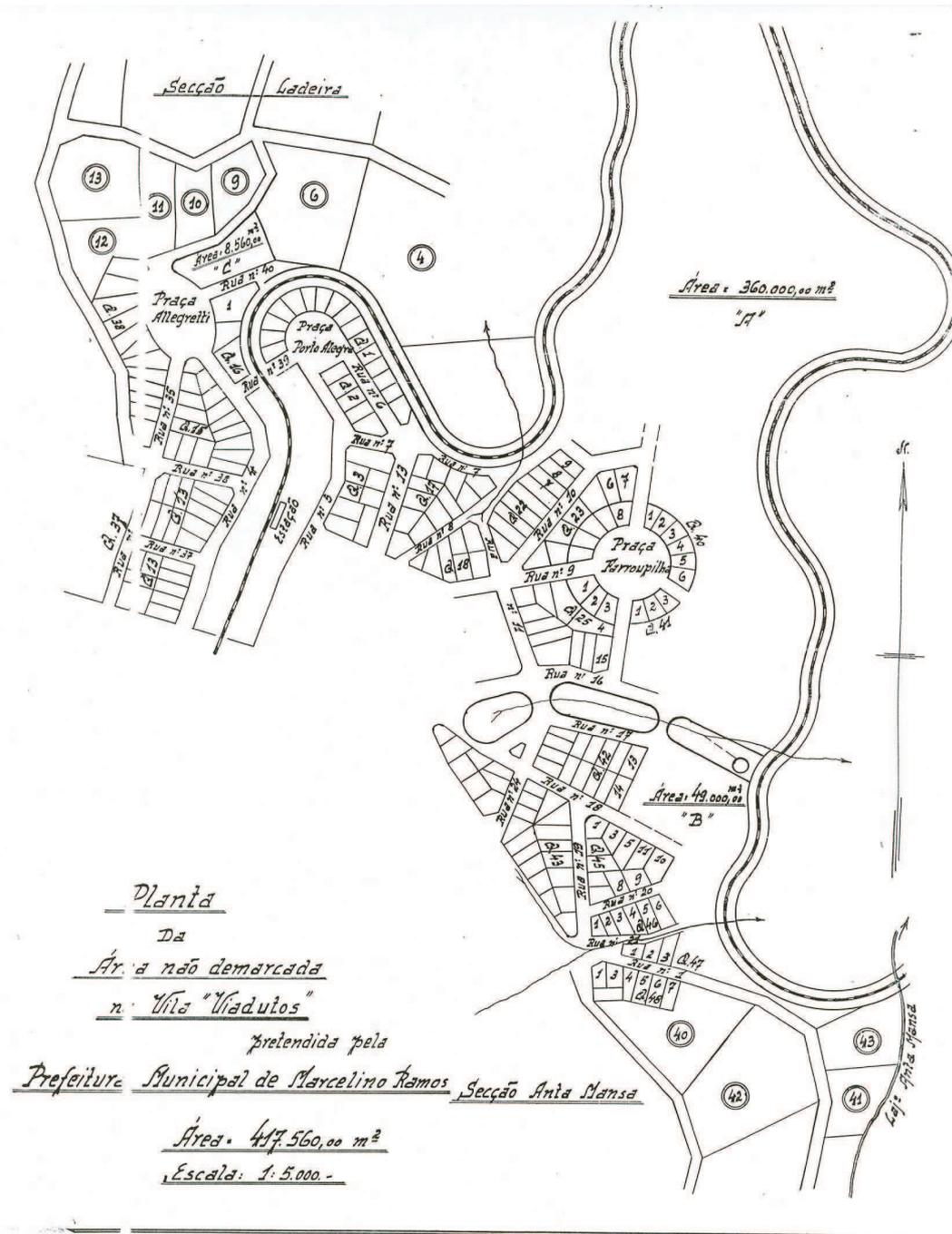
Com a emancipação, Barro e Marcelino Ramos passaram a ser distritos do município de Erechim, o primeiro quinto distrito e o segundo terceiro distrito. O povoado de Viadutos, em toda a sua extensão territorial, até a década de 1930 foi sendo ajustado à territorialidade do quinto e terceiro distritos:

Aos 26 de junho de 1930 pelo Ato número 250 do Cel. Atiliano Machado, Intendente Municipal de Erechim, são anexadas partes dos 1º, 3º e 6º distritos ao 5º distrito do Município deixando em consequência, de pertencer ao 3º distrito [Marcelino Ramos] a parte da área Demarchi e Barbará, entre a divisa oeste do povoado de Viadutos e a divisa também oeste da área Bárbara.<sup>55</sup>

---

<sup>54</sup> WOLFF, *Trilhos de ferro, trilhas de Barro...*, p. 159.

<sup>55</sup> THOMÉ, *Marcelino histórico...*, p. 41.



Fonte: Prefeitura Municipal de Marcelino Ramos - RS.

Figura 3: Planta da área demarcada da Vila Viadutos - s. d.

Em documentos da década de 1920 constatamos que havia inúmeras chácaras demarcadas nos arredores da vila Viadutos. As divisões-aquisições das terras nas proximidades do povoado ocorreram por identificações sociais diversas, embora tenha prevalecido o grupo talian.<sup>56</sup> No interior do povoado, de acordo com Manfroi,

[...] a colônia com sua sede já designada era dividida em léguas quadrada e, cada légua em LINHAS. A linha era um caminho, muito estreito, traçado no meio da floresta virgem através de todos os acidentes do terreno é que reunia uma montanha a outra, um rio a outro rio ou dois sinais qualquer tomados como ponto de chegada.<sup>57</sup>

A ocupação do grupo talian no interior do povoado fez-se em locais de maior proximidade com a vila, ao passo que os grupos polonês e alemão concentraram-se em locais mais distantes da então formação urbana. Em documento da segunda década do século XX é possível observar que a própria Comissão de Terras, que definia a quantidade de terras a ser ocupada por família, não detinha total controle sobre as medições e aquisições dos lotes rurais:

Que só uma verificação geral de todos os lotes poderá fornecer dados afim de si saber a exactidão das áreas de cada um; visto que algumas picadas desapareceram com as roças que foram feitas, e outras em capoeiras, que dentro de um anno não apparecem mais. Raríssimos são, os colonos que conservam-nas abertas. [...] Que as reclamações nem todas são justas; os colonos viciados com o antigo systema de todos os lotes terem 250 metros por mil querem que seus lotes tenham essa metragem por mais que paguem 15 ou 20 hectares. Conforme tem vindo reclamar. Na planta se verifica que há lotes com cem ou cento e poucos metros de largura. [...] Conclusão: Sou do parecer que o contractante Engenheiro João Alberto Wittée deve ser pago, a Comissão de Terras já concedeu a maior parte dos lotes a colonos recebendo suas importâncias. [...] uns poucos colonos reclamam por falta de linha que desaparecem ou marcos que também podiam ser mudados por colonos de má fé do que o Contractante não tem culpa.<sup>58</sup>

<sup>56</sup> COMISSÃO DE TERRAS E COLONIZAÇÃO DE ERECHIM, ANO DE 1922. Arquivo Histórico Juarez Illa Font – Erechim -RS.

<sup>57</sup> MANFROI, *A colonização italiana no Rio Grande do Sul...*, p. 115.

<sup>58</sup> Carta a Comissão de terras e colonização de Erechim, ano 1921. Arquivo histórico Juarez Illa Font – Erechim - RS.

A presença do grupo talian no local processou-se de maneira que as linhas que iam sendo ocupadas passaram a identificar-se como comunidades do grupo étnico majoritário; assim, o interior do povoado revela uma divisão por identificação identitária.

A presença de (i)migrantes e descendentes de alemães no espaço, diferentemente da ocupação pelo grupo talian, deu-se partindo do terceiro distrito, Marcelino Ramos. Os (i)migrantes alemães ocuparam a territorialidade partindo do interior do povoado de Marcelino Ramos, “sempre costeando o rio”.<sup>59</sup> A movimentação do grupo no local teve como referência o rio Uruguai, especificamente as proximidades do estreito Augusto César, tanto que aqueles locais, da mesma forma que as linhas talianas, caracterizaram-se como uma espécie de linhas alemãs. Segundo o descendente de alemães A. S.,

[...] na Linha Passarini, à parte que vai a Vila Rica, esta área toda, pertencia era alemães. Os colonizadores que eu conheci, e vô cita alguns nomes, uns ainda, de um filho de imigrante alemão, que eu conheci esse imigrante alemão, era o “Stochenbergue”, [...] ali tinha os “Wolguemuth”, os “Krieger”, uma série de pessoas que eram de origem alemã.<sup>60</sup>

As glebas, minifúndios, na década de 1960, foram vendidas e, após, abandonadas pelo grupo alemão, pois seus integrantes constituíram as levas migrantistas que rumaram para o oeste do estado de Santa Catarina e do Paraná. Em documentos da Diretoria de Terras e Colonização<sup>61</sup> verificamos que o grupo alemão migrou para o oeste dos demais estados sulinos quase na sua totalidade. Assim, em locais onde o grupo alemão se estabeleceu em Viadutos impressiona o número de cemitérios e túmulos abandonados pertencentes a integrantes deste grupo. Sobre o fato, Woortmann ressalta:

É muito significativo que no período da colonização, quando não havia cemitérios delimitados [...] os fundadores tivessem sido enterrados no espaço das terras das famílias, ao pé de uma árvore frondosa por eles plantada. Eram enterrados junto à raiz dessa árvore, que simboliza a fundação do patrimônio familiar. A relação simbólica entre a raiz e árvore “natural” e “social” é evidente. Tais árvores, na medida em que ainda existam, constituem um marco histórico da família, isto é, da memória de parentesco. A presença do antepassado na terra patrimonial evoca os *lares* ou *penates* greco-romanos; sua presença na terra familiar como que a sacraliza. Por vezes, esses fundadores são cultuados junto à sua árvore. Muitos outros, porém, “perderam-se no tempo”, pois deles não restam os túmulos onde

<sup>59</sup> SHENEIDER, A., 62 anos, descendente de alemães, Linha Anta Mansa, Viadutos; Jan. 2005.

<sup>60</sup> A. S. entrevista já informada.

<sup>61</sup> DIRETORIA DE TERRAS E COLONIZAÇÃO. Arquivo Histórico Juarez Illa Font – Erechim - RS.

possam ser homenageados. Na falta de uma tal materialidade, honra-se a memória da família. Essas raízes são então apenas parcialmente visíveis, pelos túmulos dos filhos dos imigrantes originais. Simbolicamente, a terra encobriu as raízes, tal como o tempo encobriu os antepassados.<sup>62</sup>



Fonte: Acervo particular de Marilei Veroneze.

Figura 4 – Cemitério localizado na localidade de Vila Rica, interior do município de Viadutos.

A arquitetura desses túmulos apresenta uma extraordinária riqueza de detalhes, os quais nos possibilitam avaliar que entre os integrantes do grupo alemão teria havido a presença de artesão (ãs).

Com a migração do grupo alemão para o oeste dos estados do Paraná e Santa Catarina, o local foi ocupado por (i)migrantes e descendentes do grupo polonês, o qual, à semelhança do grupo talian, migrou das Colônias Velhas para o norte. Quanto à presença e à chegada do grupo polonês em Viadutos, o migrante alemão L. E. T. relata:

A maioria veio por Getúlio, naqueles anos. Depois melhora. Uns já moravam aqui, mas isso já no ano 40. Mas os primeiros, e falava com um senhor até alguns recém [...] e ele contava uma história, e levavam de São Marcos até Carlos Gomes quinze dias de carroça [...].<sup>63</sup>

<sup>62</sup> WOORTMANN, E. F. *Herdeiros, parentes e compadres*. São Paulo-Brasília: Hucitec-Edunb, 1993, p. 134.

<sup>63</sup> THOMÉ, L. E., 89 anos, migrante, descendente de alemães, Viadutos; Jan. 2005.

O grupo polonês organizou-se no espaço de Viadutos de maneira muito próxima uns dos outros, possibilitando a identificação da presença do grupo com o local: comunidades-linhas dos poloneses.

### **1.8.1 A divisão do espaço construído: os “de dentro” e os “de fora”**

A divisão do local por identificações identitárias não se cumpriu na totalidade, na medida em que algumas comunidades formaram-se com a presença de várias outras dividindo o mesmo espaço. No entanto, houve a tentativa de que a divisão se consumasse partindo de iniciativas dos próprios grupos sociais “Eles mesmos se dividia; não se misturavam quando vieram”.<sup>64</sup>; “Não eram muito de se mistura”.<sup>65</sup>; “Sim eram bem divididos.”<sup>66</sup>

Tentativas frustradas de colonização visando à não-divisão étnica na mesma localidade também foram evidenciadas: “Uma família polonesa, veio morá no Rio Quinto. Mas demoro seis ou sete anos ela se transferiu pro lugar onde tinha polonês”.<sup>67</sup>; “Polonês aqui tinha só uma família [...]. Foi, foi que ela se retiro”.<sup>68</sup>

Constatamos que houve migrações internas na territorialidade de Viadutos, visto que os grupos étnicos, na tentativa de permanecerem próximos dos seus identificáveis, formaram na comunidade locais de identificação com o “grupo colonizador”. A identificação do espaço-grupo que passou a ser evidenciada na localidade refere-se ao ocupado pelo grupo talian, uma vez que foi o “primeiro” presente no local e o mais numeroso.

O distanciamento espacial dentre os grupos étnicos no local fortaleceu seus costumes internamente, pois desse modo eles resistiam ao contato com integrantes dos de “outros grupos sociais”. Houve, nesse aspecto, a identificação de elementos trazidos da Europa, construídos na trajetória histórica dos ítalos até o Brasil e no Rio Grande do Sul, e outros elementos construídos no norte do estado sulino, identificados como características inerentes ao grupo talian. O fato do grupo talian representar a maioria no local, associado a

---

<sup>64</sup> DALAGNOL, I., 64 anos, descendente de ítalos, Linha Rio Quinto, Viadutos; Dez. 2004.

<sup>65</sup> BALDISSERA, N., 78 anos, descendente de ítalos, Linha São Brás, Viadutos; Dez. 2004.

<sup>66</sup> JAGUZEWSKI, C., 84 anos, descendente de poloneses, Viadutos; Dez. 2004.

<sup>67</sup> I. D. entrevista já informada.

<sup>68</sup> N. B. entrevista já informada.

elementos que eram identificados com o espaço do grupo que ocupava, construiu e potencializou a idéia de que a vila Viadutos e os seus arredores corresponderiam a um “reduto do grupo talian” na região. A identificação do local com o grupo passaria de um plano menor, das localidades do interior da vila, para um maior: a identificação da vila Viadutos, no seu complexo urbano e rural, como reduto de taliani.

As “saídas” de famílias de (i)migrantes poloneses de locais ocupados na sua maioria por taliani permite-nos pensar que tenha havido por parte daqueles tentativa frustrada de socialização, uma vez que os taliani eram a maioria no local e agiam no sentido da “manutenção-preservação” da italianidade. A migração interna do grupo polonês para comunidades que se constituíam quase na sua totalidade de integrantes desta etnia reflete o anseio de socialização pelos poloneses e a rejeição dos taliani para com integrantes de outros grupos.

As justificativas para evitar o relacionamento com “os de lá” se dão da mesma forma que a identidade do grupo talian foi construída para e naquele espaço-sociedade. A idéia da “manutenção-preservação” torna-se necessária quando o grupo assume que é importante para ele manter-se e construir-se como tal. Embora os grupos, e principalmente os taliani, estivesse tentado a evitar a relação com integrantes de grupos étnicos que não o seu, é na interação-relação que eles podem ser compreendidos e se identificar como grupo étnico.

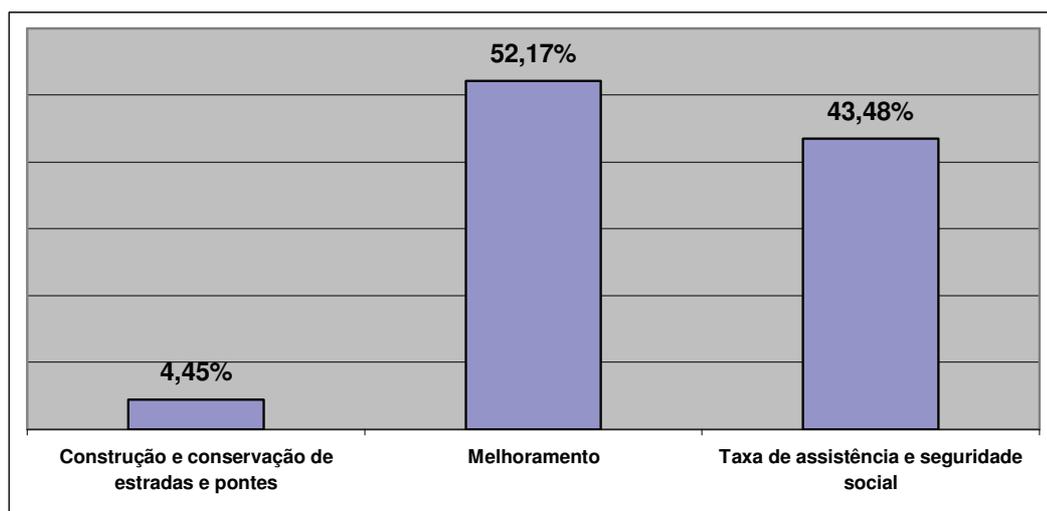
### **1.8.2 A construção da infra-estrutura do e no local**

Em documentos referentes à cobrança de impostos do município de Marcelino Ramos<sup>69</sup> constatamos que a infra-estrutura do local, especialmente a abertura de estradas, a sua manutenção e a construção de pontes, ocorreu, em grande medida, em razão dos impostos cobrados na localidade de Viadutos. Essa infra-estrutura decorreu dos valores pagos pelos indivíduos que habitavam o local, não exclusivamente em decorrência da ação do poder público.

---

<sup>69</sup> No caso específico referimo-nos ao livro da Prefeitura Municipal de Marcelino Ramos quando a territorialidade de Viadutos ainda pertencia àquela municipalidade. Arquivo Prefeitura Municipal de Marcelino Ramos – RS.

A valorização das glebas em Viadutos não se devem unicamente à presença dos (i)migrantes nesse espaço, especialmente dos taliani, mas, sobretudo, em razão do dinamismo que eles imprimiram ao local, como a construção de uma infra-estrutura voltada para as suas necessidades.



Fonte: Prefeitura Municipal de Marcelino Ramos.

Figura 5: Impostos pagos por proprietários rurais na localidade de Viadutos – 1953.

Em relação aos impostos pagos pelos proprietários rurais, ressaltamos o referente à construção e conserto de estradas e pontes<sup>70</sup>, pois os pequenos proprietários rurais pagavam suas dívidas com serviços prestados nessas atividades.

A exaltação dos fatos envolvendo a territorialização étnico-econômica da localidade de Viadutos associada somente aos taliani foi construída e legitimou-se como tal, porém este grupo social não se configurou como o único a dinamizar as atividades agrícolas e comerciais na localidade.

Em nossa análise ficou evidente que a (re)construção da italianidade no norte do estado sulino esteve vinculada ao processo de definição e (re)construção daquela territorialidade, ou seja, da região norte, bem como da localidade de Viadutos. A categoria do talian, a italianidade, representa o processo que desencadeou a presença deste grupo social no local e a sua definição como tal. O processo (i)migratório que os levou a

<sup>70</sup> Arquivo da Prefeitura Municipal de Marcelino Ramos, livro referente à cobrança de impostos - 1953.

constituir o espaço social do atual município de Viadutos integra o processo da identificação e (re)construção da italianidade, pois evidenciou-se a retórica ufanista em relação ao grupo talian, especialmente em comparação aos demais grupos étnicos que também legitimaram a definição deste espaço social.

A dinâmica da construção do espaço social em estudo equivale ao dinamismo da própria identificação daquela territorialidade, haja vista que se difundiu a idéia de que os taliani eram “diferentes”, “superiores” e responsáveis pela movimentação histórica do local. Compreender o processo de construção da territorialização do norte do Rio Grande do Sul e de Viadutos é, pois, compreender a manifestação e a (re)construção da italianidade.

As relações interétnicas entre os grupos que se estabeleceram no local é, certamente, elemento incontestado para o processo da italianidade. A movimentação de indivíduos identificáveis com grupos étnicos diversos fortaleceu e intensificou o entendimento da existência de “diferenças” entre eles, bem como a construção e (re)definição de hábitos e costumes associados àqueles. A italianidade passou a ser e ter legitimidade naquela conjuntura histórica.

Dessa forma, o grupo talian, por ter sido o primeiro a se situar naquele espaço social, disseminou a idéia no senso comum de que os elementos positivos desencadeados no local estiveram somente associados a ele, potencializando a noção do grupo para ele e para os externos, especialmente nas atividades agrícolas e na dinâmica comercial da economia do local no período.

Na perspectiva de avaliarmos como se estabeleceram e se procederam as relações interétnicas e econômicas na territorialidade de Viadutos, a construção contínua e a manutenção do ser talian pautada no entendimento de supremacia étnica, enfatizaremos no próximo capítulo o dinamismo da economia do local e da política por meio dos taliani e dos “outros” na territorialidade de Viadutos.

## **2 - A TERRITORIALIZAÇÃO ÉTNICO-ECONÔMICA DO ESPAÇO: O DESENVOLVER DAS RELAÇÕES INTERÉTNICAS E A ITALIANIDADE**

O processo de construção da territorialidade de Viadutos é reflexo da atuação dos identificáveis não somente com o grupo talian, mas com os demais que ali se estabeleceram. Abordaremos a (re)construção da italianidade no espaço em estudo observando a configuração e a constituição da territorialidade, a dinâmica da economia e o desenrolar das relações interétnicas como elementos relevantes para a definição de tal categoria.

A análise do processo está baseada não somente em fontes secundárias, mas, sobretudo, em fontes primárias, como as orais e documentos. Buscamos evidenciar o processo de construção e manutenção da italianidade por meio das relações interétnicas no universo do local, avaliando os critérios estabelecidos pelo grupo talian para se auto-definir e se postar como excelência étnica na territorialidade em foco.

A idéia da (re)construção da italianidade será uma constante em nosso texto, haja vista que partimos do entendimento do dinamismo do espaço social, Viadutos, ou seja, das relações interétnicas do local para compreender a categoria da italianidade e sua práxis na relação com os não-identificáveis.

## 2.1 As casas comerciais na vila Viadutos

Com a estação Viadutos surgiram as primeiras casas comerciais na medida em que a demanda por produtos crescia juntamente com a população. A taliana R. B. V. relatou-nos a dificuldade para a aquisição de produtos necessários à sobrevivência da família:

Saíam com cargueiro e a cavalo, e iam eles a cavalo com cargueiro, eu me lembro bem, uma vez foram buscar queijo em Vacaria. [...] E, se passava assim alguém que não, que não dava pra confiar, eles caminhavam pela estrada de ferro, daí tudo se cuidava quando via aqueles que passavam de a pé, caminhando pela estrada de ferro. E aquele tempo era só trem, só trem, só trem. Iii, nós ia pra Cruz Alta, ia de trem, i ia na Romaria em Marcelino de trem, tudo de trem.<sup>71</sup>

Outra migrante taliana, que se instalou com a família mais afastada do povoado, recorda-se da dificuldade para chegar à Viadutos e da pouca convivência com os indivíduos que iniciavam a constituição da vila: “Mal e mal que tinha nada quase em Viaduto. Mal e mal que passava o trem [...] Tinha só o pique pra i in Viaduto, má eu nem lembro de ninguém de lá”.<sup>72</sup>

Numa conversa, um migrante taliano referiu-se ao tempo em que os produtos de primeira necessidade não eram disponibilizados na vila, mas adquiridos na localidade de Barro, e o meio de transporte utilizado para chegar até o local era o cavalo:

Era escasseza de tudo [...] Esses ano pra consegui um litro de querosena eu saia daqui de madrugada e ia a Gaurama pode recebe um litro [...] e então, a gente sempre tinha animal bom e tudo, né, eu voltava aqui pro nosso lugar, então é quinze quilômetro pra i pra Gaurama [...].<sup>73</sup>

A dificuldade de aquisição de produtos necessários pelos habitantes foi gradativamente amenizada por casas de comércio que, ao longo do tempo, foram se instalando no local. A instalação de casas comerciais e de atividades relacionadas ao comércio possibilitou, também, atender os passageiros-viajantes que passaram pela vila,

<sup>71</sup> R. B. V. entrevista já informada.

<sup>72</sup> D. B. Z. entrevista já informada.

<sup>73</sup> N. B. entrevista já informada.

via transporte ferroviário. Das instalações comerciais recordadas pelas(os) migrantes, as referentes a Antônio Delatore e Vítório Fontana são as indicadas como primeiras do local.<sup>74</sup>

O processo da dinâmica comercial dava-se no sentido para atender a todos os grupos que necessitavam de tais serviços, não somente ao talian, apesar de este se concentrar mais próximo da vila e por ter primeiro se estabelecido no local. Conforme Wolff,

[...] a diversidade da população da colônia Erechim foi característica diferenciadora de outros projetos colonizatórios que formaram colônias com exclusividade de uma etnia, como foi o caso exemplar de São Leopoldo, das Colônias Velhas e, no espaço que enfocamos, como exceção, o caso da Jewish.<sup>75</sup>

A formação histórica da vila Viadutos não se diferenciou das demais vilas, povoados e municípios situados no norte do estado. Embora o grupo talian tenha representado maioria no princípio da constituição do local, não se configurou como uma ocupação exclusiva.

## 2.2 A firma Zordan e os taliani

A formação do comércio local não se processou somente com a presença de empresários do grupo talian. A instalação da firma Redenzio Floriani Zordan & Cia. Ltda impulsionou as atividades comerciais do povoado, atraindo empresários de outros grupos sociais. A empresa, por ter atuação regional<sup>76</sup>, necessitou recrutar mão-de-obra de fora para proceder a suas atividades. O quase centenário guarda-livro da empresa<sup>77</sup> relatou-nos como integrou o quadro de funcionários:

---

<sup>74</sup> D. B. Z. entrevista já informada.

<sup>75</sup> WOLFF, *Trilhos de ferro, trilhas de Barro...*, p. 159. Quando menciona a exceção, a autora refere-se à colônia Quatro Irmãos, colonizada quase na sua totalidade por judeus, sobre a imigração judaica no local escreveu: GRITTI, I. R. *Imigração judaica no Rio Grande do Sul: a Jewish Colonization Association e a colonização de Quatro Irmãos*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

<sup>76</sup> WOLFF, *Trilhos de ferro, trilhas de Barro...*, p. 221.

<sup>77</sup> L. E. T. entrevista já informada.

[...] quem auxiliou muito a minha vinda para Viadutos foi o seu José Sponchiado [...] Ele indico pro falecido seu Redêncio Zordan, que me procurasse [...] Tinha o mício lá naquele tempo, cheguei aqui em Viadutos em 12/11/36, não esqueço até a data. Aí, me estabeleci na loja e comecei. Ah! Aqui em Viadutos quase não tínhamos estrada, que nem agora. Aqui, era tudo uns pique, né, trilho à carroça. O que tinha assim de indústria era os Alegretti que era do frigorífico e, que tinha antigamente.<sup>78</sup>

A dinâmica do comércio Zordan envolvia desde as atividades agrícolas desenvolvidas no interior do povoado, visto que a compra dos cereais dos pequenos agricultores mantinha a casa comercial numa espécie de círculo vicioso, pois os agricultores eram pagos pela venda da colheita dos cereais, mas geralmente o lucro do excedente vendido já estava empenhado em dívidas decorrentes de aquisições de produtos ao longo do período da entressafra.

A “loja do Zordan”, como é recordada, oferecia aos clientes uma grande diversidade de produtos, desde os de primeira necessidade a tecidos para o vestuário, paneleiros, remédios e até caixões para enterrar os mortos. O comércio Zordan constituía-se num ambiente onde os indivíduos obtinham informações e acesso às novas invenções e a notícias de interesse daquela população. Estrategicamente, a empresa situava-se próxima à estação ferroviária Viadutos, e nas suas proximidades encontrava-se a Igreja Católica da comunidade.

A empresa Zordan representou um dos elementos dinamizadores do espaço urbano, pois motivou que outros empresários ali investissem. De acordo com o seu guarda-livros: “Aí, veio o seu Afonso Muller [...] depois, veio o seu Mattone [...] mas, os principais foram seu Bernardo Mattone, seu Afonso Muller, nós Zordan. O seu Mattone também tinha de tudo um pouco, ele comprava até cereais”.<sup>79</sup>

As atividades comerciais praticadas pelos empresários mencionados pelo migrante não o eram somente por taliani. Afonso Von Muller, por exemplo, atuou em atividades comerciais na década de 1940, as quais,<sup>80</sup> conforme o migrante, restringiam-se à venda de produtos voltados ao vestuário. Sobre a casa de comércio de Bernardo Mattone, L. E. T. ressalta: “Judeus... mas ele se estabeleceu em Erechim antes de ir a Porto Alegre, seu

<sup>78</sup> L. E. T. entrevista já informada.

<sup>79</sup> L. E. T. entrevista já informada. Quando o migrante refere-se a “nós Zordan”, além de ter trabalhado para a empresa até o seu fechamento, ressalta-se que se casou com uma filha do proprietário (Zordan) e, por isso, atribui a firma como também pertencendo a ele próprio.

<sup>80</sup> DOCUMENTO REFERENTE ÀS ATIVIDADES COMERCIAIS DA VILA VIADUTOS ANO 1944. Arquivo Histórico Juarez Illa Font – Erechim - RS.

Mattone.”<sup>81</sup> Conforme o mesmo migrante a loja pertencente a “seu Mattone” “era grande e a loja era boa!”, fazendo referência à diversidade de produtos que o estabelecimento oferecia. Do grupo judeu, somente constatamos a presença isolada deste imigrante, não havendo um número mais expressivo de pessoas desta etnia no local.

O proprietário judeu deixou as atividades comerciais em Viadutos para dedicar-se ao comércio em Erechim, vendendo o estabelecimento a um imigrante polonês “Eram judeus, né, os Mattone. Daí eles venderam pros Maliska e, eles continuaram, uma temporada com a loja os Maliska, daí os Maliska saíram e venderam pros Stefanski, e aí, termino a loja, termino tudo”.<sup>82</sup>

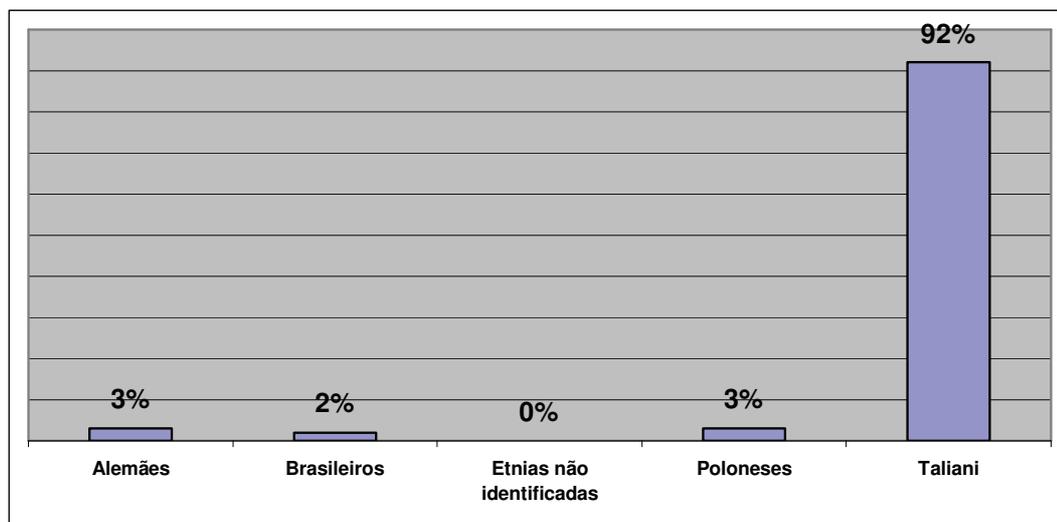
A saída dos proprietários não identificáveis com a italianidade permite-nos deduzir que eles migraram com o seu grupo étnico na década de 1960. A migração do grupo étnico alemão potencializa a idéia de que havia na dinâmica comercial de Viadutos uma divisão comercial por etnias, ou seja, preferencialmente os (i)migrantes e descendentes procuravam manter relações comerciais com indivíduos do mesmo grupo social. Contudo, isso não pode ser compreendido como uma regra universal no desenrolar das atividades comerciais, embora seja considerável, uma vez que observamos que a construção da territorialidade se fez priorizando a divisão por etnias.

A predominância do grupo talian na territorialidade urbana de Viadutos pôde ser identificada em décadas posteriores à sua iniciação. Partindo do relatório de cobrança do imposto predial, constatamos que 92% das residências pertenciam a taliani.

---

<sup>81</sup> L. E. T. entrevista já informada.

<sup>82</sup> V. P. entrevista já informada.



Fonte: Prefeitura Municipal de Marcelino Ramos.

Figura 6: Pagamento de Imposto Predial na localidade de Viadutos – primeiro semestre de 1953.

A saída do local das empresas de Afonso Von Muller e Bernardo Mattone representou uma maior demanda pelos produtos e serviços oferecidos pela empresa Zordan. Quanto à clientela, o guarda-livros ressalta:

Nós trabalhamos assim com as três nações. Carlos Gomes dependia aqui trazer os produtos e compra. Tinha em Carlos Gomes, o seu J. [...] saía de manhã de madrugada de noite ainda. Chegava aqui pra descarregar às nove horas os produtos com carroça [...].<sup>83</sup>

As nações citadas pelo migrante alemão correspondem aos (i)migrantes e descendentes dos grupos alemão, polonês e talian. A loja Zordan, como centro de referência comercial do local e, em alguns aspectos, da região, representava um distanciamento entre as etnias, pois a posição geográfica em que se situava e por ter a maior parcela da clientela do estabelecimento do grupo talian, mantinha uma aproximação maior com os taliani.

O grupo talian deteve as melhores glebas de terras disponíveis em Viadutos, especificamente em relação ao grupo polonês, cujo espaço ocupado corresponde a terras

<sup>83</sup> L. E. T. entrevista já informada.

em outras localidades do norte do estado, em terrenos com maior dificuldade de acesso e mais difíceis de serem trabalhados,

O acesso à terra não se deu de forma tranqüila e imediata. Os imigrantes poloneses, percorreram vários núcleos coloniais antes de se fixarem num deles, bem como se defrontaram com condições precárias de assentamento. Os lotes que adquiriram depois de muitos conflitos eram menores que os precederam. Da mesma forma, os terrenos que a eles foram destinados nos principais e primeiros núcleos de colonização polonesa no Estado eram acidentados e pouco férteis.<sup>84</sup>

A disposição geográfica dos grupos talian e polonês difundiu a idéia na localidade de que os taliani seriam mais dispostos ao trabalho. Na dinâmica agrícola, a comparação entre as diferenças e semelhanças de ambos os grupos foi precedida por conceitos pré-estabelecidos ao grupo polonês, pois, anteriormente à instalação nas pequenas glebas, os (i)migrantes e descendentes de poloneses já eram definidos como inferiores aos demais de ascendência européia. Segundo Gritti,

[...] a superioridade técnica e moral dos outros grupos e mais particularmente dos italianos e alemães é destacada e propalada pelos administradores dos núcleos coloniais, sem que haja contestação por parte dos demais integrantes da Secretaria de Obras Públicas.<sup>85</sup>

O distanciamento espacial das localidades dos taliani e poloneses intensificou a negação de aproximação entre estas. Além de os (i)migrantes e descendentes de poloneses serem tidos como de etnia inferior, estigmatizada, o fato de colherem menos cereais acentuava o estigma em relação aos taliani. A retórica de que os taliani eram mais aptos aos trabalhos agrícolas que os poloneses, perpassou pela área urbana e na comparação da produção agrícola, além do comércio do local, intensificando-se a ufanização do discurso do talian trabalhador ordeiro em relação ao grupo polonês.

No jogo de interesses das atividades comerciais do período, torna-se evidente que os proprietários de casas comerciais procuravam aproximar-se para conquistar e manter uma clientela de maior poder aquisitivo – a taliana em razão das colheitas – bem como a

<sup>84</sup> GRITTI, I. R. *Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul: a emergência do preconceito*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004, p. 56.

<sup>85</sup> GRITTI, op. cit., p. 146.

maior clientela possível. Assim, o grupo talian passou a construir-se de maneira distanciada dos demais, constituindo a elite taliana que emergia na área urbana. A boa imagem do comércio do local representava “o progresso” do povoado; tanto para os taliani quanto para a empresa Zordan, a intensificação das atividades comerciais, associada ao êxito dos trabalhos agrícolas pelos taliani, evidenciava uma imagem positiva do local.

### 2.3 Viadutos: distrito de Marcelino Ramos

O processo de emancipação do terceiro distrito de Erechim – Marcelino Ramos - foi devidamente reconhecido e legitimado pelo decreto-lei nº 718, de 28 de dezembro de 1944.<sup>86</sup> Com a emancipação, estipulava-se que a secção Viadutos integraria o município de Marcelino Ramos como distrito.<sup>87</sup>

A integração do espaço territorial de Viadutos ao de Marcelino Ramos dinamizou as atividades comerciais e de ordem pública ali estabelecidas. Houve, então, uma concentração de atividades comerciais e públicas na área urbana de Marcelino Ramos, haja vista que aquele espaço se tornou referência regional e, em alguns períodos, estadual, em decorrência da sua localização geográfica estratégica como divisa do estado do Rio Grande do Sul com Santa Catarina e de ligação internacional, por meio da ferrovia, do Brasil com países da América. Sobre a malha ferroviária de Marcelino Ramos, Wolff relata:

O serviço de trens internacionais entre o rio da Prata, São Paulo e Rio foi estabelecido em 1913, o qual não foi implantado antes porque a primeira ponte construída sobre o rio Uruguai, em Marcelino Ramos, foi destruída pela enchente de 1910. A nova ponte, concluída em 1913, possibilitou o trânsito do trem internacional, consolidando o domínio de Farquhar sobre o sistema ferroviário no sul da América.<sup>88</sup>

---

<sup>86</sup> THOMÉ, *Marcelino Ramos...*

<sup>87</sup> THOMÉ, *op. cit.*, p. 46.

<sup>88</sup> WOLFF, *Trilhos de ferro, trilhas de Barro...*, p. 111.

Empresas de maior porte, como a Zordan, sentiram-se prejudicadas<sup>89</sup> com o processo de emancipação de Marcelino Ramos, pois tornando-se Viadutos em distrito, parte das negociações comerciais dos pequenos agricultores transferiu-se para a sede do município.

No início da década de 1950 o distrito de Viadutos mantinha várias indústrias e profissionais liberais. As indústrias realizavam as atividades processadas no interior do distrito, pois, na sua maioria, a matéria-prima era oriunda das pequenas propriedades rurais, uma vez que a base da economia do distrito era a agricultura. Algumas atividades chamam-nos a atenção pelo fato de não serem mais realizadas no local, como as ferrarias, olarias, selarias, e profissões como a de letreiro, que não são mais exercidas.<sup>90</sup> Conforme Tedesco,

[...] da realidade material, esses objetos deixam lugar à realidade imaterial, imaginária; transportam, com o tempo e com as correlações do presente, novos valores e significados, dependendo das formas, das possibilidades e das funções significativas que lhes possam ser impressos.<sup>91</sup>

Dos profissionais liberais a parteira obtinha reconhecimento legal, assim como o médico e dentista. A cobrança de impostos sobre equipamentos utilizados na lida agrícola merece ser evidenciada, como os relacionados à utilização das trilhadeiras e carroças.

**Tabela 1 – Pagamento de impostos sobre indústrias e profissões no distrito de Viadutos no primeiro semestre de 1953.**

	(I)migrante / descendentes alemães	(I)migrantes / descendentes italiani	(I)migrantes / descendentes poloneses	Brasileiros	“Outras”	Total
A. apart.		1				1
Açougue		1				1
Alambique	3					3

<sup>89</sup> L. E. T. entrevista já informada.

<sup>90</sup> Conforme as nossas entrevistas, o profissional denominado de “letreiro” era o indivíduo capacitado a escrever, desenhar e produzir placas, especialmente de anúncios comerciais.

<sup>91</sup> TEDESCO, J. C. ROSSETO, V. *Festas e saberes: artesanatos, genealogias e memória imaterial na região colonial do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Méritos, 2007, p. 231.

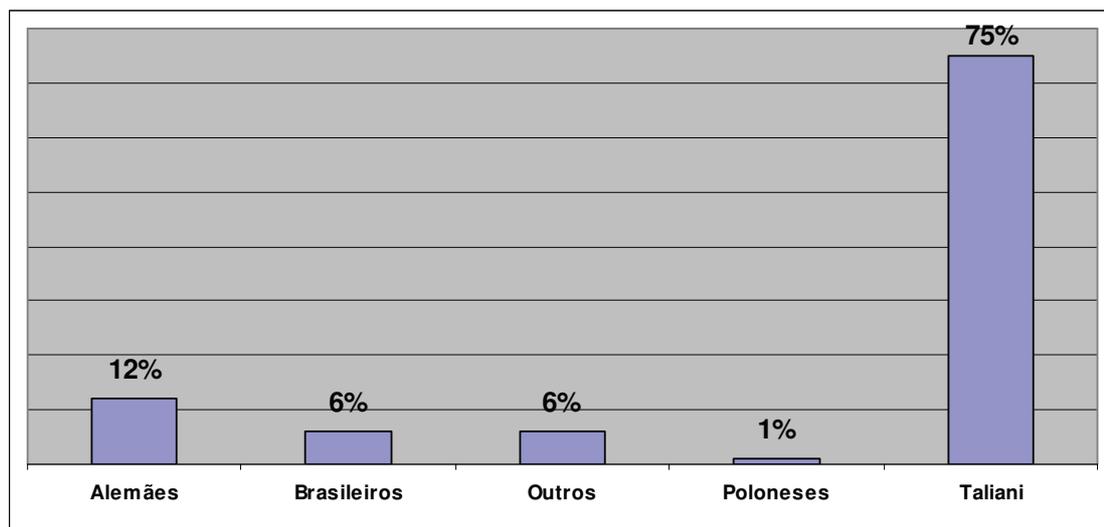
Alfaiate	1	1				2
Auto jipe	1	1				2
Auto particular					2	2
Auto peças		2				2
Bar	1	2				3
Barbearia		5		1	1	7
Botequim	1	10		2	3	16
Cabeleireira				1		1
Caminhão	2	17			1	20
Cancha de bocha		6		1	2	9
Carpinteiro		3				3
Carro freteiro		3				3
Carroça	1	3		1		5
Casa comercial	1	6	1			8
Casa de café				1		1
Charette		3				3
Churrascaria		1				1
Churrascaria - bebida		1				1
Comércio de combustível		1				1
Comércio de produção				1		1
Comércio de produtos		4				4
Comércio de suínos	1					1
Conserto de relógios		1				1
Curtume	1	1				2
Costureira		1				1
Descascador de arroz		2				2
Erva-mate		1				1
Exportação		3				3
Fábrica de calçados		1				1
Fábrica de queijos	1					1
Fábrica de vassouras	3					3
Farmácia		1				1
Fazenda			1			1
Ferraria	1	9				10
Funilaria		1				1
Gabinete odontológico					1	1
Hervanário		2				2
Hotel				1		1
Letreiro	2	11			1	14

Marcenaria		1				1
Médico				1		1
Moinho colonial		6		1		7
Olaria		3				3
Parteira		1				1
Ram. reb.		1				1
Sapataria	1	2				3
Selaria	1	7				8
Serraria		5				5
Sorveteria		1				1
Trilhadeira	2	17	1	1	1	22
Venda de perfumes		1				1
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>150</b>	<b>3</b>	<b>12</b>	<b>12</b>	

\* Importante salientar que não tivemos conhecimento dos significados das abreviaturas A. apart, Hervan. e Ram. Reb.

Fonte: Prefeitura Municipal de Marcelino Ramos.

A predominância de atividades associada aos taliani é sugestiva se considerar o fato de a maior parte da população ser pertencente àquele grupo.



Fonte: Prefeitura Municipal de Marcelino Ramos.

Figura 7: Pagamento de impostos sobre profissões e serviços no distrito de Viadutos – 1953.

Constatamos no primeiro semestre de 1953 a cobrança de impostos referentes a atividades comerciais e de profissionais liberais, das quais aproximadamente 75% eram exercidas por taliani. Certamente, várias atividades eram praticadas por integrantes de outras etnias. Posteriormente à taliana, a que mais se dedicaria à atividade comercial seria a alemã, aproximadamente 12%. Sobre a constatação das atividades exercidas pelo grupo caboclo, ficaram em torno dos 6%. Em relação a comerciantes de outras etnias<sup>92</sup>, concentraram 6% das atividades, e as exercidas por integrantes do grupo polonês permaneceram sendo a minoria no local, não ultrapassando 1%.

#### 2.4 As madeireiras talianas e a exportação

A extração da madeira configurava-se num negócio lucrativo, tanto que duas serrarias atuavam no local, não somente para atender às demandas daquela localidade, mas para fins de exportação. Sobre a atuação das madeireiras, na década de 1930, o migrante L. E. T. relatou: “Naquele tempo tinha seu Bonett, Bonett tinha serraria, tinha, uma serraria dos Brancher no Barbará que depois, no Pinhal, se estabeleceram no Pinhal”.<sup>93</sup> De acordo com Gritti,

[...] a atuação das madeireiras na região norte do estado do Rio Grande do Sul foram impulsionadas com o desenrolar da Primeira Guerra Mundial sendo que, a madeira da mata sulina passou a ser exportada para países como a Argentina e Uruguai em razão da Europa não dispor daquele produto naquele período histórico.<sup>94</sup>

As atividades estiveram circunscritas a taliani, ou seja, houve, por meio daquelas empresas, a intensificação da idéia de que o seu desempenho econômico positivo decorria da procedência étnica dos seus proprietários. O impacto da exploração da madeira no meio-social em estudo é notado na escrita do migrante talian escritor:

<sup>92</sup> Dentre as etnias que correspondem os grupos menores que migraram para Viadutos, como também aos (i)migrantes que rumaram para o norte do local de forma isolada, situamos a presença de judeus, espanhóis e suecos.

<sup>93</sup> L. E. T. entrevista já informada.

<sup>94</sup> GRITTI, *Imigração judaica no Rio Grande do Sul...*, p. 103.

Achei, então tudo tão diferente. Tudo mudado. Os matos destruídos... Foi o instante que compreendi porque o fiscal embargava as derrubadas desordenadas. Era para o nosso bem. O desejo descomedido, o quase instinto de tudo derrubar, é um grande mal. As terras empobrecem [...].<sup>95</sup>

As atividades relacionadas à extração da mata cessaram em razão da exploração desenfreada, que acabou com parte da flora que interessava ao comércio externo, especialmente a madeira retirada dos pinheirais.

Na logomarca da serraria do talian Stefano Bonet observamos a identificação da territorialidade de Viadutos para com a ferrovia São Paulo – Rio Grande que correspondeu, em parte, à gênese do local como tal. A compreensão do êxito econômico dos madeireiros taliani difundiu-se no local em razão da identificação identitária de que o talian era empreendedor e desbravador, atingindo padrões econômicos positivos para o sistema em decorrência da italianidade.



Fonte: Arquivo Histórico Juarez Illa Font – Erechim – RS.

Figura 8: Logomarca da Serraria Garibaldi.

<sup>95</sup> VERONESE, *Caminho percorrido...*, p. 12.

## 2.5 A implantação de agroindústrias: o Frigorífico Alegretti

Em documentos de 1932<sup>96</sup> constatamos a solicitação de guias para o pagamento de impostos relacionados à exportação solicitadas por Ângelo e Caetano Alegretti, referente a carne suína e banha, industrializadas pelo Frigorífico Alegretti, para que fossem vendidas ao exterior. Quanto ao Frigorífico Alegretti o talian escritor escreveu: “Viadutos, era a estação férrea, tal qual a de hoje. Uma dezena de casas. Comércio com movimento regular, devido ao Frigorífico e Refinaria de Banha dos Alegretti”.<sup>97</sup>

Para parte dos pequenos agricultores, a criação de suínos representava a renda remunerável do grupo familiar. Logo, a atuação do Frigorífico Alegretti é manifestada saudosamente pelos(as) entrevistados(as). Conforme Tedesco:

[...] a recordação acontece, em grande parte, por associação [importância dos símbolos, fotos, objetos]. Ao longo da vida, vamos organizando idéias e experiências, das quais as que envolvem mais paixão são as mais fortes, enfáticas e freqüentes. O recordar/revisar implica muitas vezes a ampliação, a interpretação a partir de referenciais subseqüentes, de âmbitos instrumentais e presentistas. É nesse sentido que percebemos que os idosos revisam suas lembranças, tornam-nas amadurecidas com sua vida, sua experiência e seus contatos reduzidos.<sup>98</sup>

Em conformidade com o autor e observando as manifestações saudosas dos entrevistados, constatamos que a dinâmica do Frigorífico Alegretti envolveu grande parte daquela população num período em que a empresa monopolizava o desenvolvimento econômico do local, associado sempre ao empenho individual da italianidade. Em documento de 31/08/1925<sup>99</sup> verificamos que a empresa Alegretti & Cia solicitou ao Estado do Rio Grande do Sul um terreno para que pudesse assentar as famílias de trabalhadores. O que foi efetivado, sendo denominada de “Secção Frigorífico”, designação que permanece na contemporaneidade.

As casas edificadas ao longo da área definida abrigavam os funcionários que trabalhavam nas dependências internas da empresa e as famílias dos carreteiros que

<sup>96</sup> SOLICITAÇÃO DE TERRENO. Arquivo Histórico Juarez Illa Font -Erechim - RS.

<sup>97</sup> VERONESE, *Caminho percorrido...*

<sup>98</sup> TEDESCO, *Nas cercanias da memória...*, p. 182.

<sup>99</sup> SOLICITAÇÃO DE TERRENO. Arquivo Histórico Juarez Illa Font -Erechim - RS.

percorriam o interior do distrito e a região recolhendo os suínos para o abate.<sup>100</sup> Segundo a quase centenária taliana R. B. V., os carreteiros mantinham vínculos com a empresa por meio de parcerias, numa espécie de terceirização dos serviços, recebendo comissões pelo trabalho. Conforme os relatos da migrante havia períodos em que as despesas superavam os lucros obtidos com o transporte; assim, a troca de carreteiros era contínua, conforme o preço pago pelos suínos.

O abastecimento da matéria-prima para o funcionamento do frigorífico fazia-se por todos os grupos étnicos da localidade. A taliana, R. B. V., esposa de um carreteiro, relatou-nos que “os Alegretti”<sup>101</sup> compravam suínos fora da territorialidade de Viadutos, nas localidades que se constituíam na sua maioria de (i)migrantes e descendentes de poloneses, como Áurea e Carlos Gomes. O deslocamento dos suínos até o local era realizado através do tropeirismo de porcos. A mesma migrante taliana recorda que o “madrinheiro”, uma espécie de anunciante de chegada, montado num cavalo, ou burrinho, suspendia um cinzeiro no animal para avisar a população de que estavam se aproximando. Era necessário, na época, abrir estradas e picadas para que os porcos pudessem chegar ao frigorífico.<sup>102</sup>

Os investimentos dos taliani refletem a dinâmica da produção e comercialização da banha que se efetivava no Rio Grande do Sul. Wolff registra:

A implantação dos frigoríficos no norte do estado também se inseriu na lógica de uma realidade econômica que, no Rio Grande do Sul, vinha evoluindo desde algumas décadas antes. O couro, o charque nas estâncias e a banha nas áreas de imigração tiveram grande importância econômica no estado, sendo explorados de forma rudimentar e artesanal. Naquele período, porém, a descapitalização do setor agropecuário tradicional – as estâncias e charqueadas – vinha num processo crescente. Como reflexo da reorientação da economia, decaiu a exportação do milho utilizado para a alimentação dos porcos; na mesma lógica, aumentou a exportação do toucinho e da banha.<sup>103</sup>

---

<sup>100</sup> R. B. V. entrevista já informada.

<sup>101</sup> R. B. V. entrevista já informada.

<sup>102</sup> TEDESCO, J. C. et al. *Agroindústrias, frigoríficos e cooperativismo: evoluções e contradições nas lógicas de desenvolvimento de Passo Fundo – 1960 - 1980*. Porto Alegre: EST, 2005.

<sup>103</sup> WOLFF, *Trilhos de ferro, trilhas de Barro...*, p. 225.

A sede do Frigorífico Alegretti foi estabelecida próxima às linhas férreas e não muito distante da estação. A facilidade do escoamento da produção, somada à demanda crescente do produto no exterior, impulsionou a produção, principalmente da banha.<sup>104</sup>

De acordo com nossos informantes, o Frigorífico Alegretti teria sido o pioneiro a proceder à atividade da matança dos porcos em série na região, no entanto não dispomos de outros dados que nos permitam confirmar esse fato. Recorrendo à fonte oral, um ex-funcionário do frigorífico relata:

[...] o Frigorífico Alegretti, o primeiro frigorífico do Alto Uruguai [...], instalado no distrito de Viadutos [...]. A área rural ocupada por brasileiros de origem italiana mantinha essa indústria com o abate de 100 a 200 suínos dia dependendo do tipo do produto fabricado. Esta indústria mantinha a mão-de-obra de 130 operários. Fabricavam diversos tipos de produtos: charque, lingüiça, copa, salame de boa qualidade tipo italiano, de muita aceitação em São Paulo. Ao decorrer dos tempos, essa indústria, foi alugada ao Frigorífico Nacional Sul Brasileiro [...] A referida indústria estava instalada na área rural com diversos depósitos de elaboração, câmara fria, fumeiro, depósito para produtos secos como: lingüiça, copa, salame e até atingir o período de ser comercializado. O prédio refinaria banha era separado da do abatedouro que, estava dentro do perímetro urbano e, recebia o produto banha para ser refinado; tinha um pequeno depósito de madeira que, era utilizado para fazer caixas de embalagem. Tinha uma serraria para conserto de carroças e ferragem de patas de animais, pois era a tração da época.<sup>105</sup>

A estrutura do frigorífico mantida na área rural e urbana reflete a sua importância para Viadutos e região. No relato de um talian ex-funcionário do frigorífico, observamos a legitimação do discurso que permanece no local de que os taliani foram os únicos responsáveis pelo sucesso de algumas empresas e atividades no início da constituição do povoado. Num contraponto à idéia vigente entre os taliani, entendemos que a atividade desta indústria era fruto do empenho da mão-de-obra de grupos étnicos distintos. Um descendente da etnia polonesa relata: “Não era sócio, ma entregava [...] Daí então, tinha uns que criavam em quantidades maiores, outros menores. Ali então quase todo mundo criava [...]”<sup>106</sup>

Ao evidenciar a questão da sociedade, o migrante V. G. faz menção ao Frigorífico Alegretti, que, posteriormente, foi adquirido pela Sociedade de Banha Sul Riograndense<sup>107</sup>, do qual os pequenos agricultores detinham pequenas quotas de o capital. Os (i)migrantes e

<sup>104</sup> WOLFF, *Trilhos de ferro, trilhas de Barro...*, p. 221.

<sup>105</sup> COLPO, E., 73 anos, descendente de itálos, Viadutos; Jan. 2005.

<sup>106</sup> GRZYBOWSKI, V., 80 anos, descendente de poloneses, Linha Passarini, Viadutos; Jan. 2005.

<sup>107</sup> WOLFF, op. cit., p. 221.

descendentes de poloneses também foram atuantes e responsáveis pelo funcionamento da indústria, uma vez que auxiliavam no abastecimento do frigorífico com a criação de suínos.

A indústria “dos Alegretti” teve os trabalhos encerrados na década de 1960. Com o seu fechamento, os funcionários que labutavam na lida interna da fábrica e os agricultores foram prejudicados, uma vez que, além de perderem emprego e renda, muitos perderam cargas de suínos que haviam sido entregues ao frigorífico e não foram pagos.<sup>108</sup>

A manifestação de superioridade dos taliani para com os demais indivíduos foi intensificada porque as referências positivas do comércio e da indústria para o capital identificavam-se como sendo de taliani. Esse aspecto é um dos elementos que apontamos como propulsores da intensificação da italianidade naquele meio social.

## **2.6 A elite taliana e os padres!**

É importante observar que consideramos como “elite viadutense” os donos das casas comerciais, principalmente a de maior expressão no período, a Zordan & Cia, e da maior agroindústria da localidade, o Frigorífico Alegretti – da firma Alegretti & Cia, intelectuais, padres e outros profissionais. Esses comerciantes e industriários tiveram presença atuante nas atividades políticas e sociais da localidade, onde a maioria dos acontecimentos envolvia a “elite viadutense”.

A emancipação do município de Marcelino Ramos configurou-se em excelente negócio para os marcelinenses, especificamente para aqueles envolvidos nas atividades comerciais e industriais.

O maior prejudicado comercialmente com a emancipação em Viadutos foi a empresa Zordan, pois iniciou-se uma disputa comercial entre a elite comercial viadutense taliana e a marcelinense. O distrito de Viadutos, por meio de uma das maiores interessadas naquele processo, a empresa Zordan, iniciou as articulações para tornar-se município. Os interesses comerciais da empresa taliana na emancipação transparecem nos relatos do guarda-livros L. E. T.:

---

<sup>108</sup> V. G. entrevista já informada.

[...] mas nós tínhamos um problema. Porque se nós não ia emancipa aqui (Viadutos), nós ia fica no meio de Gaurama e Marcelino. Era um problema comercial, também [...]. Então, a gente pensô nisso aí porque, não por nada, por interesse comercial e mesmo da população porque, não dependia só da gente, do povo.<sup>109</sup>

O processo de mobilização da comunidade pela empresa não se manteve nos limites da territorialidade do distrito, pois Viadutos não detinha o número de eleitores necessários para garantir o pleito. Segundo o guarda-livros da empresa Zordan: “Mas, não foi, [pausa] foi, trabalhado pra fazê Viadutos, não foi fácil!”<sup>110</sup>

Em relação às localidades do interior do atual município de Marcelino Ramos, o movimento emancipatório agiu enfaticamente na comunidade de Teixeira Soares e Mirim, a última pertencente na atualidade ao município de Severiano de Almeida. Relata L. E. T.: “Isso sim foi trabalhoso, em 59 foi. Cheguei ir dormir de manhã às 3, 4 horas tudo molhado [...] nós íamos até Coronel Teixeira, Mirim lá pra [...] convence o eleitorado pra vota o sim”.<sup>111</sup>

A mobilização visando obter a condição de município para Viadutos junto a localidades vizinhas, bem como as motivações gestoras da própria reivindicação, está registrada em ata da Câmara de Vereadores do atual município:

[...] só com a sua própria área territorial, não podia sonhar com a emancipação, pois não preenchia os requisitos essenciais para tanto, tornava-se necessário apelar a problemático apoio de zonas e distritos limítrofes. Diante o surto emancipacionista, surgido em todo o Estado do Rio Grande do Sul e mesmo, em todo território nacional, dando origem a inúmeras novas comunas, inclusive a novel e vizinha comuna de Gaurama, visando assim o dito movimento, proporcionar o maior desenvolvimento e progresso de muitas localidades até então menos privilegiadas e que reúnem possibilidades para a própria subsistência administrativa, para Viadutos, apresentou-se dois caminhos a seguir: Primeiro, de continuar como distrito, sem maiores perspectivas para o futuro e ainda, sujeitar-se ao possível desmembramento do seu já pequeno território, em favor da vizinha comuna de Gaurama. Segundo de preservar a integridade do seu território, apelar para zonas e distritos limítrofes e criar condições possíveis para sua emancipação, com muito maiores perspectivas de desenvolvimento e progresso para o futuro. Viadutos, uma próspera vila, privilegiada com a estrada de ferro, cumprindo grande parte de requisitos essenciais, por seus líderes, entendem que devia tentar a conquista da sua emancipação político-administrativa. [...]. Para esse fim, foi constituída a Comissão Emancipacionista, devidamente eleita e credenciada para tanto, composta dos principais e mais representativos próceres: Rev. Pe. Pedro Algemiro Della Meia, então operoso e dinâmico vigário pároco local e Sr. Arnaldo

<sup>109</sup> L. E. T. entrevista já informada.

<sup>110</sup> L. E. T. entrevista já informada.

<sup>111</sup> L. E. T. entrevista já informada.

Zordan, Lino Thomé<sup>112</sup>, Isidoro José Brancher e Alcides Alves Alegretti, destacados representantes do comércio e indústria local. [...]. O problema não foi tão fácil como parecia a primeira vista, porque para leste, em direção ao município mãe, pouco podia estender-se o movimento, a oeste, em direção de Gaurama, nada, devido pouca distância que espaça ambas as sedes, só restava expandir-se para o norte e para o sul, mas parecia muito problemático o apoio destas zonas. – Tornou-se necessário agir com muita calma, com muito tato e muita lisura, para primeiro captar simpatia e por conseguinte o apoio nestas zonas ao movimento.<sup>113</sup>

A mobilização reivindicando a emancipação foi intensiva nas localidades de Carlos Gomes e Linha Três, pertencentes ao município de Gaurama, haja vista que aquelas mantinham um significativo número do eleitorado. Segundo o guarda-livros da empresa Zordan a mobilização na comunidade de Linha Três deu-se em boa parte por intermédio do guarda-livros que pertencia ao mesmo grupo étnico de maioria da localidade. Ainda, o atuante migrante alemão, guarda-livros da empresa Zordan, candidatar-se-ia a vice-prefeito se a municipalidade fosse confirmada, o que estimulou os identificáveis étnicos alemães a votarem “no sim” para Linha Três integrar-se à territorialidade de Viadutos. O migrante guarda-livros relata: “[...] aí, nós se botamo à fazê a campanha porque Linha Três ali que, queria fica com Gaurama. Mas depois, conseguimô lá a maioria dos votos”.<sup>114</sup>

O fato de Gaurama constituir-se como pólo regional de atividades públicas e privadas e referência regional no período<sup>115</sup> deve ser considerado no processo de negação, daquelas localidades, do seu vínculo ao distrito. Também a formação étnica da comunidade da Linha Três, na sua maioria constituída de (i)migrantes e descendentes de alemães, ao passo que o distrito de Viadutos constituía-se como área de taliani, deve ser considerado, pois o município de Gaurama, em sua formação histórica, não concentrou somente o grupo talian na constituição urbana. A atuação do migrante alemão na comunidade de Linha Três tornou-se elemento central para que a localidade respondesse afirmativamente à proposta de emancipação do município.<sup>116</sup>

Em relação à atuação do grupo pró-emancipação em Carlos Gomes, a comunidade não manifestava o interesse de integrar-se ao distrito de Viadutos; logo, as investidas da elite talian não estavam sendo positiva naquela localidade, composta em 90% pela etnia

<sup>112</sup> Em relação à participação do descendente de alemães, Lino Thomé na comissão emancipacionista do município de Viadutos, cabe ressaltar, novamente, que era guarda-livros da empresa Zordan & CIA e que se casou com uma filha dos sócios da empresa, ou seja, embora descendente de alemães, atuava naquela comissão e no “universo político” em razão dos vínculos parentescos com a família-firma Zordan.

<sup>113</sup> Ata da Câmara de Vereadores do município de Viadutos; discurso do vereador. Estanislau Malysz.

<sup>114</sup> L. E. T. entrevista já informada.

<sup>115</sup> WOLFF, *Trilhos de ferro, trilhas de Barro...*, p. 250.

<sup>116</sup> L. E. T. entrevista já informada.

polonesa.<sup>117</sup> Então, a elite taliana somou forças ao poderio de persuasão dos padres sobre aquela população. Quanto à representatividade dos padres para as populações de ascendência taliana e polonesa, Luís De Boni e Rovílio Costa ressaltam:

O padre entre os imigrantes gozou de um status invejável, não tanto por sua pessoa – seguidamente alvo de duras críticas – como pelo cargo ocupado. Nele encontravam-se conjugadas a maior cultura da localidade e muitas vezes o único indivíduo que possuía uma educação superior e a auréola dos poderes sobrenaturais da religião; por isso, sua palavra, mesmo em assuntos profanos, tornava-se geralmente decisiva, e suas bênçãos e maldições ainda hoje são tidas como bênçãos e maldições proferidas por Deus.<sup>118</sup>

Os padres, por serem difusores da idéia da aversão à política no local, não faziam campanhas explícitas para que a população carlos-gomense apoiasse a elite taliana viadutense no processo, mas a instruíram por meio dos “santos sacramentos” a apoiar a iniciativa do grupo:

Nós contamos com Carlos Gomes porque lá, o padre [...], ele nos ajudou muito. Ele no confessional, (risos), ele dizia pros poloneses: vota sim, vota sim, e conseguimos porque se não..., eles iam ficar com Gaurama [...] Mas aí, o padre [...] e o [...], foram uns camaradas na política, não eram políticos mas, ajudaram muito a conseguirmos.<sup>119</sup>

A manifestação de um vereador sobre os meios utilizados pela comissão emancipacionista para persuadir a população de Carlos Gomes a aderir à causa da municipalidade revela-nos a exaltação da italianidade junto à população composta em sua maioria por identificáveis como poloneses, compreendidos pelos taliani como inferiores:

“Senhor presidente e nobres vereadores. – Quando, a 30 de, digo, a 13 de agosto do ano passado, regressando da Capital do Estado após a aprovação da Lei autorizando o plebiscito para a constituição do município, soube que uma Comissão chefiada pelo Revmo. Pe. Della Méa, presidente da Comissão Emancipacionista, estivera em Carlos Gomes, organizando lá uma sub-comissão. Pedi a ata para um registro na Assembléia Legislativa, mas responderam-me que

<sup>117</sup> GRITTI, I. R. *Imigração e Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul:...*, p. 198.

<sup>118</sup> COSTA; DE BONI. *Os italianos no Rio Grande do Sul...*, p. 116.

<sup>119</sup> L. E. T. entrevista já informada.

não fora lavrada; nem sequer foi-me possível saber os nomes dos seus componentes e ninguém me falou em compromissos assumidos. Foi, pois, com surpresa que ouvi nesta casa o sr.vereador Estanislau Malysz afirmar que fora prometida a Carlos Gomes a anexação de toda a área compreendida entre os Rios Apuaê e Apuaê-Mirim, invocando S.Excia. o testemunho do Sr.- Arnaldo Zordan, que participara daquela reunião. Até hoje ignoro o motivo porque este compromisso foi-me ocultado. Quando o vereador Estanislau Malysz apresentaria o seu projeto, limitei-me a objetivar que tal anexação exigiria, naturalmente, a criação de um sub-distrito naquela área, a cujas populações a sede do distrito de Carlos Gomes ficaria muito descômoda. Nem me seria possível outra atitude para com populações que desde o princípio se solidarizaram com a emancipação, constituindo a nossa grande reserva de votos favoráveis [...]”.<sup>120</sup>

A adesão dos poloneses de Carlos Gomes ao movimento consolidou a vitória “do sim”, que correspondia a desanexarem o distrito de Viadutos do município de Marcelino Ramos. O fato não é ressaltado pela comunidade viadutense, especialmente pela taliana, haja vista que a municipalidade dependeu, para isso, do apoio do grupo polonês. O plebiscito envolveu a população de Linha Pinhalzinho, que até a votação pertencia ao distrito de Viadutos. Com a realização do pleito, a localidade manifestou o interesse de continuar vinculada ao município de Marcelino Ramos não ao futuro município, conforme ressalta o descendente de alemães A. S.:

E depois disso, me mudei pro Pinhalzinho, próximo aqui de Viadutos, que não pertence à Viadutos [na contemporaneidade], na época e, apenas quando emancipou Viadutos, por um plebiscito que foi feito e, na votação do município é, Pinhalzinho ficou fora do município de Viadutos porque, a urna que instalada pra votação, no sim e no não, lá ganhou o não;com longa margem de voto. Aí, foi eliminado essa parte que é Pinhalzinho, que é próximo sete quilômetros de Viadutos, da cidade, e ficou pertencendo pro município mãe que é Marcelino Ramos.<sup>121</sup>

A emancipação do município de Viadutos desagradou à elite marcelinense, pois, com a efetivação do processo, Marcelino Ramos teria subtraída parte do capital gestor da produtividade agrícola e dinamizador do comércio da sede. Isso se expressa de forma sutil na obra *Marcelino histórico*:

Apesar da lei criadora do novel município de Viadutos estabelecer que dele faria parte o distrito de “Coronel Teixeira”, a verdade é que tal distrito de fato, jamais

<sup>120</sup> Ata da Câmara de Vereadores do Município de Viadutos; discurso do vereador Alcides Alves Alegretti.

<sup>121</sup> A. S. entrevista já informada.

pertenceu ao novo município, que dele tão somente se valeu para satisfazer os requisitos exigidos para a consulta plebiscitária, nos termos da lei em vigor.<sup>122</sup>

O migrante alemão discorre sobre o motivo que levava Marcelino Ramos e Viadutos a almejavam a territorialidade cabível ao povoado de Coronel Teixeira:

[...] nós precisávamos de uma população mínima de 10.000 habitantes então, nós pegamos de Carlos Gomes e, fomos parar lá no Mirim. Tu sabes que vinha pertencer a Coronel Teixeira agora, Mirim pertence a [pausa], Severiano [Severiano de Almeida]. [...] Nós tínhamos que ter a área, também, à 6.000 metros quadrados de área e, não tinha; tinha que pega toda essa área. Então, nós fomos até fora de Coronel Teixeira para ver a área, mas logo depois no plebiscito o seu Cheron era escrivão no Coronel Teixeira ele foi contra, mas nos apoiou. Aí, nós ganhamos em Mirim, né o sim. Mas a lei não permitia fazê separação; passá de um município pra outro, pois onde que ta [a comunidade de Mirim] tava interrompido com Coronel Teixeira. No fim, nós tínhamos área suficiente, território suficiente, não tinha mais problema.<sup>123</sup>

A municipalidade de Viadutos concretizou-se com a realização do pleito que definiria o prefeito e vice-prefeito, bem como a composição da Câmara de Vereadores. Observamos a presença da elite taliana no candidato para o governo daquele território e que a concretização dos seus interesses deu-se com a efetivação nos domínios públicos da localidade:

[...] aí, fomos pra emancipação, eleição eleitoral. Aí fizemos um consenso e foi fácil. O Isidoro era PTB, [...] naquele tempo, e entramos num consenso [a elite] registramos tudo direitinho e foi uma eleição pacífica. Mas, eu não ia pedi votos pra [pausa] porque eu era vice-prefeito, não tinha necessidade. Mas, na outra eleição [na reeleição] eu fiz mais voto do que o seu Isidoro, eu como prefeito e ele como vice. Eu era meio, mais relacionado com o povo aqui [...]. Mas, eu fiquei [como prefeito]. Fiquei quatro anos lá com o seu Isidoro na prefeitura, de ajudante.<sup>124</sup>

A eleição para prefeito e vice procedia-se em votações separadas, motivo pelo qual o candidato a vice-prefeito podia obter mais votos do que o candidato a prefeito. Embora

<sup>122</sup> THOMÉ, *Marcelino Ramos:...*, p. 53.

<sup>123</sup> L. E. T. entrevista já informada.

<sup>124</sup> L. E. T. entrevista já informada.

se torna evidente que a elite taliana dedicou-se à emancipação para garantir os seus interesses, ressalta-se que nela mesma existia uma relação de interesses e de firmação enquanto categoria.

Posteriormente à afirmação de Viadutos como município, verificamos no Livro Ata da Câmara de Vereadores indicação sobre o descaso com que a população de Carlos Gomes era tratada, a qual fora diretamente responsável pela emancipação de Viadutos:

[...] Estas foram nossas exigências mínimas, assim por nós formuladas, muitas sem restrições pela Comissão Emancipacionista não admito aqui e parte nenhuma, contestações contrárias e por conseguinte, quaisquer dúvidas a este respeito [...]. Torna-se necessário de evidenciar aqui, que com a minha interferência pessoal, conseguimos interessar no movimento emancipacionista o padre Revmo. Pe. Estanislaw Objnich [...]. Travou-se campanha plebiscitária das mais unidas que já participei. Foi disputado voto por voto. O Executivo de Gaurama, mobilizou todas as suas reservas materiais e morais, estabelecendo em Carlos Gomes um verdadeiro quartel general, para nos esmagar de qualquer forma. [...] Analisados todos os prós e contras, principalmente, a maior possibilidade de beneficiar o distrito de Carlos Gomes, pela proximidade da sede municipal e simpática forma que o Viadutos se propunha, uma vez vitoriosa a sua emancipação, executar todas as suas reivindicações e mais preementes aspirações, resolvi emprestar o meu apoio e colaboração ao movimento emancipacionista [...]. Assim que, se fosse eleito Cel. Perachi Barcellos, seria apontado o Sr. Lino Thomé e no caso, da vitória de Eng. Leonel Brizola, iria ser apontado o Sr. Isidoro José Brancher [...] Para cumprir lealmente com a palavra empenhada, fizemos tudo o que nos foi possível. – Eu e as minhas próprias dispensas, nos últimos dias de campanha, fui buscar um dos meus filhos de Porto Alegre, eleitor pertencente a seção eleitoral, localizada no Clube de Carlos Gomes, para desempatar a votação naquela mesa e o que se positivou, conforme previamente tinha previsto. Assim, pois, incontestavelmente, ninguém pode afirmar ao contrário de que a nossa colaboração, [...], foram decisivas, leais e sinceras e que, se hoje Viadutos é município, nos deve a sua emancipação administrativa, pelo menos, senão totalmente, em grande parte [...] o historiador que um dia pretender escrever história desta comuna, vão verificar a veracidade das minhas afirmações, que tudo isso fez um grupo de verdadeiros irresponsáveis e não dignos representantes do povo, como querem se intitular [...].<sup>125</sup>

Dos relatos transcritos em ata, é possível verificar que Gaurama posicionou-se contrariamente à emancipação de Viadutos, ao contrário de Carlos Gomes, que tomou posicionou favorável em razão das promessas feitas à população pela elite taliana daquele distrito.

Na ata transcrita há a menção do vereador a uma escrita posterior de fragmentos da história da emancipação política, a qual é oportuna não somente pelo fato de ele prever que o documento poderia ser utilizado como fonte de um estudo historiográfico, mas por conter

<sup>125</sup> Ata da Câmara de Vereadores do Município de Viadutos; discurso do vereador Estanislaw Malysz.

elementos plausíveis que legitimam tais apontamentos. Com base na nossa coleta de dados, compartilhamos da afirmação do vereador de que, motivada pelo momento da campanha emancipatória, a elite taliana viadutense utilizou-se da capacidade de mobilização junto aos padres para persuadir a população de Carlos Gomes. É possível, portanto, verificar nesse processo, de forma explícita, a manifestação da italianidade, a concepção do “ser talian melhor”, intensificada pelo fato de corresponderem ao expoente do capital na territorialidade de Viadutos.

A compreensão entre os taliani de que representar excelência para o mundo do capital é algo positivo, associada à percepção de que os taliani eram a elite do local porque eram taliani, acentuou a idéia de que a população identificada como polonesa de Carlos Gomes era manipulável e utilizável. Tal processo facilitou e intensificou o preconceito naquele meio social em relação aos poloneses, utilizado de maneira favorável pelos taliani.

Entendemos, contudo, que os poloneses não eram facilmente manipuláveis, pois fica evidente que esta população, necessitada de ser assistida pelos órgãos públicos, perspectivou na municipalidade de Viadutos uma alternativa para a melhoria de suas condições de vida, especialmente pelo aval propiciado pela figura do padre, muito valorizado pelos desta etnia.

A impossibilidade do reconhecimento do “grupo do outro” construído pelo “grupo do eu” intensificou a aproximação interna dos membros pertencentes a este e a exaltação somente a ele dos fatos atrelados; conseqüentemente, anulou-se o reconhecimento da práxis do indivíduo externo, dos “outros”. A utilização do discurso e da idéia de que os taliani seriam melhores do que os demais manteve-se vigente entre os indivíduos daquela sociedade e legitimou tal fato. Verificamos que as relações interétnicas estabelecidas em Viadutos foram fundamentais para a propagação e difusão no senso comum local de que “Viadutos é terra de talian” e de que a economia do local e os demais elementos positivos que o caracterizam estiveram somente vinculados a este grupo étnico.

A maior evidência das casas comerciais pertencentes a taliani e a presença de empresas renomadas na região de identificáveis com a italianidade favoreceram o entendimento da suposta supremacia étnica e da fundamental importância dos desta etnia na constituição da territorialidade em estudo.

A atuação da elite taliana na política do local também se constitui num elemento relevante na manutenção e construção do discurso da italianidade, ou seja, somente dos taliani como legitimadores do processo. Pudemos verificar a exaltação da italianidade pautada, sobretudo, no outro, especialmente do grupo polonês, compreendido pelos taliani

como “inferiores”. Ainda, constatamos a presença e influência dos padres da instituição católica como mantenedores e difusores do discurso da italianidade no local, pois eles eram figuras de extrema importância para os grupos taliani e poloneses, intervindo na dinâmica social do local e, dessa forma, na própria identificação que se fazia da italianidade.

Portanto, os elementos que evidenciamos e elencamos neste capítulo são relevantes no desenrolar da (re)construção e na definição da categoria da italianidade, bem como da territorialização étnico-econômica do espaço social de Viadutos. Investigada a (re)construção da italianidade e a afirmação de supremacia-étnica em relação aos demais grupos sociais na territorialidade de Viadutos, consideramos, agora, imprescindível abordar a dimensão dos aspectos sociossimbólicos na identificação e na construção do sujeito talian, com o jeito de ser talian.

### **3 – ASPECTOS SOCIOSSIMBÓLICOS NA CONSTRUÇÃO DA ITALIANIDADE NA LOCALIDADE DE VIADUTOS: O JEITO DE SER TALIAN**

Neste capítulo enfatizamos a importância de aspectos sociossimbólicos na construção da categoria talian no norte do estado do Rio Grande do Sul e, mais especificamente, na localidade de Viadutos. Consideramos os aspectos sociossimbólicos relevantes na manutenção e definição de tal categoria, haja vista que perpassam pelo processo dinâmico de contínua ritualização e (re)definição.

A (re)construção da italianidade traduzida nas vivências da identificação para com a mesma no universo da instituição católica, da família a compreensão da importância do poupar para “construir fortuna”, dos sobrenomes e, sobretudo, a interpretação do ser talian como “mais importante e diferente” dos demais são aqui evidenciadas. As manifestações sociossimbólicas da italianidade são abordadas no contexto das relações interétnicas estabelecidas na territorialidade em foco, com base no que observaremos como elementos vinculados à compreensão da italianidade que se faziam valer naquele meio social de várias identificações.

O dinamismo da (re)construção da italianidade em seus aspectos sociossimbólicos, que auxiliaram, e auxiliam, na potencialização, na manutenção e (re)definição daquela categoria na sociedade-sistema são as motivações deste capítulo.

### 3.1 A Igreja Católica e os “santos ensinamentos” para os taliani de Viadutos

A instituição católica representou para os identificáveis com a italianidade e para a construção desta parte da vida social. A assistência religiosa da Igreja Católica fazia-se no distrito de Barro, pois a vila de Viadutos, no início da sua constituição, não contava com assistência religiosa católica, mais especificamente, as missas; assim, nos primeiros tempos havia um certo “senhor Maitto” que organizava a população do local para rezar o terço em comunidade.<sup>126</sup> Para a taliana R. B. V. as idas freqüentes nas manhãs de domingo até a localidade de Barro perpassam pela sua memória “como se fosse hoje”, pois foi pela freqüência dominical à Igreja Católica de Barro que ela passou a observar o espaço urbano que se construía e a interagir com pessoas que não pertenciam ao grupo familiar e vicinal.<sup>127</sup> De acordo com Tedesco:

Os tempos e os espaços confundem-se na lembrança dos que migram. Contexto e temporalidade situam o migrante, representam memórias, momentos, (situ)ações, deslocamentos, etc. A memória desloca-se do tempo para o espaço, do espaço para o espaço, ao mesmo tempo que os unifica. O rural é o urbano não podem ser vistos separadamente, pois as representações se entrelaçam nos espaços. Os idosos entrevistados manifestam fatos e circunstâncias da vida na cidade, no bairro e nos vários espaços significativos de trabalho. Percebemos que diferentes espaços constituem seu cotidiano, sejam públicos, sejam individualizados, coletivos e privados (as festas comunitárias, a culinária, o trabalho variado e diferente daquele meio rural, a participação na Igreja, etc.). Ficamos com a certeza de que os espaços são narrados mais pelo âmbito da fronteira, da separação sociocultural e também simbólica.<sup>128</sup>

Em conformidade com o autor, verificamos que em Viadutos, embora residindo na área rural, os indivíduos não moravam “num local isolado”. Mesmo dispondo de precários meios de comunicação e socialização no período, o universo urbano e o rural confundiam-se neles próprios, e uma das instituições integradoras era a Igreja Católica.

O assistencialismo religioso católico no distrito de Barro, segundo Wolff, foi proporcionado pela empresa colonizadora; desde 1912, o culto já era praticado no local, atendendo os interesses dos pioneiros (i)migrantes europeus que chegaram com a

<sup>126</sup> R. B. V. entrevista já informada.

<sup>127</sup> R. B. V. entrevista já informada.

<sup>128</sup> TEDESCO, *Nas cercanias da memória...*, p. 261.

construção da ferrovia.<sup>129</sup> O assistencialismo religioso, para os taliani, fazia-se também com as visitas do padre às casas das famílias.

A primeira Igreja construída na estação Viadutos ocorreu ao longo do ano de 1918. A fé, atrelada à construção da idéia positiva envolvendo a presença do grupo talian no local, intensificou e nutriu a prática do catolicismo entre os taliani. A Deus, por meio das orações católicas, tudo se pedia e, quando as reivindicações não eram atendidas, era porque ele não queria que assim o fosse. Veronese escreve sobre a importância dada ao catolicismo pelos taliani na localidade:

O catecismo aprendêmo-lo na capela. Ái de nós se faltássemos, seja lá por que motivo fosse, salvo fôrça maior. Não foi aprendido em casa pelo motivo muito simples que a mãe não sabia as orações em português. Aprendidas, pois as pequenas e diárias preces em família, o resto precisou do professor e catequista. Durante a semana estudava-se o catecismo na escola. Aos domingos, na capela, junto com cânticos religiosos.<sup>130</sup>

A diária ênfase dada à importância ao catolicismo pelos taliani levou a que na localidade emergissem excelentes adeptos praticantes da religião. Os taliani freqüentariam a igreja numa representação a ida à casa divina, tanto que os integrantes do grupo não mediam esforços para mantê-la com a mesma “dignidade” da casa do Senhor: “[...] papai ensinava-nos como devíamos estar sempre prontos a oferecer os nossos préstimos em favor das obras da Igreja. Como também, o bom católico nunca se deve recusar a contribuir generosamente para as necessidades materiais da Igreja”.<sup>131</sup>

Os taliani mantinham o vínculo com a Igreja Católica como forma de se manter e se construir como grupo, pois esta instituição foi a que esteve mais presente na trajetória histórica dos (i)migrantes ítalos no Rio Grande do Sul, na qual encontravam as justificativas para os acontecimentos desencadeados em seu contexto.

Outro elemento que, juntamente com a prática do catolicismo, somou forças para o auto-reconhecimento pelos integrantes do grupo foi a adesão dos taliani aos ensinamentos provenientes do jornal dos padres no período, o *Staffetta Riograndense*, reconhecido também como o “jornal dos taliani”. O jornal migrou, juntamente com o grupo talian, das Colônias Velhas para as Colônias Novas. O primeiro agente do jornal no

<sup>129</sup> WOLFF, *Trilhos de ferro, trilhas de Barro...*, p. 173.

<sup>130</sup> VERONESE, *Caminho percorrido...*, p. 24.

<sup>131</sup> VERONESE, op. cit., p. 26.

local, Emílio Veronese, foi quem intensificou, juntamente com os padres, a adesão ao meio de comunicação, que se fazia quase exclusivo naquele período. O autor talian ressaltou:

Com que incontida alegria o registro! Porque foi lá em casa que conheci La Stafetta, depois Correio Riograndense [...] Pode ser que tenha sido inoculado desde então em mim o amor ao jornal e a este extraordinário apostolado tão recomendado pelos Papas.<sup>132</sup>

O jornal *Stafetta – Correio Riograndense* – tinha circulação semanal na localidade. O jornal dos taliani, que também servia como meio de comunicação, foi definido pelos estudiosos que pesquisam a sua formação e elaboração, comparativamente à posterior adesão das massas ao aparelho televisivo e a canais aberto ao público, como na atualidade a Rede Globo de televisão<sup>133</sup>, haja vista sua ampla adesão no meio da italianidade.

Na década de 1920 a comunidade taliana mobilizava-se para que Viadutos se tornasse paróquia, a fim de não depender mais da assistência religiosa disponibilizada pelos padres de Barro. No relato de Veronese<sup>134</sup>:

Já em 1926 tomou parte da comissão que se dirigiu a Santa Maria, a fim de pleitear junto ao Bispo a criação da Paróquia em Viadutos. Foi preciso batalhar mais anos até a concretização dessa legítima aspiração do povo viadutense. Mas no final a paróquia veio.<sup>135</sup>

Conforme os relatos da memória do migrante autor:

Devo acrescentar uma recordação da minha infância. Mais de um ano, fomos nós, enviados pelo pai, com a nossa carreta, apanhar musgo e o pinheirinho e demais

<sup>132</sup> VERONESE, *Caminho percorrido...*, p. 30.

<sup>133</sup> Em relação à adesão do grupo talian ao jornal *Stafetta Riograndense*, o *Correio Riograndense*, nome dado posteriorente ao *Stafetta Riograndense*, retrata brevemente sobre o assunto RIBEIRO, C. M. P. *A dimensão de Nanetto Pipetta*. Correio Riograndense, Caxias do Sul, 01 jan. 2006.

<sup>134</sup> VERONESE, op. cit., p. 24.

<sup>135</sup> VERONESE, op. cit., p. 24.

material para armar o presépio na Igreja. Isso foi em 1925 e 26. Com que alegria e, disposição fazíamos esse serviço!<sup>136</sup>

O fato de os taliani se mobilizarem para a construção da paróquia, efetivada no ano de 1934, levou a que, no desenrolar dos fatos históricos da localidade, o grupo se definisse como “proprietário” das atividades religiosas envolvendo o catolicismo. Com o estabelecimento de indivíduos de etnias várias no local, coube à maioria (aos taliani) comparar as suas ações e práticas cotidianas com as dos demais grupos; assim, consideravam práticas negativas as dos demais e positivas as do seu grupo.

### 3.2 A Igreja, o alcoolismo e os bailes

A atuação da instituição católica junto à comunidade repercutia na sua dinâmica de modo geral. O discurso utilizado pelos padres era moldado para a realidade que se fazia presente, ou seja, havia uma estrutura, que era a dos preceitos primeiros difundidos pela Igreja Católica, os quais, porém, eram ajustados à realidade do local. Em Viadutos, a associação do pecado ao álcool permeava as falas e os sermões proferidos pelos padres, principalmente a utilização abusiva desta substância por membros do grupo, que era condenada pelos próprios co-irmãos étnicos instruídos pela pregação do catolicismo.

Se entre os taliani a prática era discriminada com o isolamento do indivíduo dependente e da própria família do viciado<sup>137</sup>, quando o fato ocorria com indivíduos pertencentes a outros grupos a intensidade da discriminação aumentava. O autor talian escreveu a respeito:

Outra praga e, vício combatido pelo pai era a bebedeira. Aliás, o pai não bebia. Apenas um pouco nas refeições. [...] Papai não aturava os bêbados. Nem mesmo queria que chegassem em casa. Chamava a atenção aos irmãos mais velhos, dizendo-lhes que quem se embebeda já não é dono de si. [...] Não mereciam crédito. Nem confiança. Evitar-lhes a companhia. O bêbado é capaz de tudo. Nem tem algum valor. Só depois de alcoolizado é que tem coragem. Mas apenas para

<sup>136</sup> VERONESE, *Caminho percorrido...*, p. 24.

<sup>137</sup> R. B. V. entrevista já informada.

incomodar. É a desgraça da família. Quantos dramas em família, precisamente do maldito vício da bebedeira!<sup>138</sup>

Na localidade de Viadutos a dependência do álcool ou o uso abusivo da bebida em algumas circunstâncias passou a ser atrelado pelos taliani ao grupo polonês. O alcoolismo, que era uma prática condenada pela Igreja Católica, contribuiu para a potencialização do preconceito aos dependentes e, por outro lado, para a afirmação da excelência do “grupo do eu” em relação ao “grupo do outro”, o polonês.

A identificação do “grupo do outro” como referência negativa aos ensinamentos difundidos pela Igreja Católica entre os taliani servia como elemento positivo para a italianidade que se construía. Entre as pregações feitas pelos padres nas comunidades talianas, o baile não era compreendido como prática aconselhável. A migrante taliana R. B. V. ressalta: “No se savea nhanca o que era baile [...] eu nunca fui num baile”.<sup>139</sup> Por isso, a diversão, associada à utilização demasiada do álcool e à “perdição” das filhas talianas, tornava o baile um evento incomum no grupo. Os bailes deviam ser realizados com a devida permissão do padre responsável pela comunidade, segundo Luis A. De Boni e Rovílio Costa:

Havia jogos de baralho, canto...Contavam-se histórias e, às vezes quando havia sanfona, tinha lugar um baile de família, que não precisava de licença do padre, não era considerado pecado o baile familiar, entre vizinhos, parentes e pessoas conhecidas.<sup>140</sup>

A reverência à figura do padre nutre a idéia de que a vila Viadutos foi amaldiçoada por um sacerdote. Segundo a lenda, o padre não teria permitido a realização de um baile no espaço urbano, haja vista que no domingo haveria missa no local. Contudo, os festeiros do local não respeitaram o parecer do padre e realizaram o evento. Por isso, ele teria se revoltado com a população e amaldiçoado a vila, cujo progresso teria estagnado após aquele evento.

O insucesso e a falência de empresas, como o Frigorífico Alegretti e a Zordan, teriam sido legitimados pela ação do padre, que, pela sua intervenção divina, conseguiu

<sup>138</sup> VERONESE, *Caminho percorrido...*, p. 35.

<sup>139</sup> R. B. V. entrevista já informada.

<sup>140</sup> COSTA; DE BONI. *Os italianos no Rio Grande do Sul...*, p. 134.

fazer com que o local regredisse e não evoluísse economicamente. Observamos que a importância dada à figura do padre no local reflete a prática do catolicismo pelo talian; por isso, todos os fatos perpassam pela análise definida pelo padre, o qual detinha poderes de intervir junto ao divino pelas pessoas da localidade.

A noção da italianidade compreendida como graça divina passou a ser transmitida na inter-relação social dos indivíduos identificáveis e não-identificáveis com a italianidade e a concepção de italianidade passou a ser exaltada pelos taliani como um elemento a mais na sua percepção de serem a excelência étnica.

### 3.3 A casa da família taliana na colônia<sup>141</sup>

A casa da família taliana, como relata a migrante taliana D. B. Z., estabelecia as coordenadas das construções posteriores no minifúndio:

Tinha cortado os mato lá onde botemo as casa, os rancho e, tinha capoerom, tudo capoerom. Cortaram o capoerom, fizeram o rancho no meio. Eu me lembro bem ainda. I. fiquemô mal aquela vez que viemo com a mudança. Bem depois [foi construído], o resto.<sup>142</sup>

Segundo relatos de outra migrante<sup>143</sup>, R. B. V., as casas talianas identificadas como as primeiras foram edificadas de madeira lascada, com cunha e machado, arrastada até o local com a ajuda de cavalos. A cobertura das casas era feita, na sua maioria, de tábuas e eram de “chão batido”. A casa taliana da localidade era dividida em poucos cômodos, de modo que as filhas moças dormiam todas num só quarto e os rapazes dividiam outro cômodo. O leito – *del letto* – era ajustado pelas moças todas as manhãs, pois os colchões eram enchidos de palhas de milho e os travesseiros, de penas de aves. De acordo com os

---

<sup>141</sup> Sobre a família taliana pesquisamos também em DE BONI, L. A. (Org.) *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1987.

<sup>142</sup> D. B. Z. entrevista já informada.

<sup>143</sup> R. B. V. entrevista já informada. Importa ressaltar que os relatos da migrante não se limitaram à própria casa, no início da sua estada no local, mas das que ela “tem recordação”. No entanto, trabalhamos com a idéia de que nem todas as construções dos (i)migrantes taliani tenham se dado de maneira idêntica, mas convencionamos oportuno os relatos da migrante, pois em conversas com outros (as) migrantes taliani eles fizeram referência aos cômodos da casa taliana da mesma forma, ou de maneira muito próxima da migrante.

relatos da migrante as poucas roupas dos integrantes da família eram dispostas em pregos presos às paredes laterais dos quartos ou em tábuas; além das camas, havia bancos para se sentarem nos quartos. A entrevistada ressalta que no quarto do patriarca uma cruz ficava disposta acima da cama, representando a proteção divina ao casal.

Conforme R. B. V. a inexistência de banheiros obrigava a que os (i)migrantes fizessem as necessidades fisiológicas nas proximidades da casa, entre arbustos, e que os banhos fossem tomados com menos regularidade, usando uma gamela e um balde confeccionados de madeira por eles próprios. Já o tanque para a lavagem das roupas, para o talian o *level*, era composto de duas tábuas, que serviam de apoio e eram colocadas dentro do rio; as roupas eram lavadas com sabão caseiro (feito pela família com gordura de animais). Relata a migrante que a exposição das roupas ao sol facilitava a lavagem.

A cozinha, seguindo os relatos, era mobiliada com uma mesa de madeira comprida, um fogão de terra com barro, *larin*, e bancos rústicos. As louças utilizadas na lida da cozinha eram lavadas no *setcharo*, que se situava debaixo da janela da cozinha, na parte exterior da casa. A iluminação da casa à noite era garantida por lampiões a querosene, ou mantido com banha, que era disposta num recipiente, juntamente com um pedaço de tecido, ao qual se ateava o fogo.

Edificadas as moradias, os taliani começaram a construir toda a infra-estrutura necessária para labutar nas pequenas glebas, inclusive abrindo as estradas para ter acesso às terras:

Então, pra i na roça eu tinha mil metro pra fazê, eu sempre ia de cavalo, e até não ia quase nunca, só quando ia com carroça e boi, eu tinha outro meio, nó. Então, o cavalo i na roça mil metros, mil e quinhentos metro [...], quando tava no meio dia o cavalo ficava amarrado, tinha que trata um poquinho ele também, depois, de tarde, de novo na lavora, lá com enxada, sempre. Enxada porque não tinha outro meio, não é. I era três mês, três mês e meio a enxada não se largava, não tinha veneno, não tinha nada. Tudo no braço assim, né. E nom me quexo nem daquela vida lá porque, foi uma vida trabalhada, mas deu resultado. Não deve nom dizê, nom valeu nada, e valeu, valeu bastante porque eu vivi e fiquei com minha família tudo aqui [...].<sup>144</sup>

A satisfação das conquistas relatadas pelo talian evidencia a idéia que permanece latente no grupo de que a labuta diária, o sacrifício, o trabalho pesado são recompensados ao final de vida.

---

<sup>144</sup> N. B. entrevista já informada.

No nosso entendimento, a casa da família taliana e a estrutura da pequena propriedade na colônia correspondem à imagem que, especialmente na atualidade, difunde o que era ser talian no passado: o ser talian dos ascendentes. A referência à casa, na maioria das vezes com um estilo rústico e simples, representa o entendimento de que o ser talian conseguiu sair de uma posição de inferioridade, como exemplificado pela simplicidade da habitação da colônia, para uma posição superior. Tal compreensão entendemos ser potencializadora da idéia da suposta supremacia étnica taliana.

### **3.3.1 Porões de pedra para os taliani**

No interior de Viadutos, nas localidades conhecidas como talianas, encontramos porões de pedras. Na comunidade de linha Bárbara localizamos seis porões de pedras, que, conforme moradores do local, têm, aproximadamente, oitenta anos e são preservados pelas famílias que residem em casas próximas ou edificadas sobre esses.

Institucionalizou-se no senso comum local que os porões de pedras estão para com a italianidade e esta para aqueles. No entanto, a arquitetura dos porões não foi projetada pelos taliani, visto foi “mão-de-obra de fora” os projetou. Ao avançar em nossas pesquisas tomamos conhecimento de que foram edificados por um imigrante alemão – Carlos Shuank – contratado pelos taliani para isso, conforme relata um descendente de alemães “O porão foi [...] Carlos Shuank. Do Bárbara todos os porões”.<sup>145</sup>

A simbologia dos porões de pedras associados à italianidade é difundida como elemento positivo em Viadutos, e a construção da italianidade agrega-os como elementos de identificação para com aquela. A noção de supremacia étnica perpassa pelo entendimento de que o que há de melhor no local é decorrência dos taliani, não reconhecendo, ou anulando, as ações dos “outros”.

---

<sup>145</sup> A. S. entrevista já informada.

### 3.4 A educação da família taliana

O modo de vida simples que os imigrantes e descendentes de europeus, especialmente dos taliani, levavam no interior do povoado incluía momentos de recreação vivenciados na área rural, como relatado por Veronese:

Aos domingos os irmãos mais crescidos recebiam a mesada.. Nós, as crianças, uns cem ou duzentos réis, para comprar caramelos. Papai não gostava que os filhos jogassem futebol. Sempre foi contrário. Achava o jogo perigoso. Não cansava de repetir: Não me voltem para casa machucados que, eu machuco mais...” Mas o futebol era irresistível. Todo o cuidado, porém, era pouco para não se contundir. Mesmo os irmãos maiores não chegaram nunca a se inscrever no time da localidade. Tudo por esse receio. De resto, meus irmãos, aos domingos, divertiam-se com as bochas e o baralho. [...] Os irmãos mais crescidos gostavam demais de carreiras. Acredito, fosse mais por esporte do que por jôgo de dinheiro. E na bodega, aberta desde fins de 1925, o pessoal jogava, por passa-tempo, um trago, um churrasco. Só. Os jogos eram baralho, bochas e mora. Tudo não passava de familiares e amigáveis reuniões dos domingos e dias santos.<sup>146</sup>

Os relatos do migrante autor podem não corresponder à realidade de todas as famílias talianas que viviam e formavam aquela sociedade, mas, seguindo o texto, observamos que a socialização e recreação davam-se entre os indivíduos do mesmo grupo. O domingo, seguindo as orientações da Igreja Católica, era o dia dedicado à visitação à casa do Senhor e à promoção da sociabilidade entre os indivíduos que construía aquela territorialidade; os dias santos não eram dedicados ao trabalho na roça.

A educação rigorosa dos pais das famílias talianas integrava a cotidianidade da área rural e sua autoridade, sobretudo do pai, era rigorosamente obedecida pelos integrantes da família. Uma migrante taliana recorda: “Não se sabia o que quê era sê separa [matrimônio]. E entre irmão que se dessem um tapa pra vê se não apanhava os dois. Não, Deus o livre! E o que o pai falava era falado, ninguém respondia”.<sup>147</sup>

A repressão física na família taliana foi amplamente utilizada pelos seus patriarcas e a palmatória servia de meio para inibir as tentativas de desobediência a este, que muitas vezes tinha sob sua responsabilidade um verdadeiro clã. O respeito à figura do patriarca é ressaltada pelo migrante autor:

<sup>146</sup> VERONESE, *Caminho percorrido...*, p. 18.

<sup>147</sup> R. B. V. entrevista já informada.

Papai era bastante enérgico. Não faltava familiaridade. Não, porém demasiada. Tínhamos acentuado respeito para com ele, quase beirando o medo. Mamãe também sentia tal respeito com ele. Nunca judiou nenhum filho. Mas todos tinham que andar na linha. Isso sim. [...] Também, era suficiente uma olhada dele para que a turma (família) marchasse em forma. Isso de surrar a chicote ou quejandas modalidades, como se ouvia dizer de outras famílias, horrorizava o papai.<sup>148</sup>

Observa-se que o respeito ao pai mostrava-se pela total obediência da esposa-mãe, visto que a autoridade daquele na casa era soberana e permanente. A figura do esposo confundia-se com a de um tutor, e a esposa postava-se como dependente e respeitadora das suas estipulações sem maiores contestações, pois a ela atribuía-se a imagem da família para o próprio grupo.

As famílias talianas, em sua predominância grandes e pobres, caracterizavam a vida nas localidades do interior e no próprio povoado como muito simples; independentemente da etnia a que pertencessem, os habitantes da comunidade viviam sem maiores confortos. Nesse aspecto, uma migrante taliana reconhece que os taliani eram “iguais” aos indivíduos pertencentes a outras etnias: “Era tutti compagni, te sé! Tutti poaretti, né!?”<sup>149</sup>

A dificuldade de aquisição de bens necessários para a família taliana não se limitava a roupas para aquecimento no inverno, mas envolvia também a alimentação, que não se compunha de cardápios variados:

O nosso viver sempre foi de pobres, roupas simples. Mesa parca. Quando as condições melhoraram, tudo foi melhorando também. Todavia, criar-se ali, no duro, é uma boa escola para o futuro do vivente. Sabe-se então o que as cousas custam. [...] O primeiro par de sapatos calcei-o no dia da minha Primeira Comunhão. E fui mais feliz do que os meus irmãos mais velhos, que também nesta feliz e festiva circunstância da vida, pelo que me consta, apenas tiveram chinelos. Eu fiz a primeira Comunhão em novembro de 1925. E eles, alguns por volta de 1915.<sup>150</sup>

Para a quase centenária taliana<sup>151</sup>, o conselho da mãe imigrante era: “manhê tanta polenta fioi” – “comer muita polenta” –, a qual representou alimento primordial no início da (i)migração taliana para o norte do estado do Rio Grande do Sul, acompanhada da sopa

<sup>148</sup> VERONESE, *Caminho percorrido...*, p. 17.

<sup>149</sup> R. B. V. entrevista já informada.

<sup>150</sup> VERONESE, *op. cit.*, p. 19.

<sup>151</sup> R. B. V. entrevista já informada.

de feijão, que era hábito à noite. Com o decorrer dos tempos, a entrevistada recorda-se de que os taliani passaram a ter leite em casa para complementar a alimentação “um brasileiro”<sup>152</sup>, conhecido como Bernardo, trouxe das proximidades do rio das Antas, a pé, com a ajuda de um cavalo, uma vaca, o primeiro animal leiteiro adquirido pela família e um dos primeiros a chegar ao local.

A mesma migrante descreve o chão batido da casa para facilitar o manuseio do *fogoler*, onde, suspenso com correntes, fazia-se à polenta. A migrante, que enfatiza a importância da polenta, ressalta que, após o cozimento, era colocada num recipiente, chamado *trappie*; a polenta o *radicci-cotti* o salame e, posteriormente, o queijo integravam a alimentação cotidiana dos taliani. Em relação ao consumo de carnes, ressalta que ocorria somente em ocasiões especiais, como em casamentos, e que a carne era conservada em latas de alumínio em meio à banha.

Seguindo a simplicidade do estilo de vida mantido no interior do povoado, as aquisições, quando realizadas, justificavam-se por comemorações ou recebimento de sacramentos da Igreja.

A italianidade no local prevaleceu, sendo reconhecida entre os próprios taliani como superior em relação às demais identificações identitárias. Foi na não-identificação do “outro” como igual ao “eu” que a concepção do diferente passou a ser difundida e propagada entre os taliani de Viadutos.

### **3.4.1 A educação formal dos taliani**

Na vila Viadutos a alfabetização, quando ocorria, realizava-se de forma precária. R. B. V. nos contou que a professora “tomava a lição”, mas a migrante não se recorda de ter sido avaliada sob o regime da prova. Também recorda que o esposo da professora “era enérgico” utilizando a palmatória. Em relação à professora, chamava-se Amábile Barbierini e a localização da casa-escola dava-se nas proximidades da estação Viadutos. Sobre a atuação da primeira professora em Viadutos, numa correspondência expedida pela educadora, em 12/05/1925 localizamos uma espécie de agradecimento e breve relatório feito para o coronel intendente de Boa Vista do Erechim:

---

<sup>152</sup> R. B. V. entrevista já informada.

Cumpro o grato dever de agradecer V. Exc. pela subvenção que dignou-se conceder à aula por mim regida, como também pela oferta de um exemplar d “O Culto Civico”; posso assegurar V. Exc. que não pouparei esforços para que os ensinamentos nelle contidos, sejam aproveitados pelos alumnos que freqüentam a minha aula.<sup>153</sup>

A migrante R. B. V. recorda que das proximidades do interior do povoado deslocavam-se, descalços, até a vila para estudar num ambiente precário, onde aprendiam minimamente a escrever seus próprios nomes, a ler e noções básicas de matemática. A depoente nos conta que as aulas eram ministradas nas dependências da casa da professora e quem a auxiliava era seu esposo. A pedra de sabão era o recurso utilizado para fazer as lições, a qual permitia que fosse apagada, conforme as lições iam sendo ensinadas aos alunos.<sup>154</sup> No ano de 1925 outra escola foi fundada, denominada Escola Sagrado Coração de Jesus de Viadutos:

O motivo principal da fundação do colégio particular foi para que os alunos, os filhos, pudessem aprender o catecismo e ter orientação genuinamente católica. Cem por cento. Nada de escola leiga, onde as crianças, os alunos, não podiam rezar e cantar hinos religiosos. E não lhes era facultado, em hora de função na igreja, de abandonar por um momento as classes para acompanhar as cerimônias do culto.[...] Dele todos nós, alunos, sempre guardamos indelével e grata recordação. Para mim, á medida que os anos me distanciam daquele tempo feliz, mais e mais, com respeito e veneração, se destaca a figura do meu primeiro Professor. Nem mesmo seria possível esquecer aquêle que nos alfabetizou. Que nos estimulava a ler corretamente. A decorar a tabuada. A recitar em coro as estações ferroviárias, desde Marcelino Ramos até Santa Maria, que ele, com gís a cores, traçara no quadro preto. E as belas poesias que declamávamos, como por exemplo: “Os meus oito anos”. . . Que felicidade quando cantávamos a linda canção: “Sabes quantas estrelhinhas...” E depois vinham os exercícios marciais. O garbo com que marchávamos, com nosso fuzil de pau. . . Insistia o professor que isto servia para adestrar-nos para a vida. Desenvolver-nos a inteligência. Tornar-nos vivos, atentos, práticos. Infundir-nos brio. Admirável e formidável o nosso primeiro Professor da Escola Sagrado Coração de Viadutos!<sup>155</sup>

O fato de a estação Viadutos não representar excelência em estudo no período deve ser associado à pouca valorização do aprendizado sistematizado pelos taliani. Somada a

<sup>153</sup> Arquivo Histórico Juarez Illa Font. Erechim – RS.

<sup>154</sup> R. B. V. entrevista já informada.

<sup>155</sup> VERONESE, *Caminho percorrido...*, p. 26-28.

noção do estudo com a “pouca vontade de trabalhar”, as famílias numerosas não conseguiam oportunizar a todos os seus filhos(as) o ingresso escolar, pois a escola, vinculada à Igreja Católica no período e no local, era mantida pelos pais dos alunos.

O desestímulo ao estudo nas escolas mostrou-se presente nas famílias talianas, pois para o grupo talian o necessário para “fazer fortuna” não eram os estudos, mas a terra e a vontade de nela trabalhar. Distingue-se a vila de Viadutos das localidades de Barro e Marcelino Ramos, as quais se constituíram de etnias várias, principalmente pela presença dos (i)migrantes e descendentes de alemães, que incentivavam a freqüência à escola. Às colônias alemãs procuravam, através da escola, preservar o uso da língua e da cultura alemã<sup>156</sup>, ao passo que o grupo talian construía-se como tal desenvolvendo uma linguagem identificável com o ser talian; nem havia por parte do governo italiano amparo educacional para os taliani (i)migrados para o norte do Rio Grande do Sul.

Tal desatenção para com o estudo sistematizado permaneceu por décadas arraigada na mentalidade dos identificáveis com a italianidade no local, cujo reflexo pudemos verificar na redação de uma ata daquela municipalidade na década de 1960:

Ante os resultados verificados, salientando – se a aprovação de 100% em três escolas, enquanto em diversas outras as porcentagens gerais não atingiram 50%, comentaram a situação diversos vereadores. O vereador Alcides Alves Alegretti frisou que o resultado dos exames é desanimador, acentuando que abaixo de 70% não é compensador.<sup>157</sup>

A comunidade taliana de Viadutos organizou-se na perspectiva de a identificação ser construída para aquele contexto no qual estava inserida. As necessidades não abrangiam o âmbito da formação educacional no sentido da “preservação da cultura” e dos hábitos do país de origem, mas, sim, a perspectiva de se construírem para serem referência no espaço ocupado. Naquele contexto, estimulava-se “esparanhar quanto se gá”<sup>158</sup>, ou seja, economizar, haja vista que as famílias eram grandes e economizar era necessário para sua sustentabilidade. O ato de ser econômico está vinculado ao fato de a economia constante estar atrelada ao entendimento do “fazer fortuna”. Veronese escreve:

---

<sup>156</sup> Sobre o fato ver em LANDO, A. M.; BARROS, E. C. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul: Uma interpretação sociológica*. 2. ed. Porto Alegre: Movimento, 1981, p. 68.

<sup>157</sup> Ata Câmara de Vereadores do Município de Viadutos.

<sup>158</sup> “Economizar quanto se pode”, mencionada por R. B. V. entrevista já informada.

A vida ensina que, via de regra, é assim mesmo por esse mundo: Quem não aprendeu a própria custa o que as cousas valem não aprende a apreciá-las e delas ter cuidado. Não sabe poupar. Mas quem não poupa vai de arrasto. Tudo acaba, minha gente, quando não há medida e poupança!<sup>159</sup>

A idéia de que o talian é mais cuidadoso/previdente com o dinheiro institucionalizou-se no senso comum da localidade e é manifestada especialmente pelos integrantes de outras etnias. Para os taliani, os “outros” das demais etnias não são “pão-duro”, não sabem valorizar, economizar. Numa das nossas entrevistas, uma senhora descendente de poloneses e taliani explicitou de forma sutil o senso comum de tal tipo de interpretação na localidade: “Aquilo sim, são pão duro [os taliani]. A minha mãe também era meia pão dura [taliana] e, o pai não [polonês]. Eu só senti, que os italiano é mais ‘pão duro’ e os poloneses então, come tudo [dinheiro]!”.<sup>160</sup>

A ideologia do economizar dos talian pode ser justificada pelas orientações da Igreja Católica ao pregar que não gastassem além do que era extremamente básico para a manutenção e sobrevivência. Ressalta o migrante autor:

O luxo e o desperdício podem desviar a gente da prática da religião. É maior a tentação neste sentido, pelo menos. Ensoberbecem o homem. E o homem soberbo se envergonha do seu passado humilde e pobre. Ora, quando isso acontece, para perder a religião de nada vale. O mundo com suas riquezas, honras e prazeres não passa de cinzas e fumaça.<sup>161</sup>

A Igreja estimulava os taliani a pouparem e a viverem um estilo de vida simples, como meio de serem reconhecidos pelos santos e por Deus. É, portanto, por meio das relações sociais estabelecidas na localidade que verificamos o estabelecimento e a construção das “diferenças” entre “nós” e “eles”.

<sup>159</sup> VERONESE, *Caminho percorrido...*, p. 19.

<sup>160</sup> C. J. entrevista já informada.

<sup>161</sup> VERONESE, *Caminho percorrido...*, p. 20.

### 3. 5 O diferente é o “outro(a)”

As pessoas que não pertenciam à instituição católica sentiam-se completamente deslocadas das atividades recreativas, que eram promovidas e regidas pelo calendário católico. Era difícil encontrar uma família não vinculada ao catolicismo entre os taliani, porém havia famílias de alemães que não pertenciam à Igreja Católica, mas, conviviam com as práticas desta religião. A migrante alemã H. R. lembra:

Só nós eu e a minha, minhas duas irmãs e uma vizinha nossa que era, que nós era alemoa, né. [...] Eu falava português, mas nós, falávamos, eu e as minhas irmãs, mas tudo meio atrapalhado. Sabe, porque até pra i na Igreja, que a nossa Igreja era evangélica, i como a gente começo i lá na escola, então o padre ia reza a missa, i no dia da missa ele levava, daí o professor, a professora, levava nós na Igreja. Então, desde pra fazê o sinal da cruz, a gente que aprende. Nós olhava, olhava os outros, né. Pra aprende. Tudo isso. [...] Então eles, sabe, à gente, falava mas tudo meio assim, né, porque a gente falava só alemão e, daí as vez eles davam risada da gente.<sup>162</sup>

O fato lembrado pela migrante alemã é justificável na medida em que consideramos que ela era compreendida como diferente, pois, além de não pertencer ao grupo majoritário do local, não era praticante do catolicismo. Esses elementos devem ser considerados, mas, sobretudo, o que devemos evidenciar é o fato de o grupo talian procurar não se identificar com as pessoas não pertencentes ao grupo. De acordo com Elias:

Os grupos ligados entre si sob a forma de uma configuração de estabelecidos-outsiders são compostos de seres humanos individuais. O problema é saber como e porque os indivíduos percebem uns aos outros como pertencentes a um mesmo grupo e se incluem mutuamente dentro das fronteiras grupais que estabelecem ao dizer “nós”, enquanto, ao mesmo tempo, excluem outros seres humanos a quem percebem como pertencentes a outro grupo e a quem se referem coletivamente como “eles”.<sup>163</sup>

<sup>162</sup> RECH, H. A., 70 anos, migrante, descendente de alemães, Viadutos, Dez. 2004.

<sup>163</sup> ELIAS N.; SCOTSON J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 37-38.

A construção da identidade do grupo talian não permite a averiguação do “outro” (*outsiders*) como igual ao “eu” (estabelecidos). O contato com costumes diferentes carregados e construídos de vivências distintas enriqueceu a cotidianidade dos grupos que legitimavam a territorialidade num espaço comum. Nesse aspecto, o grupo talian manteve-se mais resistente em reconhecer o “outro”, compreendido como *outsider* na construção do “próprio eu” estabelecido, pois ao grupo talian foi legada a pseudocondição positivista de “raça superior”. Portanto, os eventos desencadeados por não integrantes do grupo eram reconhecidos como provenientes de uma “raça inferior”.

A experiência da dinâmica cotidiana envolvendo costumes e tradições definiu hábitos e construções em Viadutos. Os grupos que passaram a conviver numa mesma territorialidade tornaram as vivências e experiências legitimáveis e legitimadas conforme a necessidade do tempo vivido, desencadeando “(in)verdades” nesse espaço.

### 3.5.1 A italianidade e os sobrenomes

A promoção de eventos relacionados ao grupo talian reflete a construção contínua da sua identidade e, da mesma forma, a disputa pelo espaço com os demais grupos. Da mesma maneira que, em nome de um passado, ritualizam-se determinados acontecimentos para mantê-los vivificados no presente, o passado futuro projeta-se em elementos do passado presente para ser legitimado.

Situamos alguns fatos relacionados ao grupo talian que tornam explícita a prática da italianidade. Dentre esses, houve o processo de ajustamento de sobrenomes naquela localidade, com o que se torna evidente a compreensão de “raça” tida pelos taliani e pelo senso comum do local. O migrante alemão A. S. enfatiza:

Um outro caso pra te dá de raça e, a gente, às vezes fica pensando são italianos e, nós comentamos dos alemães. Os Bohm, a história nos diz e, eles mesmos confessam, os velhos eram da Alemanha e, um deles era da Suécia e, que vieram [posteriormente seus descendentes] pará em Viadutos. Então, na realidade a língua deles é italiano, mas a descendência não é italiano porque é, é, todo mundo diz: Bom; Na verdade é Bohm o sobrenome, então hoje todo mundo simplifica por Bom e tá bom. Bom com h [risos].<sup>164</sup>

---

<sup>164</sup> A. S. entrevista já informada.

Consideramos os sobrenomes ajustados a determinados grupos como elemento decorrente da construção da italianidade, vinculada a positividade envolvendo o fato de pertencer àquele grupo social, que era assegurada pelo reconhecimento do Estado e da Igreja Católica. Segundo Tedesco,

[...] o nome/sobrenome possui uma valorização simbólica na dimensão étnica da cultura. É por isso que a memória da grande família (família-tronco) apresenta-se como um complexo de referências simbólicas imaginadas na esfera da integração e possível tendência à desintegração, felicidade com desgosto e sacrifício, continuidades com descontinuidades histórico-culturais, o encontro esporádico e a produção do distanciamento, dentre outras.<sup>165</sup>

Verificamos que o clã Bohm construiu-se talian na medida em que a convivência com indivíduos taliani conduziu a que se identificassem como tais. O desencadear da italianidade tornou a identificação com o grupo talian apropriável por indivíduos de identificação sueca que não integravam o grupo talian.

No caso do ajustamento do sobrenome Bohm para a identificação étnica taliana é importante considerar que o contexto da localidade e a retórica envolvendo a italianidade no estado sulino auxiliaram no processo de adequação de sobrenomes com a italianidade. A construção da italianidade no caso do clã Bohm torna evidente o processo da própria construção identitária; através daqueles sobrenomes ajustados, podemos averiguar a utilização dos costumes taliani, associados à identidade construída.

O processo do ajustamento do sobrenome do clã Bohm ao grupo talian, embora seja o mais conhecido na localidade, não é exclusivo. Em nossas pesquisas, duas das nossas informantes, uma descendente do sobrenome Rech e outra com o sobrenome de casada Rech, informaram que o mesmo sobrenome escrito da mesma forma é originário de identificações étnicas distintas. Para a migrante alemã: “Rech é alemão, alemão, né”.<sup>166</sup> Sobre a origem do mesmo sobrenome a migrante taliana relata: “Minha mãe é italiana, Rech é o sobrenome”.<sup>167</sup>

<sup>165</sup> TEDESCO; ROSSETO, *Festas e saberes...*, p. 39. Ver também, WOORTMANN, E. *Árvore da memória*. Anuário antropológico. Rio de Janeiro, n. 92, 1994. p. 113-130.

<sup>166</sup> H. A. R. entrevista já informada.

<sup>167</sup> D. B. Z. entrevista já informada.

Observamos que o sobrenome mantido pelos migrantes num mesmo espaço social detinha identificações com procedências distintas da Europa. A migrante taliana D. B. Z. relata que sua mãe pertencia ao grupo talian, falava em talian e nunca ouviu falar da possibilidade de não ser taliana; já a depoente, que utiliza o sobrenome Rech “do marido”, acredita que o sobrenome é de origem alemã, pois a família do esposo foi vinculada à Igreja Luterana, falava em alemão. Logo, não crê na possibilidade de serem taliani. Para Woortmann:

As práticas de parentesco dos colonos são, portanto, informadas por um conjunto de categorias culturais que se articulam entre si. Mais do que um “sistema de parentesco” rígido e formalmente construído, temos estratégias que resultam, em boa medida, da manipulação dessas categorias.<sup>168</sup>

A incompatibilidade das informações evidencia que os sobrenomes foram ajustados conforme as circunstâncias que os seus legitimadores vivenciavam; no caso de Viadutos, a identificação era com o grupo majoritário do local. É considerável o fato de que no estado do Rio Grande do Sul potencializou-se a idéia de ser constituído por descendentes de alemães, ítalos e poloneses. A concepção étnica trinária da constituição do estado auxiliou no ajustamento de sobrenomes com as três etnias: alemã, polonesa e taliana. Trazemos aqui o caso do clã Bohm, que se dizia de origem sueca, mas se reconhecia como talian.<sup>169</sup> Sobre a concepção étnica trinária de Viadutos, um descendente de alemães relata o ajustamento de integrantes do grupo russo à identificação com a etnia alemã:

Outra região, com bastante origem alemã, é a Linha Três [área rural da localidade de Viadutos]. Também, a maioria deles embora a língua é alemã na Linha Três, é, até um pouco [pausa] a história é bonita de se sabê. A Linha Três tem alemães que na realidade são alemães de língua, mas, eles são vindo da Rússia, principalmente são russos, né, Birck, a origem é russa. Ali tem os, Maletzke, aquele outro lá em cima do moro também, tem outro ali [...]. Os Schilke não é alemão, mas a língua é alemã. Se identificam como alemães. Na verdade não são alemães, embora a é língua alemã, todos falam alemão, os mais velhos aliás [...].<sup>170</sup>

<sup>168</sup> WOORTMANN, *Herdeiros, parentes e compadres...*, p. 155.

<sup>169</sup> RECKZIEGEL, A. L. S.; FÉLIZ, L. O. (Org.). *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: Ediupf, 2002, p. 207-212.

<sup>170</sup> A. S. entrevista já informada.

O ajustamento de sobrenomes ao grupo alemão e, principalmente, ao talian revela-nos que a concepção étnica trinária se fez validar em Viadutos. Nesse contexto é válido relatar as situações indefinidas que os locais da Europa passavam no período em que os imigrantes vieram para o Brasil e as adequações daqueles aos locais. Eric Hobsbawm escreveu:

[...] o tempo em que a democratização da política tornou essencial “educar novos mestres”, “fazer italianos”, transformar “camponeses em franceses” e fazer com que todas se ligassem a uma bandeira a uma nação, foi também o tempo em que os sentimentos nacionalistas populares, de todos os modos xenófobos se tornaram mais fáceis de ser mobilizados, junto com a superioridade nacional pregada pela nova pseudociência do racismo. Pois o período que vai de 1880 a 1914 foi também o período das maiores migrações de massa já conhecidas dentro dos Estados e entre eles, o período do imperialismo e de rivalidades internacionais crescentes que terminaram na guerra mundial. Tudo isso enfatiza a diferença entre “eles” e “nós”. Então há modo mais eficaz de unir as partes díspares de povos inquietos do que uni-los contra forasteiros.<sup>171</sup>

Na localidade de Linha Barbará, a presença de um imigrante sueco revela-nos que este se manteve como tal. Imigrado da cidade de Estocolmo, ele chegou em Viadutos no final da década de 1920. Embora tenha vivido entre os taliani, procurou ter contato com o local de origem, mantendo-se identificável como sueco num meio social de forte italianidade. Um talian da localidade destaca: “[...] mantinha correspondência com o rei Gustavo da Suécia [...] Escrevia, recebia cartas, jornais e revistas da Suécia [...]. Ele falava maravilhas da Suécia porque era um país avançado”.<sup>172</sup>

O imigrante sueco prezava a leitura, o que era um dos motivos que faziam com que o grupo talian o identificasse como não disposto ao trabalho; por isso, o modo de vida que o imigrante mantinha no local, não teve muita aceitabilidade entre os taliani. O sueco Carlos Gustavo Hellestron passou a ser compreendido como portador de deficiência mental por causa das informações referentes às inovações ocorridas na Europa que repassava aos taliani. Segundo o talian A. V., o sueco tinha carência de conversar com as pessoas do local, pois tudo o que falava era tido como anormal e irreal pelos taliani: “Era um homem à frente do seu tempo”.<sup>173</sup>

<sup>171</sup> HOBBSAWM, *Nações e nacionalismo desde 1790...*, p. 112.

<sup>172</sup> VERONEZE, A., 64 anos, descendente de ítalos, Linha Bárbara, Viadutos; Nov. 2004.

<sup>173</sup> A. V. entrevista já informada.

Para aquela realidade os fatos relatados pelo sueco, como o de que um homem sozinho conseguiria derrubar uma robusta árvore apenas com uma máquina; de que um dia, através de uma caixa, as pessoas iriam enxergar outras pessoas e lugares (televisão), intensificavam o senso comum entre os taliani de que ele era um doente mental. Embora o sueco tenha constituído família, casando-se na comunidade com uma taliana, não conseguiu romper as barreiras do preconceito do grupo, visto que a própria família o compreendia como um doente mental, incorporando, portanto, a identificação taliana que se fazia.

A afirmação da identidade taliana entre os integrantes do grupo sueco, especialmente do clã Bohm, fortaleceu-se no processo de identificação para com a italianidade e na sua conseqüente negação ao indivíduo da mesma procedência que procurou manter a identificação com o país de origem. O sueco que se personalizava como tal, não como talian, agia tensionando os co-irmãos-étnicos a refletirem sobre sua identificação; é provável que esse elemento, somado a outros, tenha sido um dos motivos que o levaram a se distanciar no convívio cotidiano.

Naquele processo, os taliani suecos, os Bohm, passaram a ser tão mais taliani do que os taliani vinculados e descendentes de locais da península Itálica, na medida em que para aqueles o ser talian necessitou ser constantemente evidenciado para que prosseguissem tendo legitimidade dentre os demais taliani que se faziam presentes na localidade.<sup>174</sup>

A dinâmica envolvendo a construção da italianidade pode ser averiguada nas relações estabelecidas entre um imigrante ítalo ferreiro da comunidade de Linha São Brás, e os demais habitantes do local que não pertenciam ao mesmo grupo. As atividades elaboradas pelo imigrante ferreiro atendiam às necessidades de todos os habitantes daquela localidade e das suas proximidades, logo, também dos demais grupos étnicos. De acordo com Tedesco,

[...] o artesanato dimensiona com maior correspondência o mundo rural, esfera dos limites técnicos disponíveis, das carências de recursos e de cultura do auto-abastecimento em termos instrumentais e produtivos. Em geral, o artesanato rural está muito ligado à dinâmica da produção agrícola desenvolvida na unidade

<sup>174</sup> Sobre “a questão do parentesco” Woortmann evidencia: “O parentesco é, portanto, um classificador social fundamental na atribuição no *status* da pessoa. Esta não é um indivíduo isolado, mas uma *persona* que se define pela descendência; é um ser relacional definido pelo parentesco [...]”, ou seja, nos utilizando da idéia de Wortmann “o ser talian” correspondia a um elemento crucial para a definição do próprio indivíduo naquela localidade. WOORTMANN, *Herdeiros, parentes e compadres...*, p. 255.

econômica e de trabalho, ao conjunto ecológico e fundiário da mesma e a sua dinâmica familiar. Imaginamos ser impossível compreender a organização da vida camponesa sem uma forma de autarquia econômica e ecológica instrumentalizada interna e com certa dependência externa.<sup>175</sup>

O imigrante ferreiro iniciou suas atividades no início do século XX. Em 1914, passou a anotar os utensílios que fazia para a população, anotações que perpassam a década de 1920 e estendem-se até o findar da década de 1930. O ferreiro, que era reconhecido como agricultor pelo grupo talian, ao final das páginas do seu livro-caixa escriturou as datas de nascimento e os nomes dos filhos. Acreditamos que essas anotações foram feitas pelo talian no intuito de garantir a manutenção dos dados, pois seus filhos(as), conforme um deles, não foram alfabetizados.<sup>176</sup>

A produção dos utensílios em pequena escala para utilização nas atividades da agricultura, através das datas escrituradas pelo imigrante, revela que era demorada. A noção de que “tempo é dinheiro” torna-se evidente no modo como o imigrante fazia a cobrança dos seus serviços; assim, as maiores exigências de tempo implicavam um valor maior. A concepção de que o trabalho implica sacrifício, tempo para ser executado, integra pensar o trabalho da italianidade, pois, para o grupo talian, tudo o que é construído de maneira fácil, sem sacrifício, é passível de julgamentos suspeitos, uma vez que a fortuna é recompensa divina conseguida pelo trabalho árduo executado.

O ferreiro ítalo exercia seu ofício para integrantes de todas as etnias que necessitavam dos utensílios para trabalhar na lavoura. Em suas anotações ele faz referência à confecção de utensílios para descendentes do grupo alemão e, num número expressivo, também para o grupo caboclo. Nessas escritas observamos que a dinâmica agrícola da localidade envolvia a presença de agricultores do grupo caboclo nas três primeiras décadas do século XX, contrariando o senso comum que transmite a idéia de que todo o processo de valorização das terras ocorreu pela práxis agrícola exercida pelo grupo talian. O descendente de alemães A. S. ressaltou: “Não esquecendo, que nós temos o crioulo ainda são, são, aquelas pessoas descendentes de africanos e, com mistura de raças que também ajudaram a desbravá o Viadutos da época”.<sup>177</sup>

Dentre os aspectos sociossimbólicos que evidenciamos como importantes na manutenção e (re)construção da italianidade, a edificação de porões de pedras e o

---

<sup>175</sup> TEDESCO; ROSSETO, *Festas e saberes:...*, p. 132.

<sup>176</sup> N. B. entrevista já informada.

<sup>177</sup> A. S. entrevista já informada.

ajustamento de sobrenomes representam a idéia presente entre os que se definem com a categoria de que é “bom ser talian”. A (re)construção da italianidade representa o entendimento do “outro” como diferente do “eu”, inferior ao “eu”, sustentando a idéia de supremacia étnica por meio dos aspectos sociossimbólicos.

O jeito de ser talian na colônia, a simplicidade do modo de vida dos primeiros (i)migrantes, a educação formal, para os taliani, são elementos que, propagados e ritualizados, potencializam a categoria da italianidade no universo do local, ou seja, nas relações interétnicas estabelecidas no meio social em foco.

Partindo de elementos sociossimbólicos que consideramos fundamentais para a manutenção da identidade do grupo no contexto, identificamos o ideário norteador do pensamento hegemônico do grupo na sociedade. Nesse aspecto, situamos a relevância da atuação da Igreja Católica na construção de tal identificação bem como de mecanismos para a manutenção da italianidade. O discurso do grupo talian decorre, fundamentalmente, da representação que os indivíduos taliani fazem na vivência em sociedade; partindo do discurso positivo da italianidade há a veiculação e a legitimação da identidade étnica taliana no contexto, como no caso do jornal dos padres para os taliani.

Portanto, a identificação para com a italianidade, as motivações desencadeadas para a efetivação de tal categoria no dinamismo do contexto-social, a argumentação da italianidade pautada em elementos positivos compreendidos como legitimáveis naquela conjuntura histórica dão conta do porquê de ser utilizada e utilizável entre os taliani. Com esse enfoque dissertaremos no próximo capítulo sobre a relevância da imprensa escrita, do jornal dos padres, na (re)construção e manutenção da italianidade para os taliani e na propagação e difusão da italianidade como elemento positivo para os externos, os “outros”.

## **4 - A IMPORTÂNCIA DO JORNAL *STAFETTA-CORREIO* *RIOGRANDESE* NO DESENVOLVER DA ITALIANIDADE: A CONSTRUÇÃO DE NANETTOS**

Discorreremos neste capítulo sobre a importância do periódico *Correio Riograndense*, reconhecido no início da imigração itálica no Rio Grande do Sul como *Stafetta Riograndense*. Da composição do jornal evidenciaremos a relevância do personagem taliano Nanetto Pipetta no processo de legitimação da italianidade na localidade de Viadutos. Dentre as matérias do periódico, priorizamos a representação do personagem Nanetto na (re)construção da italianidade, por contribuir no processo de coesão, definição e identificação do ser taliano no contexto histórico, tanto para os internos quanto para os externos àquela.

Buscamos, por meio, do personagem em foco, explicações sobre a sua propagação entre os identificáveis com a categoria da italianidade na sociedade sulina no norte do Rio Grande do Sul e em Viadutos. O entendimento do personagem nos oportunizará situá-lo num contexto geral para, posteriormente, particularizar a sua construção, oferecendo-nos a oportunidade e o sentido de estudá-lo em relação aos identificáveis com a italianidade e aquele espaço social.

### **4.1 O *Stafetta - Correio Riograndense* direcionado aos taliani**

A religião é algo que se recebe dentro dos esquemas de transmissão de tradições sociais, e

tende, por isso mesmo, a funcionar como mantenedora do *status quo*.<sup>178</sup>

Em Viadutos, a instituição católica serviu como mediadora e, por vezes, apresentou-se como instituição maior entre os taliani, uma vez que em grande parte ela monopolizava, se balizavam as atividades realizadas naquela sociedade, como nascimentos, educação formal, entretenimento, casamentos e os rituais póstumos à morte.<sup>179</sup> Conforme Luis A. De Boni:

A fé que os colonos italianos trouxeram, embora diferindo em muito do catolicismo popular das regiões mais antigas do país, e onde predominou o elemento luso, leva contudo as marcas características de uma religião popular de cunho rural. A vida que se desenvolve às margens do Rio das Antas, [...] encontra-se totalmente permeada de valores religiosos. A capela é o centro social da comunidade, de tal modo que os festejos civis são, ao mesmo tempo, festas eclesiais. Fazem-se caçadas e pescarias em pequenos grupos, mas, quando a coletividade toda se reúne, é para celebrar algum casamento, para uma festa de igreja, ou por ocasião da visita do padre. E o local de reunião é o salão ou a bodega pertencentes à igreja. Nada, pois a admirar se as posições de “status”, na vida social, confundem-se com as eclesiais [...].<sup>180</sup>

Embora o autor evidencie a trajetória dos imigrantes nas Colônias Velhas, compartilhamos a idéia de que a igreja correspondia à própria vida social dos primeiros taliani que se estabeleceram em Viadutos. A instituição católica estendia a sua atuação para além da igreja e da figura do padre por meio da imprensa escrita.

O jornal *La Stafetta – Correio Riograndense* – iniciou suas atividades no início do século XX dirigido pelos padres capuchinhos, com sede em Garibaldi, no estado do Rio Grande do Sul. O teor do jornal é explicada por Mário Gardelin:

Stafetta Riograndense, sob a direção dos Padres Capuchinhos, tem sido de uma fidelidade inquestionável, de maneira toda particular, à fé da Igreja Católica Apostólica Romana e à propriedade, juntando os interesses do Reino de Deus, tanto na terra, como na área espiritual. Trata-se de um jornal que realizou sempre, em todos os momentos, os ideais de todos os concílios ecumênicos. Travou

<sup>178</sup> DE BONI, L. A. In: BERNARDI, A. *Stòria de Nino fradelo de Nanetto Pipetta*. 2. ed. Porto Alegre: EST, 1998, p. 15.

<sup>179</sup> FOCESATTO, I. *Descrição do culto aos mortos entre descendentes italianos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1977.

<sup>180</sup> FOCESATTO, op. cit., p. 14.

homéricas batalhas. Criou opinião pública. Enfrentou os poderosos e quanto mais o fossem, tanto mais alto ele bradou. Sua história, se escrita por quem, já de certa idade, seria uma página vibrante de fé, de humanismo e de interesse pelos pequeninos. Transformou-se, assim, por direitos de serviços prestados, em portavoz de toda a colônia italiana, mas, não de parte das instituições, e sim dos lavradores. Sua circulação coloca-o não apenas em contacto com os centros urbanos. Ele ia e continua atingindo o colono em seu lar. Ninguém, tanto como ele, contribuiu para preservar os valores fundamentais da colonização vêneta, trentina e lombarda.<sup>181</sup>

Observamos que o jornal, além de difundir as práticas do catolicismo entre os taliani, agia como unificador de sua identidade. O periódico, juntamente com os padres, representava as instituições impulsionadoras da construção da italianidade que se fazia. Ao mesmo tempo que informava, agia como formador de opinião nas colônias, uma vez que os meios de comunicação disponibilizados na época eram precários e limitados no interior do estado. Servia, pois, o jornal como elemento integralizador-aproximador das colônias e das cidades rio-grandense, da mesma forma que vitalizava a construção da italianidade.

O *Correio Riograndense*, juntamente com a inserção dos padres capuchinhos nas colônias talianas do Rio Grande do Sul<sup>182</sup>, auxiliou na “unificação taliana” via Estado Vaticano nessas localidades, antes mesmo de a própria unificação ocorrer de fato na península Itálica.<sup>183</sup> Os taliani que se construíram no Rio Grande do Sul foram mais próximos à ideologia do Estado do Vaticano, da Igreja Católica, do que do Estado italiano também em decorrência da imprensa escrita, que estimulava tal construção e identificação. A identificação para com a italianidade estimulada pelo jornal é explicada por Gardelin:

Há ainda que considerar, que o Stafetta Riograndense contribuiu, como poucos, para que o colono isolado na selva com poucos contatos, não terminasse acaboclando-se, fenômeno que teria inevitavelmente ocorrido, com a perda de grandes valores.<sup>184</sup>

<sup>181</sup> GARDELIN, M. *Imigração italiana no Rio Grande do Sul: Fontes Literárias*. Caxias do Sul – Porto Alegre: EST/EDUCS, 1988, p. 11.

<sup>182</sup> Sobre a presença dos padres capuchinhos no Rio Grande do Sul ver, PEROTTI, T. *Nanetto Pipeta: modos de representação*. Dissertação (Mestrado em Letras). UCS, Caxias do Sul, 2007.

<sup>183</sup> MANFROI, A. *Colonização italiana no Rio Grande do Sul...*

<sup>184</sup> GARDELIN, *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul: ...*, p. 11.

O *Correio Riograndense* auxiliou na construção da idéia que se tornou corrente entre os taliani de que seriam portadores de uma pseudo-superioridade em relação aos demais indivíduos. Tal identificação se fez validar por meio da linguagem vêneta: o dialeto.

#### 4.1.1 A linguagem taliana e o jornal

A atuação dos padres junto às colônias ditas talianas forneceu a intensificação da utilização do dialeto de forma mais incisiva que o italiano gramatical e o português. Embora saibamos que muitos dos padres que atuavam junto às comunidades talianas não fossem taliani, o estímulo à manutenção-construção de uma linguagem que servisse de identificação comum aos taliani foi evidente. Ao mesmo tempo em que os padres estimulavam a utilização da linguagem dialetal, distanciavam os indivíduos originários da península e os seus descendentes da identificação associada ao Estado italiano, uma vez que a linguagem oficializada na península Itálica após a unificação<sup>185</sup> diferia do dialeto praticado entre os taliani no Rio Grande do Sul. Sobre o assunto Perotti ressalta:

[...] para que se pudessem ler as narrativas de Aquiles Bernardes era condição determinante conhecer o dialeto de forma suficiente a compreender não apenas o código lingüístico ali representado, mas também os significados culturais dos quais sua estrutura é depositária. Logo, a escolha por construir a representação em dialeto acaba se constituindo em fator decisivo na delimitação de uma região cultural caracterizada por uma linguagem específica capaz de ser reconhecida mesmo dentro dos limites da ficção.<sup>186</sup>

O jornal dos taliani era redigido em quase todo o período inicial da sua atuação – sob a denominação de *Stafetta Riograndense* –, em italiano gramatical, como relata Gardelin:

<sup>185</sup> GARDELIN, *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul...*, p. 7.

<sup>186</sup> PEROTTI, *Nanetto Pipeta...*, p. 44.

La Stafetta Riograndense, até a II Guerra Mundial, apresentava-se predominantemente em italiano. Evidentemente será preciso observar: gramatical e não dialeto. Com as leis de nacionalização, passou a ser impresso em português. O italiano gramatical, a rigor, com algumas exceções, não mais voltou a ser utilizado. [...] Publicações em dialeto, na Stafetta Riograndense, observam-se nos primeiros anos de circulação. Algumas, embora raras, são antológicas.<sup>187</sup>

Segundo o mesmo autor,<sup>188</sup> a linguagem dialetal sofreu discriminação no Brasil e na Itália, uma vez que os políticos da península queriam que a unificação se efetivasse na práxis, e uma das medidas para isto era a linguagem. Porém, nas colônias talianas do Rio Grande do Sul o italiano gramatical não foi positivamente aceito, sendo o dialeto a linguagem praticada entre os taliani.

A identificação com a italianidade deu-se por meio de elementos, sobretudo, vivenciados na cotidianidade das colônias no Rio Grande do Sul; logo, não seguia as premissas estabelecidas pelo processo de unificação da península, como a linguagem gramatical. Naquele contexto, na tentativa de expor a realidade vivenciada pelos taliani no Rio Grande do Sul, não a publicizada pelos governantes da península Itálica, surgiu o personagem Nanetto Pipetta.

#### **4.2 O nascimento de Nanetto Pipetta: a legitimação da italianidade**

Quando do surgimento de Nanetto Pipetta, comemorava-se no Rio Grande do Sul o cinquentenário da imigração ítala. O nascimento do personagem, que falava somente em dialeto, serviu como meio de intensificar a italianidade que se construía. Gardelin relata:

É da maior importância o momento histórico em que a colônia italiana do Rio Grande do Sul tomou conhecimento de Nanetto Pipetta. É que, ao final de 1925, festejaram-se os 50 anos de colonização e os festejos sacudiram literalmente as numerosas colônias. Houve intensos preparativos e uma onda de entusiasmo varreu as mais distantes capelas. A colônia italiana tomou conhecimento de sua importância e, depois de meio século de cabeça baixa, voltada ao solo e ao trabalho, pode contemplar os horizontes, com a certeza de que sua presença, em terras gaúchas, era bem-vinda e que, para tanto, ela havia correspondido [...]. Nanetto Pipetta desempenhou um papel importantíssimo na preparação psicológica das comemorações. Nanetto recordou, com suas hilariantes peripécias, a chegada

<sup>187</sup> GARDELIN, *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul...*, p. 11.

<sup>188</sup> GARDELIN, op. cit., p. 13.

dos pioneiros, e isto, não a nível urbano, mas eminentemente rural. É preciso lembrar que os acontecimentos estavam ainda próximos, pois eram muitos os pioneiros vivos. Nanetto fez com que os pais contassem aos filhos os primórdios e nisto Frei Paulino jamais será suficientemente recordado, em sua benemerência [...].<sup>189</sup>

De acordo com o autor, o surgimento de Nanetto Pipetta serviu de meio para que os taliani se identificassem com aquele personagem, ou seja, Nanetto Pipetta nasceu num momento em que a italianidade estava em construção no estado sulino, negando a identificação proposta pelos favoráveis à política de unificação e construção identitária da península. Segundo Perotti,

[...] o que se vê ao final do trabalho de Aquiles Bernardi são traços da representação de uma cultura que, mesmo parte de um ambiente não real, mostram-se capazes de despertar a impressão de realidade. Ou seja, Aquiles Bernardi consegue construir, em sua narrativa, o trânsito de elementos de uma determinada realidade para a ficção.<sup>190</sup>

Nanetto Pipetta fez o seu *debut* no jornal *Stafetta Riograndense* em 23 de janeiro de 1924, permanecendo em suas edições até 18 de fevereiro de 1925.<sup>191</sup> No período, as tiragens aproximavam-se das cinco mil cópias, o que corresponde ao do número de assinantes, uma vez que o jornal só era obtido através da assinatura anual nos três estados do sul do país.<sup>192</sup> Os taliani recebiam o jornal por intermédio do agente designado em cada colônia ou comunidade. Estrategicamente, a impressão do jornal fazia-se nas quartas-feiras, para que a sua chegada às comunidades e colônias se desse aos domingos.<sup>193</sup> A criação do personagem Nanetto Pipetta deve-se ao frei Paulino de Caxias<sup>194</sup>, que o ornou com uma riqueza de detalhes que, certamente, tornaram a sua aceitação no meio da italianidade facilitada.

O *Stafetta Riograndense*, ao longo da sua história, teve seu nome substituído por *Correio Riograndense*.<sup>195</sup> Isso ocorreu no período conhecido como da nacionalização –

<sup>189</sup> GARDELIN, *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul...*, p. 12.

<sup>190</sup> PEROTTI, *Nanetto Pipetta...*, p. 77.

<sup>191</sup> BERNARDI, *Nanetto Pipetta...*, p. 7-14.

<sup>192</sup> BERNARDI, *op. cit.*, p. 11.

<sup>193</sup> BERNARDI, *op. cit.*, p. 13.

<sup>194</sup> BERNARDI, *op. cit.*, p. 15-17.

<sup>195</sup> GARDELIN, *Imigração italiana no Rio Grande do Sul...*, p. 11.

Estado Novo –, haja vista que no contexto da Segunda Guerra Mundial o Brasil posicionou-se contrário ao Eixo – Alemanha, Itália e Japão – e houve repressão aos descendentes e imigrantes que se encontravam no Brasil, especialmente da linguagem utilizada por eles.<sup>196</sup>

Sobre o Estado Novo é relevante frisar que nosso objetivo não é priorizar a dinâmica do grupo talian exclusivamente no período. Em relação ao desenrolar da italianidade no período, Zanini<sup>197</sup> relata que foi um momento que levou a ter “vergonha” de ser talian, porém foi fundamental para a potencialização posterior da compreensão da excelência étnica, ou seja, a identidade permeada por estigmas verificados naquele processo histórico foi suplantada por uma identidade que estava sendo construída anteriormente ao evento, propagada como excelente.

Embora tendo modificado de nome, o *Correio Riograndense* continuou a ser lido pelos taliani. De acordo com Bernardi: “É um assinante tranqüilo, que volta da missa, e que vai sorver literalmente, as narrativas de Frei Paulino de Caxias. Nanetto, após, é comentado no decorrer da semana, na roça, entre os familiares; no filó, à noite; e nos encontros ocasionais”.<sup>198</sup>

Nanetto Pipetta surgia num universo de preconceito, principalmente em relação às particularidades que compunham a identidade dos demais grupos étnicos. Da mesma forma que o jornal subalternizava as ações do “outro”, como foi o caso de artigos que faziam menção a práticas caboclas, enaltecia a figura do talian, e um dos mecanismos potencializadores dessa idéia era a figura cômica e, ao mesmo tempo, preconceituosa de Nanetto. Nessa perspectiva, buscamos o entendimento do personagem, sobretudo no que se refere à dinâmica do contexto-sistema que o manteve – e o mantêm – propagado e publicizado.

---

<sup>196</sup> Sobre o evento no estado sulino consultamos: GERTZ, R. *O perigo alemão*. Porto Alegre: UFRGS, 1998.; GERTZ, R. *O fascismo no sul do Brasil: germanismo, nazismo, integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. ; GIRON, L. S. *As sombras do Littório*. O fascismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Parlenda, 1994. ; FACHEL, J. P. G. *As violências contra alemães e seus descendentes durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço do Sul*. Pelotas: Ed. da UFPEL, 2002. Consultamos também TRINDADE, H. *Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1822-1937)*. In: R.S.: economia e política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

<sup>197</sup> DALMOLIN, C. (Org). *Mordaça verde amarela*. Imigrantes e descendentes no estado novo. Santa Maria: Palotti, 2005, p. 126.

<sup>198</sup> BERNARDI, *Nanetto Pipetta...*, p. 13.

#### 4.2.1 Primeiros tempos de Nanetto Pipetta

O personagem Nanetto Pipetta apresentava-se como oriundo de Veneza<sup>199</sup>, tendo imigrado para o Brasil, mais especificamente, para o Rio Grande do Sul, com apenas 13 anos de idade. Diferenciava-se a trajetória imigrantista de Nanetto da maioria dos imigrantes do estado, porque ele havia percorrido os caminhos para a América de forma solitária, o oposto da realidade dos taliani, que imigraram com suas famílias ou em grupos de famílias. Contudo, as motivações que teriam levado o adolescente a imigrar para a América eram as mesmas que as dos imigrantes reais. Em relação à prática do catolicismo por Nanetto, Mário Gardelin registra:

Apesar de “reverso”, Nanetto não foi mal no aprendizado do catecismo e das rezas familiares. É o que se deduz ao longo da história. Nanetto reza de manhã e de noite, antes das refeições, vai à missa aos domingos pela manhã; à tarde, às vésperas e ao rosário, e este é por ele rezado diariamente, tanto assim que leva no bolso meia dúzia de contas, enferrujadas.<sup>200</sup>

Nanetto era definido como um rapaz “virado”, mas, ao mesmo tempo, de boa índole porque não abandonara os preceitos dogmáticos do catolicismo. De acordo com Perotti:

Ainda que tenha construído um protagonista com pouca afeição às orações, Aquiles Bernardi soube encontrar a medida necessária para que esse personagem ainda pudesse ser reconhecido dentro do universo cultural do qual foi inserido. Se construísse uma figura desprovida de crenças religiosas ou de fé em Deus, poderia incorrer no risco de uma criatura rejeitada quando do contexto cultural representado. Dessa forma, no meio termo entre a extrema religiosidade e a completa falta de devoção, Aquiles Bernardi construiu seu protagonista.<sup>201</sup>

<sup>199</sup> BERNARDI, *Nanetto Pipetta...*, p. 12.

<sup>200</sup> BERNARDI, op. cit., p. 23.

<sup>201</sup> PEROTTI, *Nanetto Pipeta...*, p. 106.

Outra característica que evidenciamos no personagem, que se associa à imagem de um católico excelente, é que, mesmo tendo de passar constantemente por situações extremas, e para o seu gestor irônicas, Nanetto não blasfemava diante das dificuldades:

Nanetto não blasfema. A blasfêmia, aliás, não perpassa nas narrativas de Frei Paulino. Nisto, ele não sintoniza com as nossas colônias, onde a blasfêmia era objeto de veementes sermões e de manifestações constantes, visando sua erradicação. Frei Paulino limita-se a algumas expressões bem eufêmicas.<sup>202</sup>

Seguindo os preceitos da Igreja Católica, nosso personagem é muito ligado à família, tanto que, mesmo estando distante dela, sonha em trazer seus familiares para o Brasil e em adquirir um automóvel para eles. A narrativa dos fatos envolvendo o personagem seguia a idéia de que o bom filho jamais deve abandonar a família, a qual é associada à Igreja, esta como instituição formadora dos indivíduos.

Nos textos que contemplam as peraltices do personagem não evidenciamos a presença da instituição educacional na sua formação. Conforme Gardelin,

Nanetto cresce. Frei Paulino não se detém na escola. Não nos conta nenhum fato relacionado com a semi-alfabetização a que o menino alcança e de que são prova suas cartas, feitas de frases decoradas aqui e acolá e que não deixa de ser uma tremenda sátira. Caberia indagar, sem dúvida, se essa omissão também não foi de acordo com a mentalidade popular da época, em que o ensino escolar não era lá tão valorizado.<sup>203</sup>

O discurso em torno de Nanetto é de que o homem deve ser o provedor da família. Assim, quando ele se apaixona por Gelina<sup>204</sup>, intensifica-se nele o desejo de adquirir um pedaço de terra para casar e constituir família. Numa das cartas enviadas por Nanetto à namorada, ele faz referência à aquisição de uma gleba de terra:

“A margem do rio das Antas-Na América...  
Querida Gelina,

<sup>202</sup> BERNARDI, *Nanetto Pipetta...*, p. 24.

<sup>203</sup> BERNARDI, op. cit., p. 20.

<sup>204</sup> BERNARDI, op. cit.

Eu te quero bem, muitíssimo bem mesmo. Não saberia como medir esse bem. Quando penso que estás longe de mim, sinto a vontade de abandonar toda a minha fortuna para visitar-te.

Nestes dias passados tive sério problema com um dente.

Terá havido ao menos meia dúzia de homens, trabalhando com picareta dentro do dente, durante todo o santo dia. O cirurgião dentista arrancou-me o dente e eu vi muitas cruzinhas, mas muitíssimas mesmo. Fiquei até surdo e cego. Esse diacho de um dente não queria saber de comida. E eu andava com fome de cachorro louco. Nem cana-de-açúcar eu podia chupar. Logo que eu puder, irei visitar-te. Por ora, passa bem. A minha meia colônia é quase toda minha. Faltam poucos meses para pagá-la.

Saudações de mim que te quero muito, mas muito mesmo até de dar medo. Ponto. Naneto ”.<sup>205</sup>

Dessa maneira, terra, família, catolicismo e trabalho foram características amplamente difundidas pelo jornal por meio da figura emblemática de Nanetto Pipetta. Quanto à ideologia do trabalho associada aos taliani, o personagem não representava em primeira instância, excelência no trabalho, no entanto também não representava, um personagem sem disposição ao trabalho.<sup>206</sup> O construtor de Nanetto Pipetta, ao incorporá-lo no universo do trabalho, reforça a idéia de que o talian é caracterizado pela disposição ao trabalho.

As narrativas em torno dos fatos vivenciados por Nanetto em vários artigos mostram-se extremamente preconceituosas, sobretudo na relação estabelecida por ele com indivíduos não taliani. Como exemplo, a figura do afro era associada ao ser ignorante, sem nenhuma manifestação de conhecimento, mesmo que empírico. Falas do tipo: “É até maravilhoso ver como esta negra que falar ela só. Ainda nunca vi uma pessoa tão mal-educada e desatenciosa!”<sup>207</sup> passando a impressão que o povo afro não conseguia nem saber falar. Em outro, o afro é tido como ladrão, todas idéias difundidas pelo personagem.<sup>208</sup> Ainda, sempre que o personagem Nanetto tinha pesadelos, a figura do afro era a que o atormentava, como se fosse este ser a temer.

A imagem propagada para os taliani sobre os caboclos não foi menos estigmatizada nem menos preconceituosa do que a difundida em relação ao afro. Os “bugrinhos” por vezes eram confundidos com os macacos; dessa forma, associava-se os integrantes do grupo caboclo aos animais.<sup>209</sup> Na imaginação de Nanetto Pipetta, os taliani atacavam os bugres da seguinte forma:

<sup>205</sup> BERNARDI, *Nanetto Pipeta...*, p. 228.

<sup>206</sup> BERNARDI, op. cit., p. 125.

<sup>207</sup> BERNARDI, op. cit., p. 160.

<sup>208</sup> BERNARDI, op. cit., p. 126.

<sup>209</sup> BERNARDI, op. cit., p. 144.

Uma vez esse Bugre estava dormindo e roncava que nem um temporal. Os imigrantes italianos, astuciosos como sempre, percebendo que ele estava no bom do sono, agarram um tronco de sapopema incandescente e cravam a ponta em brasa no único olho do Bugre [...]. Logo depois se precipitam sobre ele e fazem girar em volta esse tronco no único olho do Bugre, com intenção de cegá-lo.<sup>210</sup>

Nanetto Pipetta, longe de se configurar como um personagem despido de opinião própria, era crítico. Contudo, ele se restringia à própria crítica, não permitindo um processo de discussão, de leitura de mundo mais apurado das situações vivenciadas. A retórica de Nanetto era tão difundida e aceita no universo dos taliani que podemos considerar a figura como formadora de opinião no meio da italianidade.

Nanetto Pipetta, personagem carismático e cômico, contribuiu intensamente para a construção e manutenção da italianidade no estado, a par de sua visão preconceituosa, para não dizer “racista”. O personagem foi moldado para descontrair os taliani e construí-los. Essa constância de descontração/construção posicionou-o das vivências cotidianas do grupo e identificou-o com suas experiências.

### 4.3 O jornal para os taliani de Viadutos

A taliana D. B. Z. recorda: “O jornal lá em casa do pai sim, o Stafetta Riograndense”. Numa outra entrevista ela revela que o jornal era assinado pela família no início da sua trajetória no local: “do que me lembro, sempre assinemô o jornal”.<sup>211</sup>

O jornal dos taliani não se fazia presente em todos os lares das famílias talianas de Viadutos, porém constatamos que a maioria delas tinha acesso ao periódico difundido pelos padres e o reconheciam como jornal dos taliani e dos padres.

No segundo capítulo ressaltamos a figura do primeiro agente do jornal dos taliani em Viadutos. O autor migrante filho daquele escreveu: “Papai foi assinante e posteriormente Agente do Correio Riograndense, desde os primeiros tempos do La Stafetta. E continuou até a morte. Mais de 40 anos”.<sup>212</sup>

<sup>210</sup> BERNARDI, *Nanetto Pipeta...*, p. 141.

<sup>211</sup> D. B. Z. entrevista já informada.

<sup>212</sup> VERONESE, *Caminho percorrido...*, p. 29.

O agente do jornal dos taliani era zelador da Associação Antoniana, como escreveu seu filho: “Na Associação Antoniana sempre trabalhou como Zelador. Nem sempre foi tudo fácil. Muitas incompreensões por parte do povo, infelizmente bastante arredo à leitura”.<sup>213</sup> No local onde o imigrante se estabeleceu hoje se encontra um capitel com a imagem de Santo Antônio, numa alusão ao fato de o imigrante ter se instalado no local e ter sido o primeiro agente e zelador do jornal e da associação criada pelos padres em Viadutos. Vemos que o santo escolhido para ser o padroeiro do local decorreu da devoção construída e mantida pelos taliani para com Santo Antônio.

A legitimação do jornal dos taliani como meio para a solidificação da religiosidade católica, do ser talian católico, é manifestada pelo migrante autor: “Por outro lado, não deve haver nunca dificuldade, nem demonstração de enfado na renovação anual imediata da assinatura do jornal. Daria mostra de ignorância religiosa aquela família que renovasse contrariada e lamuriante a sua assinatura”.<sup>214</sup>

O discurso em torno da assinatura e aquisição do jornal precedia o da produtividade e da lucratividade, pois, se associava a família adquirente do periódico com o progresso econômico, pois para a construção de fortuna, “o bom jornal, a revista católica sempre instruem, orientam, ajudam eficazmente a viver a religião com entusiasmo e alegria. E ao mesmo tempo cooperam para maior desenvolvimento material e bem-estar da família”.<sup>215</sup>

A atuação dos padres junto à Igreja e por meio do jornal incluía o discurso de que a pregação católica deveria ser diária: “De igual maneira, é muito pouco contentar-se com o sermão do domingo. Quem pode guardar todas as palavras? Ao passo que o jornal a gente tem-no ao alcance da mão a toda hora. E pode-se lê-lo e relê-lo à vontade”.<sup>216</sup> Observamos que a retórica da Igreja era de que a conversão deveria ser continuada, não somente vivenciada na sede da instituição católica, na igreja e aos domingos. A partir do reconhecimento do ser católico excelente, o talian auto-(re)afirmava-se como talian, pois a italianidade estaria associada ao ser católico.

Para além do discurso do trabalho e da fidelidade ao catolicismo, o discurso pró-jornal evidenciava o fato de que sua leitura representava a própria felicidade do clã ou da família taliana: “A experiência ensina: a família que lê e comenta o jornal é mais instruída. É feliz”.<sup>217</sup>

---

<sup>213</sup> VERONESE, *Caminho percorrido...*, p. 29.

<sup>214</sup> VERONESE, *op. cit.*, p. 30.

<sup>215</sup> VERONESE, *op. cit.*, p. 31.

<sup>216</sup> VERONESE, *op. cit.*, p. 31.

<sup>217</sup> VERONESE, *op. cit.*, p. 30.

Num contraponto à retórica do trabalho e do lucro, os taliani de Viadutos não visualizavam na leitura do periódico perda de tempo ou de dinheiro. Verificamos que o discurso em torno da leitura do jornal dos taliani foi mais brando na medida em que era conveniente para uma maior proximidade e identificação com a instituição católica. O talian autor ressaltou: “Fazer boas leituras. A vida não é só trabalho. Matar-se no trabalho. Não são aqueles que se matam no trabalho, que progridem mais na vida e se sentem felizes”. As boas leituras destacadas eram as relacionadas à prática do catolicismo; então, a perda de tempo com estas leituras, em outras situações associada à ociosidade, justificava-se por ser “boa imprensa”.<sup>218</sup>

A interpretação de que a assinatura do jornal dos padres, a sua leitura diária nas famílias talianas elevariam-nas a uma condição de melhores católicos em relação aos não-assinantes é evidenciada pelo migrante: “Sejamos católicos de jornal, se quisermos que entre em nossos lares o anjo tutelar que nos garante as bênçãos sobre nossas casas e nossos trabalhos”.<sup>219</sup>

Ao escrever sobre a importância do jornal dos padres para as famílias talianas, o migrante revela preocupação quanto à manutenção da aquisição do periódico, em razão do acesso facilitado a outros meios de comunicação, como o rádio: “Não vale o pretexto de que hoje, a toda a hora, apanham-se as notícias pelo rádio. Este não dispensa o jornal para a boa e segura orientação da família”.<sup>220</sup>

As modificações na dinâmica do cotidiano da população taliana de Viadutos, como a aquisição de aparelho de rádio, não passavam despercebidas ao conservadorismo dos padres. Não é nossa intenção construir a idéia de que os padres eram contrários a tais aquisições, porém eles orientavam que poderiam ser feitas sem romper os laços estreitos existentes com o meio de comunicação anteriormente utilizado, o jornal dos padres. Era por meio do jornal que os taliani mantinham-se e construía-se como taliani, ao passo que o rádio era propagador de idéias novas, para não dizer de religiões não identificáveis com a católica, que poderiam enfraquecer a italianidade.

Quanto à educação e à imagem positiva da família taliana, o migrante escreveu: “Com o jornal ou revista em casa, é fácil criar os filhos no bom caminho”.<sup>221</sup> O bom caminho ressaltado é o do ser talian católico, pois, na medida em que os taliani

---

<sup>218</sup> VERONESE, *Caminho percorrido...*, p. 30.

<sup>219</sup> VERONESE, *op. cit.*, p. 30.

<sup>220</sup> VERONESE, *op. cit.*, p. 30.

<sup>221</sup> VERONESE, *op. cit.*, p. 30.

mantinham-se como católicos excelentes, sustentaram a retórica do que seria um bom católico, legitimando o discurso da instituição religiosa.

O jornal dos padres, dos taliani, foi impulsionador da italianidade em Viadutos. Importa ressaltar que, ao abordar a relevância deste meio de comunicação na construção da italianidade, não pretendemos anular as ações e motivações dos indivíduos que a vivenciavam. Os indivíduos não são páginas em branco que passivamente são preenchidas, mas constroem-se e se identificam como tais na relação com os demais indivíduos e com o meio. Assim, os taliani foram suscetíveis e responderam afirmativamente à proposta de italianidade feita pelos padres via mídia impressa.

#### **4.3.1 Nanetto Pipetta e os taliani de Viadutos**

Nanetto Pipetta era recebido pelos taliani de Viadutos com alegria e simpatia, evidenciada na identificação que eles estabeleciam com o personagem em determinadas circunstâncias.

As aventuras de Nanetto Pipetta tornaram-se reconhecíveis e identificadas com as vivências dos taliani. Nele, a restrição ao “outro” fazia-se evidenciar quando da condenação e depreciação de práticas referentes a “outros grupos”, como, por exemplo, do curandeirismo. A prática do curandeirismo era vista como negativa pela Igreja Católica e da mesma forma pelo personagem. Os taliani mostravam-se preconceituosos para com a prática das benzeduras, embora muitas a praticassem de maneira anônima, para que a sociedade viadutense e, especialmente, os padres não tivessem conhecimento disso.

Dessa forma, justifica-se o fato de Viadutos concentrar inúmeras benzeduras, mas elas não serem reconhecidas pela Igreja Católica no período.<sup>222</sup> Verifica-se uma constância de identificações entre o personagem Nanetto Pipetta e os taliani de Viadutos. Sobre o curandeirismo, contestado por Nanetto Pipetta, Gardelin escreve: “Em outras publicações, posteriores a Nanetto, vamos encontrar a mesma tendência e os frades capuchinhos têm combatido o curandeirismo com um vigor digno de cruzados. Frei Paulino põe tudo ao ridículo. E diz, ainda, que Arasi era muito feia”.<sup>223</sup>

---

<sup>222</sup> R. B. V. entrevista já informada.

<sup>223</sup> GARDELIN, *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul...*, p. 22.

O discurso impregnado em Nanetto Pipetta e nos taliani em relação à italianidade está em conformidade quando eles se referem aos “outros”, principalmente aos identificáveis com o grupo dos afros-descendentes. Nanetto expõe sua negação àqueles de maneira explícita, não negando seu preconceito. Nesse mesmo aspecto, os taliani de Viadutos identificavam-se com o discurso de Nanetto, porque o personagem refletia o que era ser talian e potencializava a italianidade. O talian I. D. relatou: “Principalmente, eu não tenho [preconceito] tanto de polonês, má não sei porque (tenho) o brasileiro”.<sup>224</sup>

Os preconceitos e as compreensões difundidos por Nanetto em relação aos fatos vivenciados no cotidiano não se desfizeram com a morte do personagem no rio das Antas. Nanetto Pipetta correspondeu a um marco entre as fontes literárias da imigração ítala no Rio Grande do Sul, mas outros personagens também ganharam espaço e respaldo entre os taliani, embora com menor vigor.

#### 4.4 Nanettos, Tognos, Ninos, Pêders e os taliani de Viadutos

Com a morte de Nanetto Pipetta, construiu-se um novo personagem garantindo a identificação dos taliani com os personagens do jornal. Nesse contexto nasceu Tognó Brusafráti.<sup>225</sup> Gardelin escreve sobre o personagem:

Basicamente escrito entre 1929 e 1930, espelha sob numerosos aspectos, a colônia italiana do Rio Grande do Sul. Foi publicado às vésperas da entrada do Brasil na II Guerra Mundial, quando estavam sendo tomadas medidas repressivas contra o uso do vêneto. [...] em outras palavras, significa que os objetivos básicos de um, estão presentes também no outro. [...] Assim podemos afirmar que, sob determinado ponto de vista, Nanetto Pipetta, Tognó Brusafráti e Stòria de Nino constituem um ciclo, que abarca mais de meio século da história da colonização italiana no Rio Grande do Sul.<sup>226</sup>

A afirmação do autor nos revela que, mesmo Nanetto Pipetta tendo se ausentado por um período do jornal, os demais personagens publicizados, embora caracterizados por

<sup>224</sup> I. D. entrevista já informada.

<sup>225</sup> GARDELIN, *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul...*, p. 22.

<sup>226</sup> GARDELIN, *op. cit.*, p. 22.

suas particularidades, na sua composição essencial eram semelhantes à essência do personagem Nanetto Pipetta.

Nesse sentido, é importante ressaltar que o gestor do personagem Tognò Brusafra' conseguiu transmitir aos taliani uma aversão à maçonaria, ao protestantismo e à prática das benzeduras.<sup>227</sup> Ao mesmo tempo em que o personagem difundia uma imagem negativa de tais práticas, construía-se e potencializava-se a idéia entre os taliani de que a religião ideal seria a católica; logo, as demais religiões e irmandades seriam impraticáveis por pessoas de boa conduta.

A construção de novos personagens tinha na sua essência o objetivo da manutenção do mesmo, para não dizer do “velho”, discurso sobre os taliani nas localidades reconhecidas e identificáveis com a italianidade. Partindo dessa premissa, o irmão de Nanetto, o personagem Nino, ganhou vitalidade, contribuindo para a manutenção da italianidade. Com a morte de Nanetto, ele veio para o Brasil tomar posse da terra comprada por aquele. Nino, que não representa continuação da vida de Nanetto Pipetta, é construído como um indivíduo de iniciativa e liderança.<sup>228</sup> Ele passa a representar para os taliani um talian que sabe tirar proveito das dificuldades encontradas e enfrentadas ao longo da sua trajetória, tornando-se um exímio empreendedor.

Não é nosso propósito fazer uma análise minuciosa de personagens posteriores a Nanetto Pipetta no *Correio Riograndense*, mas mostrar que o jornal teve a preocupação de construir personagens identificáveis com a italianidade para o seu público leitor o qual, por sua vez, legitimava a existência do periódico.

Nino ganhou respaldo entre os taliani, passando a integrar o universo do periódico no final das comemorações relacionadas ao centenário da imigração ítala no Rio Grande do Sul.<sup>229</sup> Verificamos que a cada período histórico o jornal reciclava-se, oportunizando ao leitor identificável com a italianidade a manutenção dos vínculos para com aquela. Por meio do personagem Nino, houve a intensificação da idéia de que os taliani são bons trabalhadores e bons católicos, ou seja, há a exacerbação do discurso da excelência étnica.

Sobre Nino observamos que estigmatiza o identificável como polonês, considerando-o incompetente para os negócios e “cachaceiro”.<sup>230</sup> Dentre as manifestações de cunho preconceituoso, esta se resalta na medida em que em Viadutos, naquele período, parte da população era reconhecida como “polaca”. O talian I. D. relatou: “Eu acho que

---

<sup>227</sup> GARDELIN, *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul...*, p. 40.

<sup>228</sup> BERNARDI, *Stòria de Nino Fradelo de Nanetto Pipetta...*

<sup>229</sup> BERNARDI, op. cit.

<sup>230</sup> BERNARDI, op. cit p. 96.

[pausa] a raça polonesa também [como os descendentes de afros], eu não sei, se eles já vieram de lá com menos disposição que os italianos pra trabalha, pra enfrenta as coisa”.<sup>231</sup>

O discurso de Nino não se distinguia do praticado pelos taliani e a interação entre ambos é reflexo e reflete o pensar vigente do próprio grupo. Nino ressaltava que o identificável como alemão<sup>232</sup> era o indivíduo que trabalhava “devagar”, portanto que não se identificava com o talian, “trabalhador excelente”. Tal discurso encontramos entre os taliani de Viadutos: “Eles se divertiam mais do que a gente achava, né. Era mais assim!”.<sup>233</sup> Portanto, o entendimento é de que os identificáveis como alemães tenderiam a viver em constante festa, compreendida como perda de tempo pelos taliani, que, ao contrário, comemorariam pouco e trabalhariam muito.

Entre os personagens que constituíram o jornal, Pêder<sup>234</sup> também teve respaldo no grupo. Ganhando espaço no periódico a partir do pós-guerra, em meados da década de 1940<sup>235</sup>, o discurso de Pêder é imbuído da concepção contrária ao comunismo, como discurso encontramos no texto de Veronese:

Apenas um irmão, quando carreteava pela Fábrica Alegretti, foi apanhado por um piquete, que lhe levou a mula de sela. Um brinco de mula. Mas não foi a revolução borgista. Aconteceu o caso em 1925. Provavelmente o piquete pertencia ou ia incorporar-se à Coluna prestes. Passou por aquela região para ir atravessar o rio Uruguai no passo do Itá. Mas ia arrebanhando e tocando para frente os melhores animais que apanhasse.<sup>236</sup>

O migrante associa a presença de indivíduos simpatizantes de movimentos de esquerda na localidade como um elemento negativo, de tal forma que o autor, atribui o roubo de animais àquele grupo. Há, portanto, a formação de uma imagem negativa em relação aos indivíduos que se identificavam com a ideologia do socialismo por meio do personagem, o que se distanciava da italianidade.

Os apontamentos relacionados aos personagens do jornal tornam-se pertinentes ao observarmos que há uma estreita identificação daqueles para com o ser talian. Na medida em que os taliani passaram a ser reconhecidos como tais, procuraram, para legitimar a

<sup>231</sup> I. D. entrevista já informada.

<sup>232</sup> BERNARDI, *Stória de Nino Fradelo de Nanetto Pipetta...*, p. 197.

<sup>233</sup> I. D. entrevista já informada.

<sup>234</sup> O personagem Pêder também foi escrito por um frei reconhecido como frei Gabriel de Garibaldi.

<sup>235</sup> GARDELIN, *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul...*, p. 66.

<sup>236</sup> VERONESE, *Caminho percorrido...*, p. 31-32.

italianidade, elementos de identificação ajustados às necessidades e à conjuntura que se fazia presente naquele contexto. O ser talian é uma identificação praticável na relação entre os taliani e os não-identificáveis, daqueles para com a dinâmica do contexto.

Da mesma forma que Nanetto e os demais personagens buscavam se auto-reconhecer para posteriormente se identificar como talian, o ser talian é um ser em construção e que procura constantemente tal identificação na sociedade que integra. Assim, os personagens construídos pelo jornal só tiveram respaldo porque havia um público que os assimilava como parte integrante daquele contexto, do mesmo estilo de vida, ou seja, dos taliani.

#### 4.4.1 A nomeação de Nanettos dentre os taliani de Viadutos

A figura cômica de Nanetto fez-se presente e identificável entre os taliani, tanto que tal denominação, era atribuída àquele que protagonizava acontecimentos cômicos, como os vivenciados pelo personagem.

Segundo Gardelin, o nome Nanetto Pipetta “[...] provém de Giovanni – Giovanetto – e Nino de Giovaninno. Os dois, portanto, tinham o nome de João[...]”.<sup>237</sup> Em Viadutos não observamos a presença comum do nome Giovani entre os taliani, especificamente daquele período, mas verificamos a existência de várias pessoas com o nome “João”. Não atrelamos a designação do nome “João” àqueles por influência do personagem, mas observamos que era identificável entre os taliani, ou seja, correspondia a um nome que aproximava os taliani do personagem Nanetto Pipetta.

Em Viadutos constatamos a existência de indivíduos com o apelido de “Nani”, “Nino”, “Ninetto” e “Ninotto”, revelando-nos a relação de proximidade do *Correio Riograndense* com os taliani, ou seja, difusão dos personagens do jornal entre os taliani não se desfez com a saída de um personagem e o ingresso de outros.

Houve interesse de parte da Igreja Católica em produzir o anseio na localidade, através da italianidade, de valorizar o passado, demonstrando a identificação étnica, a descendência de europeus e, de forma mais incisiva, os vínculos para com a instituição católica. O interesse do grupo talian em relação ao passado correspondeu, no entanto, a

---

<sup>237</sup> GARDELIN, *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul...*, p. 61.

uma manifestação que se limitou aos próprios taliani. Embora tenha havido influências de instituições, como da imprensa, o limite, o querer, só interessava àqueles indivíduos, que passaram a utilizar o “retorno ao passado” para se construir e para construir a italianidade.

O fortalecimento da italianidade em Viadutos deu-se por meio de práticas sociais que foram intensificadas pelas instituições que ali exerciam influência e que passaram, pela ritualização histórica, a introjetar novos e velhos valores referentes à italianidade. Tais práticas sociais fortaleceram a concepção de grupo, desencadeando um fenômeno coercitivo que adjetivou o pensamento do grupo cristalizado como excelente.

Constatamos que o discurso utilizado pelo periódico era mais enfático para o público interno do grupo, não para o público externo. A imprensa escrita direcionada para os taliani instrumentalizou-os a compreenderem e conhecerem o “outro” com os elementos identificados com a italianidade, como conceituação de mundo do próprio grupo talian.

Os taliani construíram-se na inter-relação com as instituições, não somente como indivíduos manipulados no processo, pois interagiam com elas, garantindo a simbologia do ser talian. A averiguação da construção da italianidade, da questão cultural do ser talian, não se busca atribuir juízo de valor a determinadas instituições, mas compreender as motivações que levaram-nas as instituições e aos indivíduos a agirem construindo-se como taliani naquele contexto.

Logo, o ser talian difundido pelo jornal só conseguiu manter o discurso sobre a italianidade porque não tinha como objetivo a preocupação de acabar com o “outro”, mas de manter-se e renovar-se construindo-se como excelente em relação aos demais. O jornal e os taliani mantiveram-se, e mantêm-se, por meio do discurso, porque não se identificam com o discurso do “outro”, mas partem do “outro”.

Verificamos que a coletivização da italianidade se fez validar por meio da instituição católica, a qual auxiliou na difusão da identificação do ser talian entre os taliani. Ao contrário da massificação da informação que ocorre na atualidade,<sup>238</sup> que em determinadas circunstâncias corresponde ao início da perda da ritualização, o jornal *Stafetta-Correio Riograndense* para os taliani, representou a continuação do próprio sentido de ritualizar e serviu para que os taliani se identificassem como taliani, pois por ele o passado era semanalmente intensificado. Então, o ser talian passou a ser mundializado no presente pela mundialização do passado.

---

<sup>238</sup> Referimo-nos a massificação da informação na atualidade por meio não só da mídia impressa, mas principalmente do rádio, da televisão e da internet, que auxiliam no abandono de alguns rituais, ou seja, intensificam a perda do sentido da ritualização de alguns fatos.

Assim, a imagem construída passou, com o auxílio da mídia impressa, a estar presente em todas as esferas da sociedade, auxiliando na identificação do ser talian para e naquela sociedade; ainda, contribuiu na construção de símbolos que foram úteis na medida em que passaram a ser apropriados pelos taliani para serem identificados como indivíduos pertencentes ao universo da italianidade.

Pelo entendimento da categoria da italianidade não somente para o próprio grupo, mas para aquela localidade, Viadutos, evidenciaremos como se davam as relações de amizade interétnicas; como os taliani se postavam na relação de amizade e matrimonial, em relação ao entendimento do que era compreendido como não pertencente ao grupo talian, ou seja, o entendimento do “ser outro”.

## **5 - A DIMENSÃO COMPLEXA DAS RELAÇÕES INTERÉTNICAS EM VIADUTOS: “NÓS” E “ELES”**

Pautados na idéia de que o ser talian se construiu na relação com os demais, de que se faz em relação ao parâmetro do outro, evidenciamos neste capítulo o dilema do indivíduo situado entre a identidade compreendida como “nossa” e a “deles”. Imbuídos do entendimento de que o talian se construiu “no meio”, ou seja, na relação, não “nas extremidades”, de maneira isolada, analisamos como se deram as relações interétnicas no campo da amizade e do matrimônio em Viadutos.

Pela averiguação de como se davam, se dão, as relações interétnicas, pretendemos avaliar em que medida a categoria da italianidade manifestava ou não o anseio de relacionar-se com os não-identificáveis como tal e, na práxis, como se fazia valer no universo do local. O conflito existencial, a base conflitual do talian na relação interétnica, compreendida como pressuposto gestor da própria italianidade construída e propagada no meio social em estudo, nas relações de amizade e matrimônio serão os elementos que iremos abordar e considerarmos neste capítulo.

### **5.1 O talian e a prática do filó**

A realização do filó foi ao longo da trajetória dos taliani em Viadutos como uma referência da italianidade. Embora essa prática do filó não fosse característica somente dos taliani, foi com tal denominação que passou a ser associada ao grupo: como filó para os taliani e como reunião entre amigos, visita aos amigos, entre os “outros”.

Sobre o filó, De Boni e Costa escrevem: “O filó propriamente dito, como institucionalização do lazer congregava várias famílias para conviver, comer e cantar. Várias famílias combinavam de se encontrar ao entardecer para juntas fraternizarem as próprias experiências”.<sup>239</sup>

Os filós eram momentos em que os taliani se reconheciam como tais e intensificavam a italianidade pela socialização das experiências no próprio grupo, reforçando a concepção do ser talian. A prática do filó deve ser compreendida entre os taliani de Viadutos como uma realização que era potencializada, vivida, pelos integrantes do grupo que se localizavam próximos. Outro aspecto relevante da prática do filó é que era realizado principalmente entre os taliani que moravam na área rural. Ao constatarmos que os taliani de Viadutos realizavam a maior parte dos seus encontros sociais, como os filós, nas suas casas, apontamos estes eventos como elementos que se justificam pela distância espacial existente dentre as localidades reconhecidas como talianas e as dos demais grupos étnicos.

O nosso entendimento de distanciamento é pautado não somente pelo aspecto espacial, mas no distanciamento construído a partir da relação social estabelecida entre aqueles que constituíam a territorialidade de Viadutos. De acordo com Certeau:

Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade.<sup>240</sup>

Na perspectiva de Certeau, a tentativa da autovisualização do indivíduo só é possível com a compreensão do todo, ou seja, o indivíduo situa-se a partir da concepção que obtém do todo. A divisão por identificações étnicas em Viadutos intensificou o distanciamento entre indivíduos situados em lugares distantes, embora vivendo numa territorialidade em comum.

A realização do filó entre os taliani foi um exercício de afirmação, de construção da fronteira humana entre os taliani e os reconhecidos como não-taliani. A fronteira entre

<sup>239</sup> COSTA; DE BONI. *Os italianos no Rio Grande do Sul...*, p. 163.

<sup>240</sup> CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. 6. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001, p. 201.

“eles” e “nós” não se configura nem se define pelo aspecto geográfico, mas, sobretudo, pela dimensão complexa da construção do ser talian na localidade. Explica-nos Bhabha:

Os termos do embate cultural, seja através de antagonismo ou afiliação, são produzidos performativamente. A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos *preestabelecidos*, inscritos na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica. O “direito” de se expressar a partir da periferia do poder e do privilégio autorizados não depende da persistência da tradição; ele é alimentado pelo poder da tradição de se reinscrever através das condições de contingência e contraditoriedade que presidem sobre as vidas dos que estão “na maioria”. O reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição “recebida”.<sup>241</sup>

Seguindo a perspectiva do autor, a prática do filó entre os taliani era um meio de acentuarem a italianidade, uma vez que neles estavam presentes pressupostos da tradição que lhes fora herdada, distanciando o “nosso grupo do grupo deles”. Havia, portanto, nos filós o fortalecimento da fronteira entre “eles” e “nós”. Construía-se um distanciamento centrado na cartografia humana que presumia a aproximação e uma vivência mais próxima dos indivíduos identificados com a italianidade do que com os “outros”.

Como os taliani eram a maioria no local, é necessário compreender como se processava a relação da maioria com as minorias, que critérios os taliani utilizavam para compreender as diferenças costumeiras e culturais vivenciadas pelas minorias – os outros –, bem como a maneira como estas compreendiam o ser talian.

Uma taliana revela-nos que houve períodos em que ela e sua família migraram internamente na territorialidade de Viadutos para atender às demandas de mão-de-obra exigidas pelo Frigorífico Alegretti. A migração para locais que se identificavam como referentes à etnia polonesa procedeu-se em razão das exigências da empresa em que a família trabalhava, não pela sua vontade. Quanto às relações de amizade mantidas por indivíduos identificáveis com etnias diversas, bem como em relação à prática do filó dentre os taliani e os “outros”, R. B. V. enfatiza:

---

<sup>241</sup> BHABHA, H. K. *O local da cultura*. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

A madrinha do [filho da entrevistada] era alemoa e ele era italiano, o marido dela. É com aquela nós visitava [...]. Daí, a gente com aqueles [se visitavam] e, outra alemoa era aquela casada com, aquela vinha sempre lá em casa, aquela do [pausa] Piccinin, ela ia [visitar].<sup>242</sup>

Os relatos revelam-nos que, embora tendo residido por um período numa localidade composta na sua maioria por descendentes de poloneses, a taliana manteve poucos vínculos de amizade com a população daquela localidade. É imprescindível considerar o fato de ela ressaltar que seus vínculos de amizade restringiam-se, no universo feminino, a duas mulheres que eram descendentes de alemães, porém casadas com taliani, evidenciando a idéia de que as relações de amizade em Viadutos seguiam a premissa da identificação étnica. A taliana evidencia o expressivo número de visitas que acolhia em sua casa no meio rural de Viadutos, no local identificado como “linha de taliani”: “Sempre, te sé; sempre, sempre, meu Deus! Como a gente se visitava!”.<sup>243</sup> As relações de amizade dos taliani com os não-identificáveis com a italianidade eram poucas; no caso da entrevistada, a distância espacial não foi um empecilho para que tal aproximação se efetivasse.

## 5.2 A tensão das relações interétnicas em Viadutos

Ao constatarmos que as relações de amizade se desenrolavam prioritariamente entre os taliani, observamos que, embora os grupos étnicos se mantivessem distantes uns dos outros, conviviam de forma harmônica na territorialidade em foco.

A relação interétnica, na práxis, não era vivida, e o distanciamento espacial contribuiu para a existência de relações harmônicas, porém “artificiais”, permeadas de preconceitos.

A relação interétnica auxiliou na construção de entendimentos desfavoráveis do “outro”, intensificando a italianidade no local. As relações interétnicas não se concretizavam em razão de construções prévias de pensar e identificar os “outros” como não taliani. A nossa intenção não é associar a construção da italianidade ao isolamento

---

<sup>242</sup> R. B. V. entrevista já informada.

<sup>243</sup> R. B. V. entrevista já informada.

daquele grupo, mas enfatizar que as relações interétnicas permeadas de preconceitos dificultaram o entendimento do “outro” como igual ao “eu”.

O entendimento de que a harmonia entre os grupos étnicos de Viadutos em teoria se realizava, por causa do distanciamento mantido, é evidenciada pelo talian “Richas, assim entre raças, não, não. Agora, que a gente não era de se mistura, isso não era mesmo, né”.<sup>244</sup> A compreensão da “mistura” é uma idéia latente entre os taliani e que, distante de ser superada, permanece viva no senso comum do local. A mistura, compreendida como soma de partes, “aritmética cultural”, deveria ser evitada, e uma forma de prevenção era evitar a relação de amizade com o “outro”.

A concepção da mistura não é um entendimento somente voltado às leituras de mundo feitas pelos taliani, pois encontramos tal discurso também nos relatos de não-identificáveis com a italianidade. Um descendente de poloneses destacou: “[...] das veiz meio se dividiam, né [os grupos étnicos]. Eles [os taliani] não se misturavam muito”.<sup>245</sup> De acordo com este entrevistado, a amizade entre indivíduos de ascendências diversas, compreendida como “mistura”, era evitada pelos taliani. A divisão da territorialidade seguiu a premissa de evitar a aproximação com o “outro”, entendido como diferente, para que não se realizasse a “mistura”.

Nos relatos de um descendente de alemães, observamos a idéia de que o talian seria mais próximo e primaria por ter relações de amizade com reconhecíveis como taliani: “O italiano se dá melhor entre o italiano. Talvez, o alemão e o polonês se dão muito melhor entre eles do que o alemão com o italiano e, o polonês com o italiano”.<sup>246</sup>

A relação de proximidade entre os “outros” fortalecia o entendimento de que aqueles “misturavam-se”; então, o grupo do “eu” passou a compreender-se como portador da italianidade, concebida entre os taliani como excelente e como proposta a um grupo não “misturado”, intensificando a concepção do ser talian como ser puro.

---

<sup>244</sup> I. D. entrevista já informada.

<sup>245</sup> KRZYZANIAK, V., 52 anos, descendente de poloneses, Linha Anta Mansa, Viadutos; Dez. 2004.

<sup>246</sup> A. S. entrevista já informada.

### 5.2.1 A amizade com “eles” e entre “nós”

A maior proximidade entre os taliani é ressaltada pela descendente de alemães A. S.: “Eles são assim umas pessoas que, eles se respeitam entre eles mais do que com outra pessoa que é de outra religião, de outra raça. [...] entre eles os italianos, eles, parece que eles se amam, se respeitam mais. Não sei por quê?!”.<sup>247</sup>

Conforme a entrevistada, o talian é o indivíduo que mantém maior respeitabilidade com os identificáveis. As relações de amizade preferencialmente entre os taliani revelam a tentativa da manutenção e de contínua construção da italianidade, mostrando que tal procedimento era permeado de preconceitos em relação ao entendimento do “outro”. Esse fato é referido na fala do descendente de poloneses V. G.:

Acho que ultimamente talvez, que nem é tanto já [as amizades dentre os taliani], um tempo atrás eles [os taliani] se davam bem mais do que agora [...] eles eram mais rigoroso em toda parte, amizade, desde uma festa, por exemplo, eles gostam do daquele grupo [dos taliani], os poloneses já têm outro sistema.<sup>248</sup>

Apontamentos em relação às amizades dos taliani revelam que eram vivenciadas preferencialmente dentre eles próprios, ou seja, as festas, as amizades eram praticadas pelos taliani. Referências ao fato de que os taliani procuravam manter relações de amizade com indivíduos do “nosso grupo” são feitas: “Mais fechados pra eles [taliani]. Eu acho que o italiano é bem mais unido, né”.<sup>249</sup>

As uniões mais numerosas é justificada pelo talian V. P.: “[...] se tocá de misturá, já não é uma amizade mais profundada, né. A gente se preserva mais, né”.<sup>250</sup> A concepção de preservação da italianidade, compreendida como origem e raça, é evidenciada uma vez que, para os taliani, a verdadeira amizade só seria de fato estabelecida entre os identificáveis. A compreensão de que eles procuravam manter vínculos de amizade entre si é manifestada com convicção pelo talian E. C. “[...] não tem dúvida. O italiano se dá mais fácil com o italiano!”.<sup>251</sup> De maneira clara, de acordo com as concepções da italianidade, o

<sup>247</sup> A. S. entrevista já informada.

<sup>248</sup> V. G. entrevista já informada.

<sup>249</sup> PASINI, E. S., 58 anos, descendente de ítalos, Viadutos, Dez. 2004.

<sup>250</sup> V. P. entrevista já informada.

<sup>251</sup> E. C. entrevista já informada.

talian A. M. enfatiza: “E, é naturalmente que deve ser assim mesmo, porque digamos você já vem de origem italiana, eu também sô de origem italiana, a gente tá mais próximo um do outro, né”.<sup>252</sup> Para o entrevistado, a procedência étnica igual seria um fator primordial no estabelecimento de relações de amizade.

A “naturalidade da proximidade” dos taliani é centrada no entendimento do talian I. D.: “[...] o próprio sangue italiano, né, influi muito, né”.<sup>253</sup> A italianidade é, pois, vinculada a uma característica que rompe com as barreiras do ser cultural, uma vez que, para aqueles, representa uma espécie de proximidade congênita.

### 5.2.2 A distância dentre “eles” e “nós”

A organização social das localidades no interior, na sua maioria, deu-se partindo de um núcleo, que passava a ser o local de encontro e socialização dos habitantes. Conforme Manfroi:

A capela tornou-se um lugar de culto e um centro de reunião. No decorrer dos anos capela passou a significar o conjunto dos habitantes de uma mesma linha ou localidade que freqüentavam a mesma igreja: a comunidade ou a sociedade da capela.<sup>254</sup>

À medida que as localidades passaram a ser identificadas como linhas de taliani, alemães e poloneses, recebiam as denominações correspondentes. A socialização, nas comunidades, ocorria nos finais de semana. Ali se estabeleciam as relações com as demais comunidades, porém a maior parte das atividades era realizada entre os habitantes do local, devido à distância espacial entre as linhas, como nos relatou o talian V. P.: “Não tinha como se saí hoje, pra i num baile em Linha Passarin, de que jeito que ia? De a cavalo? Não tinha condição”.<sup>255</sup> O fato de evitarem participar de eventos não relacionados a localidades definidas como talianas é também mencionada pelo talian I. D.:

<sup>252</sup> MUNARO, A, 69 anos, descendente de ítalos, Viadutos, Jan. 2005. Quando o depoente refere-se a você o mesmo faz menção a autora que é descendente de ítalos.

<sup>253</sup> I. D. entrevista já informada.

<sup>254</sup> MANFROI, *A colonização italiana no Rio Grande do Sul...*, p. 189.

<sup>255</sup> V. P. entrevista já informada.

[...], por exemplo, nós na época que jogava futebol, evitava praticamente i joga futebol nas terras de polonês. Pra nós era o pior lugar de ir passar o domingo pra joga um futebol, era onde? Numa comunidade onde tinha bastante polonês. Sempre a gente rejeitava, não sei ser era os costume diferente que se [pausa] era outra linha [de pensamento] que a gente conduzia, né. E sempre dava problema quando a gente ia, né. Não sei se a culpa era nossa [taliani], ou culpa era, era deles [poloneses] mas, alguma coisa sempre acontecia [...] Alguma encrenquinha [pausa] pode perguntar para qualquer [pausa], de um certo ponto do município pra lá [gestos] ninguém queria ir joga futebol. O pessoal [talian] não gostava. E sempre dava alguma coisa. Eu mesmo senti isso, é.<sup>256</sup>

Ficou explícita a manifestação da italianidade no modo de pensar e de ser talian, que seria diferente dos demais. A negação à aproximação e manutenção de vínculos com integrantes de outros grupos revela a fronteira construída pelo modo de pensar do grupo dos “outros” e do talian. As divergências entre os grupos taliani e polonês, compreendido como “outro”, são relatadas pelo talian N. B.:

Nós morava em São Marcos e, São Marcos era gringo e polonês, né. Então, até eu me recordo sempre. Era conhecido, [o talian] compadre do meu pai tudo então, deu uma briga assim, na sociedade. Deu uma briga e eu, isso não esqueci nunca, era um gurizote de cinco, seis ano. Gravo na minha cabeça um polonês e um italiano brigaram, o polonês era bom de pedra, atiro a pedra e, tinha um chapéu de pano, chapéu grande e quando sei que, deu na testa dele assim [sinais] e, o pano entro na cabeça corto o chapéu e tudo e, entro aquele pano, um pedaço de pano, corto o chapéu, vê se era poco forte! I, isso eu me esqueci nunca não, porque aquela briga lá, continuo tempo [...].<sup>257</sup>

Portanto, eram mitos relacionados à figura do polonês pelos taliani: era bom para atirar pedra e para brigar. Observamos que na infância do talian ele era orientado a manter distância dos poloneses, ou seja, não manter amizade com os daquela etnia para não se envolver em divergências. É, pois, pertinente verificar os processos-crime da delegacia de polícia da localidade para verificar a veracidade de tal fato.

Os processos-crime de Viadutos relacionados a divergências interétnicas não eram elevados. Contudo, os dados apontam para tal conclusão, considerando-se que nem todos os desentendimentos ganhavam a dimensão da oficialidade. Detivemo-nos em observar os processos-crime que se situam entre as décadas de 1960 e 1970, considerando o fato de que a municipalidade de Viadutos foi instituída no final da década de 1950 e até aquele período

<sup>256</sup> I. D. entrevista já informada.

<sup>257</sup> N. B. entrevista já informada.

os registros policiais eram realizados nos atuais municípios de Gaurama e Marcelino Ramos.

Nos processos-crime encontrados observamos que as divergências interétnicas, quando eram registradas, envolviam principalmente taliani e poloneses. Quanto ao conteúdo, evidencia-se que a concepção da excelência étnica do grupo talian configurou-se numa práxis constante.

Sobre o estigma construído em relação ao grupo polonês no Rio Grande do Sul, Gritti<sup>258</sup> ressalta: “A idéia de inferioridade do polonês imigrante e/ou descendente, vai firmar-se e permanecer presente muito tempo depois da sua instalação como agricultores no Estado”. Ainda segundo a autora:

[...] geralmente o grupo discriminador atribui ao grupo minoritário certas opiniões inexatas, ridicularizando-o pelo seu aspecto, físico ou cultural. Aplicando a todos certas características individuais, os estereótipos contribuem para a prática da segregação social.<sup>259</sup>

Em relação ao entendimento de que o polonês é inferior ao talian, constatamos a prática da extorsão financeira por um destes para com os poloneses na localidade. Traz um registro policial:

Em investigações realizadas ficou constatado que o dinheiro fora arrecadado de pobres agricultores, residentes na Vila de Carlos Gomes e arredores, os quais não podem dispor de seu dinheiro para uma cobertura radiofônica a respeito do júri em que eles próprios estariam presentes. S. M. J.<sup>260</sup>

No processo-crime aparece a ação persuasiva do talian junto aos poloneses na tentativa de obrigá-los a pagar uma conta deste. Essa tentativa de manipular os “outros” perpassa o entendimento de que não perceberiam que estavam sendo extorquidos. Portanto, na ação do talian transparece a concepção da italianidade associada à esperteza em relação ao polonês.

<sup>258</sup> GRITTI, *Imigração e Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul...*, p. 15.

<sup>259</sup> GRITTI, op. cit., p. 191.

<sup>260</sup> Processo crime; Arquivo da delegacia de polícia do município de Viadutos - RS.

A construção de elementos negativos aos identificados como poloneses, conduzia a que a ação, a dinâmica, dos integrantes do grupo polonês estivesse somente associada a elementos negativos. Até a linguagem utilizada entre os poloneses na conversação cotidiana era motivo de desconfiança para os taliani, que viam este fato como meio de fazerem comentários incompreensíveis para estes. Como exemplo, num dos processos-crime constatamos a reação violenta de um talian ao deparar-se com descendentes de poloneses que cantavam na sua língua:

O Sr. [...] fechou a bodega e o declarante e seus companheiros desceram uma viela que liga a La.Alice a La.Barbosa [...] e pararam a beira da estrada, [...] cantando em polonês; Que minutos depois L.B.tomou o litro de A. A., aproximou-se do declarante dizendo; “VOU EXPERIMENTAR ESTE HOMEM!” e ergueu o litro para desferir um golpe na cabeça do depoente[...].<sup>261</sup>

Quanto aos eventos de recreação relacionados à presença de integrantes de ambos os grupos num dos processos-crime registra-se a reação de familiares de uma moça taliana quando um polonês considerado como “impróprio” para dançar com ela insistiu em aproximar-se dela:

Que, na noite de 24 para 25 de junho corrente, o depoente encontrava-se em um baile que se realizava na La.Floresta [...] o depoente convidou uma moça, filha de L.D., para uma dança [...]; que a moça levantou-se e saiu dançando com o depoente; que, segundos depois, sem saber de quem recebeu um soco no supercílio direito [...]; Que, ato contínuo, o depoente saiu para fora e dirigiu-se para sua casa seguido de perto por L.D. e mais dois companheiros que o depoente desconhece os quais vinham ofendendo o depoente, chamando-o de “polaco f...de uma p...,etc [...] Que, o declarante saiu correndo perseguido por vários homens, que o alcançaram e o encheram de bofetadas deixando-o prostado ao solo, quase sem sentido de onde, momentos depois, saiu em direção de sua casa ainda ouvindo as ofensas dos seus perseguidores, conseguindo esconder-se no porão de onde ouvia dizerem se encontrarmos este polaco f...de uma p...nós o mataremos.<sup>262</sup>

O último processo-crime permite-nos observar que os casamentos interétnicos não eram estimulados para que a italianidade não sofresse uma desconstrução. Partindo do

<sup>261</sup> Processo crime; Arquivo da delegacia de polícia do município de Viadutos - RS.

<sup>262</sup> Processo crime; Arquivo da delegacia de polícia do município de Viadutos - RS.

pressuposto de que os casamentos interétnicos eram evitados em Viadutos pelos taliani, verificaremos como esses eventos se davam nesse espaço social.

### 5.2.3 O anseio da manutenção da italianidade

Quanto à concepção do casamento, é possível perceber em ata da Câmara de Vereadores do findar da década de 1950 o posicionamento dos políticos de então em relação ao divórcio:

[...] Solicitando fosse oficiado aos Exmos. Srs. Presidente da Câmara dos deputados e Senado federal e aos Exmos. Senadores Mondin, Daniel Krieguer e Men de Sá, bem como aos líderes da Bancada do nosso Estado na Câmara dos Deputados, apelando para que seja rejeitado sistematicamente todo e qualquer projeto-lei que avise introduzir o divórcio a vínculo na nossa Legislação seja qual for a sua modalidade.<sup>263</sup>

Na retórica do vereador transparece a influência da religião católica, a qual servia como referência para os indivíduos do local na formação de entendimento sobre os sacramentos obtidos na instituição católica. Entre os taliani na localidade a compreensão que detinham do casamento era de um sacramento para ser mantido por toda a vida.

Ao abordar os matrimônios em Viadutos é relevante ressaltar que a italianidade pauta-se em concepções patriarcais, de modo que a figura do homem como provedor do lar é preponderante; conseqüentemente, a mulher taliana deveria se submeter a ele, intensificando, pois, a italianidade. Em relação à mulher taliana, Della Flora escreve:

Analfabetas por vontade expressa da ordem colonial, as meninas e mulheres mantiveram-se em situação de profunda subordinação, submetidas a uma dura exploração, familiar e extra-familiar. Um mundo que sempre teve ouvidos de mercador à reivindicação de Michelle Perrot de que a “mulher e a criança foram feitas para serem protegidas”. Para as meninas-moças, a fase de criança era logo deixada para trás. Entravam no mundo da consciência sem uma boneca no braço, sem visitarem o banco escolar, embaladas, sobretudo, pelo trabalho sem fim. Para

---

<sup>263</sup> Ata da Câmara de Vereadores de Viadutos, requerimento do vereador Alcides Alegretti.

elas, o casamento se apresentava como única saída de uma família que sufocava, como horizonte esperançoso em direção aos seus sonhos.<sup>264</sup>

A figura feminina taliana, embora não fosse reconhecida no universo da italianidade como igual ao homem, concentrava a responsabilidade da educação dos filhos(as), que na maioria não eram poucos(as), da mesma forma que a ela se atribuía o papel de dar bons exemplos aos filhos(as). Os valores morais a serem transmitidos aos filhos(as) partiam da matriarca, que, quanto mais submissa fosse, mais era identificada como boa mãe e esposa. O patriarcalismo entre os taliani e a submissão feminina são ressaltados por Veronese:

A mãe, então, muito sensível a tudo que acontecia em redor dos filhos, com eles e por eles muito se preocupava e sofria. Mas, pergunto, quem jamais a viu revoltada? Ou maldizendo a vida? Era uma estátua muda. Tão mansa e quieta e boa! Quando éramos criança nos ameaçava com castigo, pelas nossas artes. Logo em seguida, esquecia. Ameaçava-nos em avisar o pai. Mas quando o pai voltava sempre procura desculpar os filhos.<sup>265</sup>

Por meio da escrita do migrante verificamos que a imagem da boa mulher taliana era a da subordinação total ao esposo. Assim é que o ocultamento de situações vivenciadas pelos filhos(as) e não levadas ao conhecimento do patriarca permite-nos deduzir que a mãe-mulher taliana, tal qual os filhos(as), sentia-se ameaçada diante da autoridade do pai-patriarca talian.

Compreendemos a construção da italianidade em Viadutos vinculada especialmente à figura do patriarca, ou seja, a mulher como mantenedora de uma identidade ao lado do homem talian, isso aliado ao patriarcalismo, a machismo, intensificado naquele meio social. A mulher taliana desempenhou um papel preponderante na manutenção de uma identificação pautada em pressupostos de caráter machista.

Quanto ao discurso do trabalho associado ao ser talian, a imagem difundida de que o talian é mais trabalhador que os demais referia-se mais à figura do homem. Em relação ao papel histórico desempenhado pela mulher nas famílias, Woortmann ressalta: “Há um ditado que expressa bem a importância do papel feminino e os seus domínios em contraste

<sup>264</sup> DELLA FLORA, J. *Rosas na coroa, pranto na vida: a história silenciosa da camponesa oestina ítalo-catarinense*. Dissertação (Mestrado em História). UPF, Passo Fundo, 2005.

<sup>265</sup> VERONESE, *Caminho percorrido...*, p. 16.

com os do homem: ‘A mulher cabe dar conta (*untterhalten*) da economia doméstica; cabe ao homem progredir’<sup>266</sup>.

O discurso de que a mulher não é responsável pelo progresso econômico da família ou clã e que a ela competem apenas as atividades relacionadas àquilo que Wootmann definiu como “economia doméstica” é ressaltado e contestado por um entrevistado:

[...] no italiano é o homem que manda e a mulher não [na propriedade]. Eu vô dá um exemplo: o que é trabalhador não é o italiano, mas as italianas. [...] se numa família existi dois filhos homem uma filha mulher, o que quê acontece no sábado á tarde? Os dois rapaz vão pra bodega, na sociedade, onde é lá na sociedade dele ou clube, ou vão joga futebol ou, ou vão joga bocha, né, enquanto a filha fica trabalhando;ou, na hora do meio-dia: os filhos descansam e o pai diz: fulano,vai lá busca os boi? Ele diz [o filho]: fulana, vai lá tocar os boi pra mim. Então, não é o rapaz não, é as mulheres que vão trabalha. [...] Mudo muito, mudo muito [pausa] mas, a mulher é submissa.<sup>267</sup>

A mulher taliana, como meio de garantir a sua auto-imagem positiva, reproduzia o discurso machista que a legitimava como esposa excelente. Segundo Della Flora, “o poder masculino constituía espécie de tradição cultuada pela população masculina e também feminina”.<sup>268</sup> Segue a autora:

Ao longo da história, construiu-se, portanto, dentro das relações desiguais de gênero, uma desvalorização da mulher e da feminilidade que, mais comumente, resultou em exploração social e produtiva pura. Em geral, destacou-se na mulher sua capacidade de trabalho e reprodução, reprimindo-se seu papel social e político comunitário e familiar.<sup>269</sup>

A identificação machista e patriarcalista de que o insucesso financeiro de algumas famílias polonesas estaria vinculado ao fato de serem conduzidas pela matriarca reforça a idéia de que os taliani tornaram-se expoentes do capital na localidade em razão de mulher ficar restrita aos eventos referentes à economia doméstica. De acordo com o entrevistado A. S.:

<sup>266</sup> WOORTMANN, *Herdeiros, parentes e compadres...*, p. 128-213.

<sup>267</sup> A. S. entrevista já informada.

<sup>268</sup> DELLA FLORA, *Rosas na coroa, pranto na vida...*, p. 15.

<sup>269</sup> DELLA FLORA, op. cit., p. 16.

[...] o polonês também é trabalhador; só que o polonês gosta de ser mandado pela mulher, no caso, normalmente não é o homem que manda é sim, a mulher. [...] o polonês, sê sabe muito bem, que ele não faz negócio sem consultar a mulher. Isso é verdadeiro.<sup>270</sup>

O discurso machista é encontrado no universo feminino talian quando avaliamos que para as taliana, a mulher ideal para a construção de um bom matrimônio era a taliana. R. B. V. ressalta: “Não sei por quê a mulher [taliana] é mais trabalhadora”.<sup>271</sup> Para D. B. Z., ao ser questionada sobre a possibilidade de ter se casado com um indivíduo não identificável com a italianidade e a possível reação da família, ela respondeu: “Nem falá!”.<sup>272</sup>

Sobre a realização de casamentos interétnicos em Viadutos, a taliana R. B. V.<sup>273</sup> relata sobre da sua mocidade: “Eu nunca vi um italiano casá com um polaco o alemão”.<sup>274</sup> O fato de ela não ter presenciado nenhum casamento de taliani com “outros” evidencia o discurso da italianidade que está inculcado nela, de que o fato não era de fato comum na localidade.

Segundo o talian V. P., “[...] os véio não faziam questão que casassem os [pausa], misturasse as raças. Tinha isso também”.<sup>275</sup> O entrevistado expõe a idéia de que o casamento com integrantes do mesmo grupo era um acontecimento que contemplava as expectativas dos pais dos noivos. O jovem talian, dessa forma, era educado para não frustrar a família, não se casando com alguém de outro grupo social. Quando o namoro dava-se dentre taliani e “outros”, A. S. lembra o que ocorria:

Mais resistente ela [etnia taliana] muitas vezes até tem preconceito de não querer a mistura, né. É uma raça que se centralizo mais entre eles, não, não essa mistura de, de, de...dificilmente você vê uma italiana que casô com polonês, ou você vê um italiano que casô com um alemão. O meu caso é diferente, eu já sou de origem alemã e casado com italiana.<sup>276</sup>

<sup>270</sup> A. S. entrevista já informada.

<sup>271</sup> R. B. V. entrevista já informada

<sup>272</sup> D. B. Z. entrevista já informada.

<sup>273</sup> R. B. V. entrevista já informada.

<sup>274</sup> R. B. V. entrevista já informada.

<sup>275</sup> V. P. entrevista já informada.

<sup>276</sup> A. S. entrevista já informada.

Em relação à experiência do matrimônio interétnico entre o entrevistado descendente de alemães e a taliana, isso ocorreu com o roubo da noiva porque ambas as famílias não chegavam a um consenso sobre a religião que o casal deveria praticar após o matrimônio. Segundo o entrevistado, posteriormente à fuga, a união do casal foi aceita pelas famílias, no entanto tiveram de se casar na religião católica e na luterana.

O casamento interético no local era tido como indevido pelo grupo talian. Dessa maneira, é importante avaliar em que medida tais relações matrimoniais eram realizadas, observando dados estatísticos existentes na comunidade.

#### **5.2.4 Talian com talian para a continuação da italianidade**

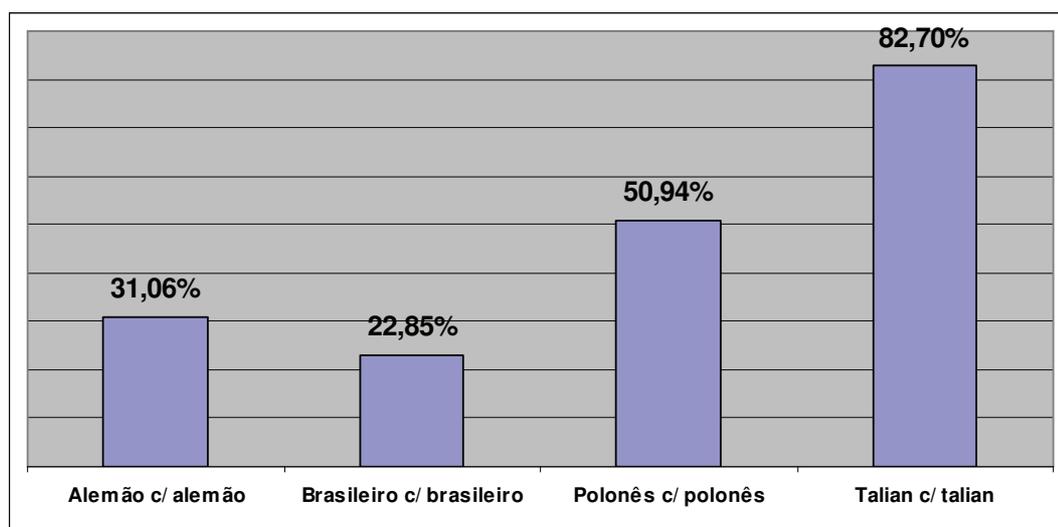
Analizamos os registros civis de Viadutos no intuito de contemplar os matrimônios realizados. Observamos as uniões matrimoniais em dois momentos: um contempla a temporalidade anterior à emancipação e o outro, que posterior à agregação de Carlos Gomes àquela territorialidade, cuja população correspondia, quase na sua totalidade, ao grupo polonês.

Em Viadutos, a oficialização de casamentos apresentou-se num índice expressivo. No primeiro período analisado, 1940 a 1949, houve a realização de 448 uniões conjugais. Avaliando esse índice de maneira proporcional aos indivíduos envolvidos nos eventos, verifica-se que o talian preferia manter relação matrimonial com outro de sua etnia.

Partindo desse pressuposto, averiguamos que, dos 353 registros civis envolvendo identificáveis com a italianidade, 82,7% foram oficializados entre taliani e 17,23%, entre taliani e membros dos demais grupos sociais. Em contraponto, no mesmo período, contatamos 53 registros de casamentos vinculados ao grupo social polonês, dos quais 50,94% uniram-se com elementos do mesmo grupo e 49,05%, com de outros grupos étnicos.

Do grupo alemão observamos que se casavam menos com indivíduos do mesmo grupo. Dos sessenta registros civis envolvendo os do grupo alemão, 31,06 % casaram-se com pessoas desta etnia e 68,33% oficializaram matrimônio com não-identificáveis com o grupo. Por sua vez, nos registros civis de casamentos identificáveis como brasileiros, dos setenta casos, somente 22,85% uniram-se em matrimônio com os do mesmo grupo social e 77,14% casaram-se com pertencentes a outros grupos sociais.

Portanto, torna-se evidente pelos dados obtidos que os taliani priorizavam manter relações matrimoniais com indivíduos do próprio grupo. O casamento dentre taliani em Viadutos no período de 1940-1949 dava-se segundo os padrões estabelecidos pela italianidade; daí a negação em relação a uniões matrimoniais entre taliani e indivíduos de outros grupos.



Fonte: Cartório de Registros Públicos de Viadutos.

Figura 9: Casamentos no município de Viadutos (1940-1949).

No período de 1960-1969, os registros de casamentos diminuíram em relação à década de 1940 aproximadamente em 25%. A redução de registros de casamentos, no nosso entendimento, não se justifica pela migração de indivíduos para o oeste dos estados de Santa Catarina e do Paraná, pois o percentual subtraído da população de Viadutos foi aumentado com a agregação da municipalidade do distrito de Carlos Gomes.

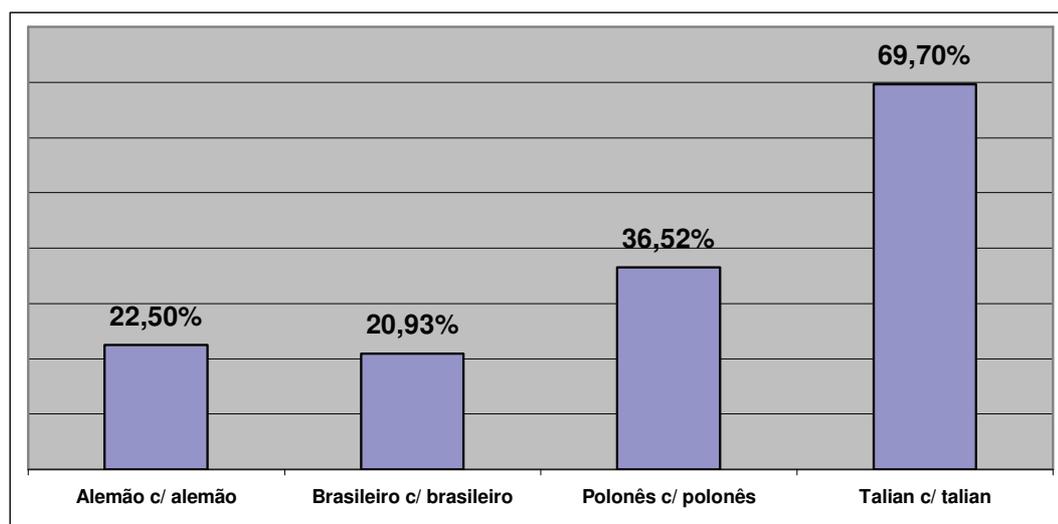
De 1960-1969 foram realizados 339 registros civis de casamento. Embora os casamentos oficializados na localidade de Viadutos tenham, na sua totalidade, diminuído, entre os taliani o índice permaneceu elevado. Assim, dos registros de casamentos analisados, 268 envolveram taliani, dos quais cerca de 69,7% casaram-se com pessoas do próprio grupo e 30,22%, com não-identificáveis.

Do grupo polonês, observamos que a emancipação política de Viadutos aumentou o índice de identificáveis, com um aumento de 60% de casamentos envolvendo indivíduos

do grupo. Dos 85 envolvendo os identificáveis como poloneses, 36,47% casaram-se com pessoas do mesmo grupo social e 63,52%, com indivíduos não identificáveis como poloneses.

Quanto aos identificáveis como alemães mencionados em quarenta registros civis, verificamos que aproximadamente 22,5% oficializavam o casamento com os da mesma identificação étnica e 77,5%, com não-identificáveis. Cabe ressaltar que houve uma diminuição nos registros civis envolvendo os identificáveis como alemães em, aproximadamente, 50 %, em virtude da migração para os demais estados sulinos.

Sobre os identificáveis como brasileiros constatamos que houve uma redução na oficialização em mais de 60%. Dos casamentos registrados, 20,93% ocorreram dentre os brasileiros e 79,06%, entre brasileiros e indivíduos dos demais grupos sociais.



Fonte: Cartório de Registros Públicos do município de Viadutos.

Figura 10: Casamentos no distrito de Viadutos (1960-1969).

O fato de os taliani casarem-se na sua maioria com os do seu aponta para a negação que os identificáveis mantinham em relação ao “outro” e a restrição do casamento interétnico representa a manifestação do discurso que eles construíram.

Os casamentos entre os do grupo em Viadutos, onde se observa a negação ao “outro” pelos taliani, manifesta-se como forma de se protegerem, na medida em que a italianidade depende da identificação do “outro”. Logo, a negação a casamentos entre os

taliani e os “outros” manifesta-se como forma de se manterem puros e superiores em relação aos “outros” para o contexto-sistema.

A italianidade para o contexto-sistema está arraigada em pressupostos compreendidos como fundamentais para sua contínua construção, dentre eles, o de primar por relações matrimoniais com identificáveis, para que possa ser mantida na sociedade a suposta supremacia étnica.

A idéia de que o talian é mais trabalhador manifesta-se no discurso da migrante D. B. Z.: “mais trabalhador, o italiano sempre [mais trabalhador]”.<sup>277</sup> Do discurso do trabalho associado ao talian, verificamos que se vincula às outras disposições associadas à italianidade, ou seja, de que o talian é mais trabalhador, na concepção dele próprio, em razão da italianidade. O talian I. D. ressalta: “A raça italiana é trabalhadora mesmo”.<sup>278</sup> Observa-se que, para ele, a prerrogativa da ascendência étnica é fundamental para a identificação de um indivíduo como trabalhador.

O discurso de o talian ser mais trabalhador é justificado pelo fato de indivíduos dos demais grupos não serem reconhecidos como trabalhadores. De acordo com N. B., “[...] eu também sô italiano então, eu sempre fazia assim, como o italiano: faz isso, faz aquilo, faz aquele outro [...]”<sup>279</sup>, ou seja, o talian seguia os pressupostos do trabalho porque era talian, o que não ocorreria, de acordo com o seu entendimento, com os não-taliani.

A idéia de o ser talian mais trabalhador que os “outros” manteve-se num local onde a maioria da população identificava-se com tal identidade. Essa preponderância não se constitui em argumento para legitimar a sua exaltação, como também a concepção da superioridade racial do talian em relação aos demais grupos sociais. A identificação da italianidade como fator condicionante para a vinculação à “raça superior” manifesta-se nos discursos e na práxis entre os taliani. O pertencimento à italianidade, compreendida como excelência étnica, é manifestado por aqueles identificados como “meio-talian”.

Os que se identificam como “meio-talian” manifestam com orgulho a “parte taliana”, que corresponderia à mais expressiva identificação. A explicitação da “parte taliana” é evidenciada com mais ênfase do que as outras. De acordo com a descendente de polonês e taliani C. J.: “Eu sou de origem italiana. Minha mãe era italiana. Ninguém sabe,

---

<sup>277</sup> D. B. Z. entrevista já informada.

<sup>278</sup> I. D. entrevista já informada.

<sup>279</sup> N. B. entrevista já informada.

porque [pausa] é polaca e, polaca!”.<sup>280</sup> A entrevistada mostra-se descontente porque os taliani não consideram sua italianidade.

A identificação com a italianidade corresponde à construção identitária do grupo, que, reforçada no meio social, passou a ser almejada como identificação primeira pelos(as) “meio-talian”. O descendente de alemães e taliani ressalta:

Que nós ali [sinais], por exemplo, era só nós, era só o meu pai que era alemão, porque a minha mãe era italiana. Até o meu avô era italiano da Itália mesmo. O pai da minha mãe. O pai do meu pai, já não era... já era brasileiro, não é. É que eu sou mais italiano do que alemão, não é.<sup>281</sup>

O ser talian é algo querido pelos “meio taliani”. A italianidade se faz identificar e associar pelos seus, pelo fato de também se auto-reconhecerem como mais próximos da instituição católica; os taliani autodefinem-se como católicos excelentes em relação aos demais grupos, principalmente ao polonês. De acordo com a taliana R. B. V.: “Depois, vamo dizê eles [os taliani] era assim, pro que eu compreendia, eles não se importavam em i longe, se tinha uma igreja, alguma coisa, a religião deles pra i”.<sup>282</sup> A alegação de que o talian é mais católico do que os “outros” é contestada pelo polonês P. C. K.:

[...] quantas vezes eu já falei em até em i [os taliani na igreja católica de poloneses], o polonês é mais católico no caso. Porque já convidei italianos daí [da comunidade] pra i, tem uma missa lá em polonês em Carlos Gomes, né. Polonês já reza bem mais, no caso. Eu no caso que me criei polonês, bem dize 70% [do tempo de vida] fiquei com polonês, a religião do polonês é mais forte, no caso forte, né. [...] O italiano aqui rezam também, mas não são tanto como os outro [poloneses].<sup>283</sup>

Outro descendente de poloneses relata de maneira nostálgica a forma como praticavam a religião católica:

<sup>280</sup> C. J. entrevista já informada.

<sup>281</sup> LEIDENS, A., 79 anos, descendente de alemães, Viadutos; Dez. 2004.

<sup>282</sup> R. B. V. entrevista já informada.

<sup>283</sup> KLOSINSKI, P. C., 52anos, descendente de poloneses, Linha Rio Quinto, Viadutos, Dez. 2004.

Eu me criei do meio dos polonês lá, então nem se sabia fala direito a outra língua né, que [é] português. Até quando nós ia na missa em Carlos Gomes, a missa era rezada em polonês. [...] os terço quando vinha, aquelas procissão da Nossa Senhora, nem me lembro a nossa senhora que era, [som de pássaros] então, eles [os poloneses] fazia aquelas novena então, toda a linha acompanhava né, quatro, cinco, comunidade das linha, assim, acompanhavam aquela Nossa Senhora; e o terço era tudo rezado em polonês.<sup>284</sup>

Para os taliani a religiosidade associada ao catolicismo é identificada como característica da italianidade, impossibilitando o reconhecimento do “outro” como tão católico quanto o “eu”. O talian identifica-se como mais católico do que os demais partindo da premissa da italianidade. A manifestação da italianidade nutre-se de argumentos relevantes para a sua manutenção no contexto-sistema, ou seja, os elementos apontados como decorrentes da italianidade são manifestados de maneira positiva para o sistema-contexto.

Observamos que na relação interétnica o talian posta-se como ser superior aos dos demais grupos, concepção que se torna evidente nas relações interétnicas estabelecidas por aquele. A identificação da italianidade perpassa pelo entendimento de que os identificáveis construíram por si mesmos a supremacia étnica; logo, o ser talian configura-se no indivíduo que acredita ser portador de excelência étnica no trabalho, na religiosidade e na concepção de raça superior. O talian é, na relação social, aquilo que acredita ser em relação ao parâmetro do “outro”. A concepção e a compreensão da italianidade, pois, representam a crença do identificável para com a própria identificação étnica.

Tal entendimento perpassa o campo discursivo a da práxis na medida em que os taliani se autodefinem como legitimadores de idéias e valores para aquela sociedade, não considerando a relevância da relação social na construção da italianidade. Verificamos a exaltação do entendimento de supremacia étnica no desenrolar das atividades envolvendo os filós, nos quais se mantinha e se potencializava a idéia de excelência étnica para os internos do grupo. A tensão das relações interétnicas perpassa pela busca do grupo talian de procurar manter-se “puro” evitando qualquer tipo de relação com os reconhecidos como “outros”, ou seja, as relações de amizade davam-se, prioritariamente, entre os taliani, como forma de manterem, de difundirem e potencializarem a categoria da italianidade.

Portanto, a “distância” construída pelos taliani em relação aos “outros” deve-se ao objetivo de manutenção de tal identificação, buscando manterem como tais na sociedade

---

<sup>284</sup> V. R. entrevista já informada.

na qual se situavam. A idéia de manutenção e “preservação” da italianidade reflete-se nos casamentos da localidade, onde contactamos que os taliani preferiam estabelecer vínculos matrimoniais com os identificáveis, não com os “outros”.

Observamos que a concepção presente na compreensão do ser talian corresponde ao seu modo de pensar e de agir; é a concretização do entendimento da fronteira existente entre o grupo do “eu” e do “outro” partindo do pressuposto de supremacia étnica; é a exaltação da italianidade na dimensão complexa das relações interétnicas.

A complexidade da relação social entre o grupo talian e os “outros”, o entendimento de supremacia étnica que perpassa as composições musicais do grupo de canto talian de Viadutos, a representação da italianidade em cantorias compreendida como a práxis da própria na sociedade-sistema são os aspectos dos quais iremos nos ocupar no próximo capítulo.

## **6 - O CANTO DA ITALINIDADE: A EXALTAÇÃO DO SER TALIAN EM VIADUTOS**

Tratamos a manifestação da italianidade partindo da observação de composições musicais tidas pelos taliani de Viadutos como reflexo fidedigno da sua trajetória histórica, com o que buscamos enfatizar a expressão histórica e a representação da italianidade nas partituras.

Ressaltamos a exaltação da italianidade analisando o conteúdo das peças musicais que representam os pressupostos dos quais a categoria da italianidade se vale para o contexto-sistema, ou seja, do entendimento de excelência étnica para e no trabalho, da prática do catolicismo e da compreensão de “raça superior”.

Compreendemos os discursos das composições musicais como eixos norteadores do entendimento do ser talian para os taliani, fazendo os apontamentos pertinentes à manifestação da italianidade pautada num pressuposto comum, que é o da suposta excelência étnica, ou seja, das motivações que levam ao entendimento de que “é bom ser talian” e do “por que é bom ser talian”.

### **6.1 Cantos para elevar a italianidade**

No senso comum costuma-se dizer que quem canta “eleva a alma”, a elevação da alma estaria vinculada, conforme o dito popular, à proximidade maior que o ato de cantar proporcionaria com as divindades. Parafraseando o dito popular, compreendemos que quem canta o canto dos taliani eleva a italianidade; a qual não se justificaria pela proximidade divina, mas, sobretudo, porque o contexto-sistema força que essa seja e esteja

constantemente sendo construída e redefinida para que o grupo se sustente. Sobre o canto talian escreve Manfroi:

Este magnífico folclore composto de canções de amor de guerra, operetas, canções burlescas, nostálgicas, românticas, etc., conservou-se vivo até a segunda guerra mundial, quando as línguas estrangeiras foram proibidas no Brasil. A juventude do após-guerra esqueceu muitas destas canções e, sobretudo, perdeu aquele espírito festivo dos primeiros imigrantes. O canto das colônias italianas no Rio Grande do Sul foi, não somente um paliativo ao sofrimento e à saudade como na literatura, o Italiano reencontrava o seu passado característico, sua alma vibrante e expansiva. O canto, como a liturgia foram fatores determinantes de sua integração em terras gaúchas.<sup>285</sup>

Segundo Manfroi, o canto dos taliani representou um meio de se identificarem como tais, pois, com as cantorias tematizando as suas trajetórias históricas, identificavam-se como pertencentes à italianidade. As letras de música, conforme o autor, não representaram tal e qual a forma como eles viviam, mas a auto-imagem que detinham daquela vivência partindo da concepção de supremacia étnica, da italianidade.

Conhecendo a ritualização do canto talian inserido na coletividade, averiguamos se haveria identificação de pertencimento àquele grupo em virtude do conteúdo das composições, que refletem e são reflexo do entendimento do processo (i)migratório no senso comum. Para Manfroi, o canto, a manifestação da italianidade, reinventa-se conforme o momento vivenciado pelo grupo. Dessa forma, se antes da Segunda Guerra Mundial as letras de música eram proferidas na sua maioria em dialeto vêneto, com o findar desta, foram propagadas de uma maneira mais aportuguesada, reinventadas, redefinidas. Conforme Zanini,

[...] ao entrevistar descendentes que haviam presenciado os acontecimentos, o que se observou foi que esse período marcou suas auto-referências pessoais. Os acontecimentos permaneciam vivos em suas memórias, com cheiros e sons inesquecíveis. Afinal, o que era ser descendente de italianos? Como seria não o ser, perguntavam-se eles? Para outros, que não presenciaram, mas ouviram de pais e avós, o sentimento era que assumir a brasilidade tornara-se uma questão de sobrevivência, não somente física, mas emocional também. Muitas feridas estavam abertas depois quando o passado poderia ser interpretado livre de constrangimentos e medos.<sup>286</sup>

<sup>285</sup> MANFROI, *A colonização italiana no Rio Grande do Sul...*, p. 195.

<sup>286</sup> DALMOLIN, *A mordaca verde amarela...*, p. 126.

Notamos que houve uma tentativa de recuperar a italianidade que havia sido, de certa forma, “esquecida”; por isso, as letras de músicas retomam o discurso da italianidade com os elementos adaptados pelos taliani no presente. Assinalamos dois elementos que acreditamos terem redefinido as letras de músicas: a compreensão do passado de forma nostálgica e apologética e a reinvenção de um novo dialeto, partindo do próprio dialeto mais identificado com o português, logo, mais compreensível para a sociedade na qual a italianidade se firmava como grupo social, o ser talian no Brasil.

A retomada da ritualização, do pensar o grupo por meio do canto, não está vinculada ao fato de que o grupo caracteriza-se pelo gosto à música, mas ao fato de que a identificação identitária necessita ser ritualizada para ser reconhecida. A identificação não decorre de maneira natural, mas atua em decorrência da dinâmica do contexto e do tempo no qual os indivíduos estão legitimando em sociedade.

Distante de configurar-se como um registro integral dos acontecimentos vividos pelos primeiros taliani de Viadutos, as composições foram elaboradas pautadas em suas vivências, partindo da concepção existente e formada do grupo no senso comum e das memórias das memórias dos ascendentes étnicos. As memórias das memórias, mais do que outros elementos, demonstram que são vinculadas às compreensões que se estabeleceram sobre a imigração ítala para o Brasil pela *mass media* da sociedade.

A identificação com tal processo torna-se mais próxima dos taliani em virtude do aportuguesamento a que as composições foram submetidas ao longo da sua reconstrução e rememoração da trajetória histórica desta etnia. Sua compreensão por meio de uma linguagem acessível colabora para que os taliani reforcem a italianidade, havendo o entendimento de como o processo se deu com os seus ascendentes.

### **6.1.1 A “essência” da italianidade em composições musicais**

Ao evidenciarmos a importância da composição musical para a manutenção e construção contínua da italianidade, referimos o grupo de cantos de Viadutos Modesto e Nicola: Taliani contenti.<sup>287</sup> Segundo seus componentes, o grupo tem como objetivo

---

<sup>287</sup> Segundo integrantes do grupo talian, a denominação se deve a uma homenagem que fizeram a dois taliani que, em vida, manifestavam o gosto pelo canto talian. Em relação ao início das atividades envolvendo a

transmitir aos “novos taliani” a vivência dos seus ascendentes, para a intensificação da italianidade através da ritualização.

As letras de músicas são representações da identidade construída e que se constrói continuamente. Assim, construiu-se a idéia entre os taliani de que indivíduo excelente é o talian e nas composições musicais, observamos que tal pensar é veiculado para a sociedade. Então, as composições passam a atuar como elemento de coalizão da identificação identitária, porque representam e expressam o entendimento da italianidade para os taliani, da mesma forma que a identificação externa àqueles.

Dentre as composições musicais, a “Mérica-Mérica” é reconhecida pelos taliani como uma espécie de hino. No acervo do grupo de canto esta composição musical é definida como “canto d’emigranti”, ou seja, o “canto dos imigrantes”. Na composição fala-se da viagem dos imigrantes ítalos associada ao sacrifício e num fragmento a italianidade é referida como imprescindível para o desenvolvimento econômico do país hospedeiro – o Brasil:

Lá América/la e longa e la e larga  
E le formata/ de monti e de piani  
E co la indústria/ dei nostri taliani  
Abian formato/ paesi e cita.<sup>288</sup>

Observa-se na composição a manifestação da italianidade associada à idéia de que a presença dos taliani no Brasil teria sido fundamental para a dinâmica econômica do país. O entendimento do processo imigratório perpassou, e perpassa, pela compreensão de que os taliani foram fundamentais para a composição social do Brasil. Não é nossa intenção atribuir juízo de valor aos grupos sociais que formam o povo brasileiro, mas registrar que a

---

formação do grupo, foi construído partindo das idéias do agricultor Francisco Sbardela e Idione Dettol, em meados de 1997, os quais propuseram aos demais taliani que semanalmente fosse realizado um filó nas casas de cada um objetivando não somente o encontro, mas a prática da cantoria taliana. Aqueles integrantes passaram a escrever as letras de músicas cantadas no intuito de “resgatar” o canto dos taliani, o grupo atualmente, detém um significativo acervo de letras de músicas. O grupo de canto talian de Viadutos-RS apresenta-se em eventos comemorativos do sul do país, o evento de maior importância de que o grupo participou foi quando da abertura oficial dos 125 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul, no palácio do governador. Foi recebido pelo então governador do estado, Olívio Dutra, e passou a ser reconhecido como o grupo de cantos taliani “mais autêntico” do estado sulino.

<sup>288</sup> Importa ressaltar que as letras de música foram copiadas tais quais estão disponíveis no acervo do grupo de canto talian de Viadutos. Dessa forma, a escrita reconhecida, pelos integrantes do grupo como “dialeto vêneto”, representa a própria construção da italianidade no local, ou seja, a identificação também parte de uma linguagem que não corresponde na sua totalidade ao dialeto vêneto, ao italiano dito oficial e também ao português. Assim, as traduções das letras de música foram feitas por integrantes do grupo, principalmente pela responsável pelo acervo do grupo de canto taliani de Viadutos, Idione DeTofol.

compreensão do ser talian está vinculada ao entendimento de que seu grupo foi o impulsionador do progresso econômico do Estado brasileiro.

A compreensão de que a presença dos taliani foi preponderante para a formação do Estado brasileiro remonta ao entendimento, pelos taliani, de que os indivíduos que habitavam a territorialidade do Brasil e do norte do Rio Grande do Sul não eram “aptos” para promover tal desenvolvimento, ou seja, há o entendimento de que os taliani representariam supremacia étnica.

As letras de músicas do grupo de Viadutos, segundo seus integrantes, sofreram adaptações no momento em que foram “resgatadas”. A construção da italianidade perpassa pela adaptação, pela lembrança renovada de acordo com as dinâmicas do contexto no momento em que são traduzidas como registro do processo social. Nessas circunstâncias, as composições musicais são atuais na medida em que são adaptadas adequadamente ao presente vivido.

A universalização do canto “Mérica-Mérica” dentre os taliani perpassa pelo campo da representação, como referencial para o entendimento da sua trajetória no local; há, portanto, um processo de legitimação de um passado vivido, em parte, pelos antepassados, mas querido e idealizado pelos taliani na sociedade-sistema.

Na letra de música “Viva la Nostra Mérica”<sup>289</sup> não tão universal quanto “Mérica-Mérica”, verificamos a exaltação da importância dos taliani para o Brasil:

Viva el Brasile lá nuova pátria nostra  
Noi gue darem l’amore, noi gue darem l’amore  
Del popolo italian

E com el lavoro dei nostri brachi  
Feconderemo- lá terra ostile  
Sol per portare questo Brasile  
A lá vitória de um gran destin...!<sup>290</sup>

Torna-se evidente o discurso da compreensão da italianidade de que os taliani representaram para o país a impulsão daquilo que corresponde aos elementos positivos do sistema do capital. A “Nossa América”, distante de identificar-se com a “Nossa América”

<sup>289</sup> “Viva a nossa América”. Tradução Idione DeToffol integrante do grupo de cantos talian de Viadutos.

<sup>290</sup> “Viva o Brasil a nova pátria nossa; Nós lhes daremos amor, nós lhe daremos amor; Do povo italiano; E com o trabalho dos nossos braços; Produziremos na terra hostil; Só para levar a aquele Brasil; A vitória de um grande destino!”. Tradução Idione DeToffol, integrante do grupo de cantos talian de Viadutos.

de José Martí<sup>291</sup>, configurar-se-ia na América associada aos taliani, colocando-os numa condição superior aos demais e acentuando a manifestação do pensar a italianidade como supremacia étnica.

As letras de músicas evidenciam o ser talian para os identificáveis com a italianidade; o canto passa a ser demonstrado como legítimo deste grupo social, da mesma maneira que é incomparável com as manifestações identitárias dos “outros”.

### 6.1.2 A exaltação da excelência do talian no trabalho

A legitimação do discurso de que o talian é construtor de riquezas e “portador de progresso” associa-se ao entendimento de que ele é naturalmente predisposto ao trabalho. O sacrifício é vinculado aos “grandes feitos” e passa a ser um dos fatores de legitimação da idéia de que o talian é responsável pela dinâmica da economia do país. É possível observar a retórica de que o trabalho, para os taliani, esteve sempre associado ao sacrifício na composição da letra de música “Lá stória”:

Adesso te conto na stória/ te juro per veritá  
El tempo que gera em roça: Madona/ quanto gavemo passa

Um dia se manha fazoi/ e qualque volta la sera  
Se manha polenta e tocho/ Madona/ que bona que lágera

Poareta anca me mama/ gaveva sempre de far  
La messo el pan tel forno: Madona/ e i altri ló gá chavá

Adesso finisso lá stória/ de me fradel e me pupa  
E anca el picinin: Madona/ que adesso le maridá.<sup>292</sup>

---

<sup>291</sup> MARTÍ, J.; RETAMAR, R. F.; TRAJBER, M. A. A. (Trad.). *Nossa América: antologia*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

<sup>292</sup> “A história”. Tradução Idione DeTofol, integrante do grupo de cantos talian de Viadutos. “Agora te conto uma história, te juro é verdade; o tempo que estávamos na roça: Senhora, quanto que passamos; Um dia se comia feijão, e às vezes à noite; Comíamos polenta e molho, Senhora, que boa que era; Pobrezinha da minha mãe tinha sempre o quê fazer; Colocou o pão no forno: Senhora, e os outros o roubar; Agora acabo a história, do meu irmão e meu pai; E também do pequenino: Senhora, que agora está casado”.

O saudosismo registrado aborda uma face da (i)migração taliana no Rio Grande do Sul em Viadutos, que envolve a dificuldade da sobrevivência, pela carência de alimentos que enfrentaram. A carência e a dificuldade de obtenção de alimentos própria daquelas circunstâncias são tidas como um dos sacrifícios enfrentados do talian.

As dificuldades do meio naquele contexto histórico não devem ser compreendidas e associadas a um único grupo social. Os taliani passaram por dificuldades às quais os indivíduos estão suscetíveis no sistema de capital, ou seja, não tendo valores monetários nem condições de adquirir determinados produtos, estiveram limitados a se alimentar de uma parca variedade de alimentos diariamente.

Na mesma composição evidenciamos que as famílias talianas eram constituídas de um grande número de filhos(as), formando-se um ciclo de filhos(as) que nasciam e que se casavam. Esses elementos tornam tais composições próximas dos taliani mesmo sem compreender o próprio pertencimento, haja vista que expressam aquilo que se institucionalizou no senso comum e na própria identificação com a italianidade.

As composições musicais, quando exaltadas, são reconstruídas e adaptadas, correspondendo a elementos identificáveis com o tempo vivido; são manifestações do momento vivenciado pelo indivíduo que a compôs, que a reconstruiu e adaptou. Elas representam o pensar vigente do grupo e também do externo, na medida em que, pela circularidade das idéias, vão ganhando *status* de legítimas na sociedade-sistema.

Dos elementos identificáveis com a italianidade, o cultivo das vinhas é constantemente ressaltado. Todavia desconsidera-se o fato de que esta cultura não foi, ou é, somente praticada pelo grupo talian nem por todos os taliani. A identificação do cultivo das vinhas com os taliani aparece na letra de música “In campagna cantando si vá”<sup>293</sup> de maneira apologética e nostálgica:

Festa di luce e color  
Canta felice onhi cuore  
E la campna, ridente cucagna

Tutto sorride perche eee  
Vita piú bella non c’è  
Fra le finestre c’è un fiore  
Che parla d’amore cantando cosi:

Oh! Oh! Oh! In campagna cantando si va.  
Oh! Oh! Oh! La chitarra balare chi fa

---

<sup>293</sup> “Na colônia [área rural] se vai cantando”. Tradução Idione DeToffol.

Oh! Oh! Oh! Si quell prato potesse parlar  
 Onhi piú piccolo iore  
 Ricordo d'amore, direbbe: "mammá"<sup>294</sup>

Na letra de música observa-se que os parreirais estão associados ao progresso econômico das glebas. O trato com as vinhas não é ressaltado como um sacrifício, mas como um momento de festa, porque o talian colhe os frutos do seu investimento e trabalho realizado. A fortuna associada à gleba de terra expressa a maneira como os taliani se compreendiam como proprietários, ou seja, sendo donos de uma gleba de terra, poderiam fazer fortuna.

Nossa observação revela sobre o fato de que existe a identificação do talian com o cultivo das vinhas, especialmente, aos taliani localizados na região conhecida como Serra gaúcha. Tal reconhecimento não se estende a outras regiões do estado sulino identificadas como talianas, haja vista que o cultivo das vinhas não foi somente obra do grupo talian.

A construção da idéia de que o cultivo das vinhas está para com a italianidade faz-se valer na medida em que a Serra gaúcha é reconhecida como uma das mais prósperas economicamente do estado sulino. Então, tem-se a identificação dos taliani para com o cultivo das vinhas e com o progresso econômico da região. Viadutos não é uma localidade de taliani identificada com tal cultivo como meio de sustento das pequenas propriedades, pois nela essa cultura apenas é praticada para satisfazer, na sua maioria, o consumo do grupo familiar. Portanto, o reconhecimento dos taliani com o cultivo das vinhas não corresponde a uma identificação universal da italianidade na práxis, mas, a identificação para com as vinhas se faz legitimar pelo discurso em relação a tal prática.

Os elementos identificados como universais na composição da italianidade são os que foram universalizados no discurso e apontados como correspondentes a tal identificação, integrando o processo de coesão daquela, que, além de construir-se como tal, necessitou tornar-se coesa para se institucionalizar e se legitimar no senso comum como taliana.

A identificação da italianidade com o cultivo das vinhas é manifestada numa composição denominada de "Inno d'la cooperativa del vin"<sup>295</sup>, hino da Cooperativa do

---

<sup>294</sup> "Festa de luz e cor; Canta feliz meu coração, E a colônia, sorridente fortuna, Todos riem porque; Vida mais linda não existe; Dentre as janelas tem uma flor; Que fala de amor cantando assim.; Oh, oh, oh! Na colônia cantando se vai; Oh, oh, oh, a cigarra se faz dançar; Oh, oh, oh! Se aquele prato pudesse falar; Hoje a mais pequena flor; Recorda do amor, dizendo mamãe". Tradução Idione DeToffol.

<sup>295</sup> Em parte da letra de música situamos a exaltação do trabalho dedicado ao cultivo das vinhas: "Sotto lombra Del tu...o vignale/ Te lavori com grande passion/ E gloria onore al tu... o signore/ Memória eterna

Vinho. Em Viadutos, pelo que temos conhecimento, associações voltadas ao cultivo de vinhas nunca existiram. Se considerarmos que o grupo de canto de Viadutos tem como premissa maior o “resgate” de elementos da italianidade, essa composição revela a associação positiva do cultivo com a italianidade, embora a atividade não seja praticada no local.

A italianidade revela-se nas composições, assentada na compreensão de que os taliani (i)migraram para locais do Rio Grande do Sul em razão da paisagem semelhante à da península. Essa idéia é ressaltada de maneira nostálgica na letra de música denominada “La montanara”:

Lá su per le montagne fra Boschi e  
validor  
Tral ‘aspre rupi cheggia um cântico  
D’amor<sup>296</sup>

Observamos a tentativa de aproximação da paisagem sulina com a da península, no intuito de fazer notar que os locais foram habitados por taliani não somente por circunstâncias do sistema-contexto, mas, sobretudo, porque foram escolhidos por eles por se assemelharem geograficamente aos locais de origem na Itália. Essa idéia institucionalizada entre os taliani se faz evidenciar na composição musical cujo tema é o retorno de um filho de imigrante à Itália:

Torna son torna – son torná  
Par sempre  
Torna de la vale  
Dove jera me puppa

Varde má varde  
Ma varde... lá vale

Varde lê montanhe  
Dove jera me puppa ááá  
Má varde...ma varde  
Má varde...lá vale<sup>297</sup>

---

gloria imortale. Debaixo da sombra de tuas vinhas/ Trabalhas com grande sacrifício/ E graças devemos a tu ó senhor/ Memória eterna, graça imortal”. Tradução Idione Detoffol.

<sup>296</sup> “A montanha. Lá para cima da montanha tem bosque e valor/ dentre as pedras chega uma canção de amor”. Tradução Idione DeToffol.

A busca de semelhanças entre as territorialidades torna a idéia do desbravadorismo vinculada ao talian expressiva na medida em que a compreensão da italianidade perpassa pelo entendimento de que em tais locais no Rio Grande do Sul o enfrentamento do “novo meio” foi produto das características do grupo associado à italianidade.

### 6.1.3 A exaltação do talian na prática do catolicismo

Em relação à vinculação do talian com o catolicismo, as letras de música expressam tal proximidade como um elemento inerente a tal identificação. Em parte da letra “Gesù Bambino”<sup>298</sup> observamos a socialização da data comemorativa ao nascimento de Jesus Cristo entre as crianças daquele grupo:

Gesù bambino arrivirá la nova Stella brigliano già  
 Ala matina tuti i bambini presto piu presto levano su  
 Per veder co ´el cor in mano casa hai portato il bambino Gesù  
 I bambini tropo contenti vano ala chiesa per ringraziar  
 Al bambino Che hai portato tanti presenti e felicitá.<sup>299</sup>

Embora o nascimento de Jesus Cristo seja comemorado por todos os grupos sociais da localidade, evidencia-se que há uma espécie de nostalgia em relação ao fato, haja vista que o talian se auto-identifica como mais católico do que os demais. A proximidade do talian com o catolicismo pode ser observada nas composições que evidenciam que a instituição representava a extensão, quando não a totalidade, da vida social do grupo:

La matina bonora son dato  
 A scoltare le campanéele

<sup>297</sup> “Torna – Son Torna/ Voltei –Eu voltei. Para sempre/ voltei para o vale/ onde ficava meu papai/ Olhe, mas olhe/ Mas olha...lá o vale/ Olha as montanhas/Aonde ficava meu papai/ Mas olha, mas olha/ Mas olha...lá o vale”. Tradução Idione Detoffol.

<sup>298</sup> “Gesù Bambino – Jesus Menino”. Tradução Idione Dettfol.

<sup>299</sup> “Jesus menino chegou e a nova estrela brilhou já/ De manhã todas as crianças, ligeiras mais ligeiras, levantam-se/ Para ver como é, pois o que trouxe em casa, o menino Jesus/ As crianças muito felizes vão para a igreja para agradecer/ Ao menino que trouxe tantos presentes e felicidades”. Tradução Idione Dettfol.

Yamai in longa la vita  
Hó sentiste sonar cosi belle

Coi reccini d´argento  
Coi cavei fati a dressa  
Bonora Marina  
Sonava di messa<sup>300</sup>

Entre as composições que perpassam o entendimento de que o talian seria um católico praticante constatamos o tema casamento como um pressuposto para a manutenção da italianidade. O casamento é compreendido como ideal quando se realiza entre taliani católicos, daí a exaltação da importância de firmar laços conjugais com indivíduos da mesma identificação étnica encontrada em “La mescola dela polenta”:

La mescola lá gira/col maneguetto tondo<sup>301</sup>  
Em torno dela mescola/gira tuto el mondo

Se todas as mulheres/ com fama de briguenta  
Tem sempre atrás da porta/ a mescola da polenta

E quando teo marido/ cega tarde da festa  
A mescola funciona/ e um corno sai na testa

Co a mescola se manda/ as renha lá no fogo  
Co a mescola se toca/ pra fora os cachorro  
Na festa italiana/ eu fui com na negretta  
E só porque era preta/ apanhei da mescoleta

Se te impura na porta/ nós damo um pinicom  
A mescola da polenta/ resolve a questão

Da sua utilidade/fazer polenta benta  
Tem uma importante/ mexer com a polenta.<sup>302</sup>

<sup>300</sup> Nome da composição musical: Marina Campanera; Marina dos sinos. “De manhã bem cedo fui/ Escutar os sinos/ Jamais em toda vida/ Eu senti tocar bonito assim/ Com brincos de prata/ Com os cabelos feitos uma trança/ Cedo Marina/ Sonhava com a missa”. Tradução Idione Detoffol.

<sup>301</sup> “A pá da polenta gira, com o cabo torto/ Em torno da pá, gira todo o mundo/ Se todas as mulheres com, fama de briguenta/ Tem sempre atrás da porta, a pá da polenta/ E quando teu marido chega tarde da festa/ A pá funciona, e um hematoma sai na testa/ Com a pá se manda, as lenhas lá no fogo/ Com a pá se manda pra fora os cachorros/ Na festa italiana, eu fui com uma negrinha/ E só porque era negra, apanhei de pá/ Se empurrar para porta, nós damos um apertão/ A pá da polenta, resolve a questão/ Da sua utilidade, fazer polenta benta/ Tem uma importância, mexer com a polenta”.

<sup>302</sup> “A pá da polenta”. Tradução Idione Detoffol.

Referentemente à composição, assinalamos dois elementos: o preconceito em relação à não-italianidade e a apropriação da idéia de que a polenta corresponde a um alimento de identificação primeira com a italianidade.

A idéia de que a presença de indivíduos de origem afro não era aceita na festividade promovida por taliani demonstra o preconceito existente para com aqueles. A composição nos revela que a idéia de um talian casar-se com uma descendente do grupo afro era abominável. Nesse sentido, na composição aparece o termo “negretta”, que corresponde a “negrinha”, ou seja, por ser descendente do grupo afro, ela era identificada como inferior aos taliani, às talianas. A negação em relação à descendente do grupo afro para a integração ao grupo talian é evidenciada como elemento que poria em risco a manutenção da italianidade.

Quanto à apropriação da idéia de que a polenta corresponde a um alimento associado aos taliani, verificamos que há uma exaltação deste alimento vinculando-o somente ao grupo talian. Contudo, o aproveitamento do milho como alimento, processado em farinha e consumido como polenta não é um hábito exclusivo do grupo talian, como o senso comum institucionalizou. O preparo da farinha de milho em polenta encontra-se arraigado na alimentação cotidiana dos caboclos, onde observamos que o produto era uma importante fonte de alimentação do grupo, como também a canjiquinha derivada do milho.<sup>303</sup>

A concepção de que o relacionamento adequado para os taliani seria o mantido dentre eles próprios é evidenciada na composição “La Gigiota la gá um bambin”:

La Gigiota la gá un banbin:/ que belin, que belin,<sup>304</sup>  
Que boquin e que nazin/ e la gigiota la gá un bambin/  
E la Gigiota la gá un banbin./

Me casei com uma italiana/que veio lá de Turín/  
A coisa melhorou muito/ ficou bom pra mim./  
Quando nasceu nosso filho/ a festa não tinha fim/  
E juntou-se a italianada/ e cantava uma modinha assim:

A minha italiana é linda/pois trata muito bem de mim/  
Almoço com macarronada/ polenta com codeguin<sup>305</sup>/  
Pois de novo na nossa casa/ a cegonha está pra vir/  
E juntou-se a italianada/ e cantava a modinha assim:

<sup>303</sup> MARCON, *Memória e cultura...*, p. 179-180.

<sup>304</sup> “A Luisa tem um bebezinho/ que bonitinho, que bonitinho/ Que boquinha e que narizinho/ E a Luisa tem um bebezinho/ E a Luisa tem um bebezinho”. Tradução Idione Detoffol.

<sup>305</sup> “Queijo feito com a carne de suínos”. Tradução Idione Detoffol.

Pois daqui uns vinte anos/ se a coisa seguir assim,  
 Eu e minha italiana/nós vamos ter uns vinte “bambin”<sup>306</sup>/  
 Pois de novo na nossa casa/ a cegonha está pra vir  
 E nós vamos cantar de novo/ aquela modinha assim.<sup>307</sup>

A composição faz referência à excelência da esposa taliana. Conforme a mensagem da letra, a vida passou a ser melhor depois que o indivíduo casou-se com uma taliana, visto que a ascensão econômica do talian estava associada a um “bom casamento” com uma taliana. Num contraponto à penúltima letra de música evidenciada, na qual a descendente de afros era considerada imprópria para o casamento, a última composição referencia com alegria o fato de o talian ter se casado com uma taliana e de ter tido seu primeiro filho(a).

A beleza da esposa taliana não estava associada à beleza estética, mas à idéia do pertencimento à italianidade. Os preceitos relacionados à esposa excelente taliana, presentes na composição revelam-se de cunho paternalista. Ao identificar que a taliana tem muitos cuidados para com o esposo talian, verifica-se que há a expectativa de que o casamento seja realizado dentre eles para que, então, possam pôr em prática o que consideram como inerente à tradição, ou seja, os “cuidados”, a subordinação ao esposo talian.

Outro aspecto relevante na composição é a identificação entre os taliani de que a mulher deveria parir muitos(as) filhos(as) como sinônimo da fertilidade feminina e da virilidade masculina, enfim, da concepção da raça taliana superior às demais.

Quanto à escrita da composição, torna-se evidente a construção da italianidade associada a uma linguagem voltada para esta, como uma forma de comunicação e identificação daqueles que corresponde a uma grande distorção de palavras do idioma italiano considerado oficial, juntamente com uma reinterpretação do dialeto vêneto e do português. A construção da italianidade está para a construção daquela linguagem, identificada como taliana ora mais próxima do italiano dito oficial, ora do dialeto e do português.

---

<sup>306</sup> “Bebezinho”. Tradução Idione Dettofol.

<sup>307</sup> “A Luisa tem um bebezinho”. Tradução Idione Detoffol.

### 6.1.4 O entendimento de “raça taliana”

A exaltação da preferência pela esposa taliana, vista como portadora e mantenedora de uma “raça superior”, a branquitude, é observada em outras composições musicais, como na de “Il primo carnevale”<sup>308</sup> onde se enfatiza a idéia da beleza associada à mulher branca:

O bela bionda quanti ...vieni sul sofáaa  
 O bella bionda quanti peccati aveete  
 Peccati ce no tre trecento venti tre  
 Ma quello che mi ama...sta vicino a mee  
 O ditemi bela bionda e quanti amanti aveete  
 Amanti ce nó cin quecento e vinticin  
 Ma quello que piú m'ama e 'l frate capuuucin.<sup>309</sup>

A construção da italianidade perpassou pelo entendimento de superioridade em razão da branquitude, porém não está centrada somente neste argumento, haja vista que, na região Norte do estado sulino assentaram-se etnias várias com tal característica. Contudo, ser talian corresponde a ser branco, superior aos demais que também se caracterizam pela branquitude. Na composição “In campagna cantando si vá” situamos a exaltação da branquitude com a identificação da italianidade:

T'amo, mio biondo tesor,  
 Stringimi forte sul cuor,  
 E quase sempre sul varde,  
 La testa si perde cantando cosi.<sup>310</sup>

A idéia do “tesouro branco”, da mulher taliana portadora de branquitude, expressa-se como parte do entendimento construído da italianidade. Noutra composição, “La me

<sup>308</sup> “O primeiro carnaval”. Tradução Idione Detoffol.

<sup>309</sup> “O linda loira quantos..vem em cima do sofá/ O linda loira quantos pecados tens// Mas aquele que me ama está perto de mim/ Diga-me linda loira e quantos amantes tens/ Amantes tenho uns trezentos e vinte e três/ Mas aquele que mais me ama é o padre capuchinho”. Tradução Idione Detoffol.

<sup>310</sup> “Te amo, meu loiro tesouro/ Apertado forte meu coração/ Que quase sempre quando a vê/ A cabeça se perde cantando assim”. Tradução Idione Detoffol.

morosa vecia”<sup>311</sup>, novamente vemos o discurso da italianidade vinculado à branquitude, ao entendimento dos taliani como de “raça” e “raça superior”:

Tutti me dícono bionda, e bionda io non sono  
 Porto i capeli néri, porto i capeli néri  
 Tuti me dícono biondo, e biondo io non sono  
 Porto i capeli néri sinceri nel amor  
 E per Che nom me ami piu?<sup>312</sup>

Em tais composições torna-se explícito o entendimento de “raça” do grupo talian, permeada pela concepção de superioridade étnica. O discurso em torno de que ser talian corresponde a uma característica apropriável, aprovável e legitimável no contexto-sistema do capital confirma às identificações associadas à italianidade.

As maneiras como os grupos sociais se expressam podem e devem ser compreendidas nas “entrelinhas”, como ocorre com os cantos taliani, onde é possível observar que o conteúdo das composições não se distingue do entendimento que os taliani expressam. Compreendemos que as partituras não correspondem ao registro de um período histórico vivido pelos taliani, mas à própria identificação étnica destes. É a manifestação da italianidade num momento mais apropriável para e no contexto-sistema.

## 6.2 A exaltação da italianidade na relação do “eu” e com os “outros”

Em relação à compreensão que os taliani têm de serem excelência étnica, na composição “Bona Cera”<sup>313</sup> observamos o entendimento das “diferenças” existentes dentre o seu grupo e o grupo do “outro”:

E mi sta cera, coi me companhi  
 Son dá filó

<sup>311</sup> “A minha namorada velha”. Tradução Idione Detoffol.

<sup>312</sup> “Todos me dizem loira, e loira eu não sou/ Tenho os cabelos negros, e tenho os cabelos negros/ Todos me dizem loiro, e loiro eu não sou/ tenho os cabelos negros, sinceros no amor/ E porquê não me amas mais?”. Tradução Idione Detoffol.

<sup>313</sup> “Boa tarde”. Tradução Idione Dettofol.

Coi me companhi

Ma pena dentro, má tella porta

Lá bona

Bisonha dir

Lá bona cera.<sup>314</sup>

No discurso da composição perpassa o entendimento de que existem iguais e diferentes: iguais os taliani e diferentes os não-taliani. A concepção da igualdade entre os taliani e de desigualdade em relação aos “outros” compreende-se como parte da manifestação da italianidade. A manifestação da excelência étnica é salientada com sutileza na medida em que percebemos que, embora o discurso da compreensão do “eu” e do “eles” exista, isso não se dá de maneira explícita, pois, por vezes, não é identificado pelos compreendidos como “outros”.

Nas composições é possível estabelecer como a italianidade se dá na prática, haja vista que as composições são a concretização do discurso. Os aspectos evidenciados nas composições musicais são os mesmos utilizados pelos taliani em outras circunstâncias correspondendo ao entendimento que vigora na sociedade-sistema. As composições são a representação simbólica da identidade construída. Suas distorções, imprecisões, adequações voltam-se para o sistema do capital pelos identificáveis com a italianidade e vão ganhando contornos de legitimidade, por isso que a probabilidade de o senso comum negá-la (a italianidade) torna-se remota.

O canto da italianidade ecoa na práxis cotidiana dos taliani como o próprio discurso da italianidade, da mesma forma que o discurso é o próprio canto da italianidade; ambos são unos em razão da unicidade coercitiva que os legitima: a construção do ser talian.

No entendimento da migrante R. B. V. quanto à constituição da localidade de Viadutos: “Eu acho que pra Viadutos foi tudo, foi os italiano, os italiano foi tudo. Porque, imagina, essa gente ali [gestos] pro fundo ali, que tinha ali tudo [taliani], eram tudo colono já [quando a mesma foi para o local]”.<sup>315</sup>

A compreensão da excelência da italianidade pelos próprios taliani revela-se incapaz de considerar a ação do “outro” no mesmo espaço social como equitativa à ação do “eu”. O entendimento nostálgico da presença dos taliani em Viadutos decorre do

<sup>314</sup> “Eu está tarde, com meus iguais/fui fazer filó/ com meus iguais/ Mas logo dentro, lá na porta/ A boa tarde/ tem que dizer/ A boa tarde”. Tradução Idione Dettofol.

<sup>315</sup> R. B. V. entrevista já informada.

entendimento de que o “ser talian” é portador de supremacia étnica. Vejamos esse discurso na fala de um talian:

A italiana se destaca muito, muito, muito bem, por sinal, a nossa agricultura, do italiano do interior ali é fabulosa! Muito boa mesmo é excelente! Produz de tudo um pouco, hoje nós temos aqui no município de Viadutos, um céu aberto! Uma maravilha Viadutos, por causa disso aí [taliani]. [...] a italiana sempre foi maior em número em Viadutos aqui e, sempre que administro todo o município de Viadutos, né. Então a região toda nossa aqui, pertence a nós os italianos mesmo, de fato e de direito, tá.<sup>316</sup>

No entendimento do talian A. M., o espaço social de Viadutos está para os taliani, pois compreende que os desta etnia foram fundamentais na construção do local. Ora, não situaríamos na fala do talian de Viadutos o discurso presente na composição “Mérica, Mérica”? Ou na composição “Mérica, Mérica” o discurso do talian? Compreendemos a identificação do discurso em dimensões diferentes como decorrência da italianidade construída pelo senso comum e, sobretudo, entre os taliani. A afirmativa do talian revela a legitimidade com que a italianidade é compreendida pelos seus identificáveis.

Entre os taliani, o discurso da excelência étnica é corriqueiro e transparece nas entrevistas como algo positivo, bonito. O pertencimento à identificação étnica taliana é exaltado quando eles são instigados a demonstrar os vínculos para com esta, o sentido do pertencerem a tal grupo social. Conforme o talian I. D.:

Porque na maioria mesmo era italiano, né, o município de Viadutos. [...] E a maioria era italiano, né. Pra mim foi importante, evidentemente, é a raça italiana, não é pra desprezar os outros também, mas [pausa] eles também deram [pausa] contribuíram pra isso, eu acho que a raça italiana foi a que mais.<sup>317</sup>

O discurso da italianidade pode estar repleto de fragmentos de elementos relacionados a tal identificação de formas distintas, mas se mantém em locais diferentes por estar pautado num discurso comum, que é o da excelência étnica. A universalização da identificação do “ser talian” encontra-se centrada em pressupostos que vão se mantendo na dinâmica do contexto e promovendo a sua exaltação na relação social. O aprendizado do

<sup>316</sup> A. M. entrevista já informada.

<sup>317</sup> I. D. entrevista já informada.

ser talian está vinculado com o contexto, pois é a partir da sociedade-sistema que ele passa a se identificar como talian e, assim postar-se, seguindo a sua compreensão, como supremacia étnica.

### 6.3 A lógica da “dádiva” do ser talian

A italianidade passou a ser compreendida como uma dádiva recebida dos ascendentes, a qual os descendentes devem cultivar mantendo-a como tal, ou seja, mantendo o *status quo*. Observa-se que há, e houve, uma determinada cobrança para com os “novos taliani” quanto à herança imaterial outorgada pelos ascendentes ser retribuída para aqueles que lhes possibilitaram tal identificação.

Nessa perspectiva, avalia-se que a “volta” torna-se mais onerosa na medida em que os “novos taliani” se autovisualizam na condição de devedores para com os ascendentes que lhes outorgaram tal identificação. Essa dívida imaterial para com os ascendentes apresenta-se como um elemento fundamental para que a italianidade continue sendo vivida. Torna evidente que a identificação identitária, a herança imaterial, passa a ser compreendida como “paga” na medida em que a imagem da italianidade passa a ser reproduzida pelos “novos taliani”. A reprodução da italianidade torna os herdeiros menos devedores para com os ascendentes visto que passam a reproduzir a concepção do ser talian em sociedade.

Seguindo a perspectiva de Thompson, o interesse corresponde ao que interessa às pessoas; logo, o manifestar da italianidade, o pagamento da “dádiva” recebida do ser talian, são de interesse dos “novos taliani”. Portanto, a italianidade corresponde a uma dívida imaterial herdada pelos “novos taliani” e, acima da própria herança imaterial, interessa a estes porque é positivo identificar-se como talian no contexto-sistema do capital. O discurso da italianidade situado nas composições corresponde “à volta” – como parte da dívida com os ascendentes – e ao interesse deles de se manterem reconhecidos como taliani na sociedade que integram.

O ciclo construído em torno da transição da identificação étnica é um dos elementos que apontamos como intensificadores da italianidade ao longo do tempo, bem como na contemporaneidade e esse, na medida em que é mantido pelos taliani, é

progressivamente acentuado em razão da auto-cobrança que existe dos descendentes de quererem transferir aos, quiçá, futuros descendentes.

#### **6.4 Ser talian: uma condição de risco**

A construção da italianidade é pautada numa condição que expõe o indivíduo a uma contínua situação de risco. Como a italianidade é um elemento que na dinâmica do contexto se configura como algo positivo, os legitimáveis de tal identificação, os taliani, não discernem sobre a própria condição funcional para o contexto-sistema.

A situação de risco da italianidade está no fato de que, constantemente ritualizada e reconstruída para os padrões do sistema, os indivíduos a incorporam como tal, de maneira que passam a agir segundo preceitos que se encontram definidos de acordo com tal identificação. Assim a construção da italianidade, distante de estar isenta de preconceitos, centra-se na pseudocondição de superioridade construída em relação a tal e, por conseguinte, de inferioridade dos não-identificáveis.

O desenrolar e manifestar da italianidade é um processo permeado de preconceitos, de prejulgamentos em relação aos “outros”. A situação de identificação superior, da própria italianidade, é uma condição de risco, pois evoca o sentido de ser humano de maneira equivocada e inferior ao entendimento de que o ser talian só se identifica e tem vitalidade na relação social, sobretudo, com os não-identificáveis.

Situações que evocam e exaltam demasiadamente um grupo social, no caso o talian, acabam revelando e construindo sentimentos negativos em relação aos não-identificáveis com a determinada categoria. A arrogância, o ódio, fazem parte da situação de risco, que, nutrida pela dinâmica do meio social, acaba por se revelar em “verdades e certezas”. A auto-segurança de supremacia étnica dos taliani que decorre da construção da italianidade acaba por construir uma autoconfiança entre aqueles que, na dinâmica do contexto julgam-se importantes, porém não é relevante para os taliani enquanto seres humanos.

Dessa forma, o que há de pior no ser humano é nutrido simultaneamente em relação ao entendimento do que é melhor para os taliani, que é a idéia construída de ser talian, de suposta superioridade. A manifestação e construção progressiva da italianidade não se

configuram num movimento xenófobo, mas apresentam elementos que são próprios do entendimento de que na espécie humana haveria superiores e inferiores. Nessa escala o ser talian situar-se-ia num patamar superior ao dos “outros”.

A situação de risco, seguindo a compreensão da suposta supremacia étnica da italianidade, vivenciada pelos taliani encontra-se na compreensão do não ser talian. É naquela extremidade que o ser humano passa a olhar o universo com base somente na sua definição como ser, não da sua indefinição como ser, tornando-se menos humano. Logo, essa situação criada pelos taliani é estimulada e potencializada no contexto-sistema, pois é ali que a identificação obtém valor simbólico, traduzido em suposta supremacia étnica em relação aos demais indivíduos.

A condição de risco vivenciada pelos taliani encontra-se na dimensão que alcança na sua relação social com os não-identificáveis. É partindo dela que a italianidade se legitimou como tal para os taliani e para o senso comum. Nesse sentido, as composições musicais representam, assim, o entendimento de ser talian para os identificáveis com tal categoria. Tal concepção é permeada de preconceitos visto que ser talian, para os taliani, corresponde a ter excelência no trabalho, na prática do catolicismo e na compreensão de “raça superior às outras”.

Verificamos que a exaltação da italianidade nas composições musicais reflete a práxis do ser talian nas relações interétnicas, ou seja, a categoria da italianidade autodefine-se como superior em relação aos não-identificáveis, ao “outro”. É esse um processo de estigmatização do “outro” em relação ao entendimento do “eu”. Portanto, a categoria da italianidade é dinâmica, sendo (re)produzida sempre que necessário, ou seja, o patrimônio da italianidade, o capital cultural, a dádiva de ser talian é algo mantido e querido pelos identificáveis na medida em que é positivamente referendada e exposta no contexto-sistema.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos verificar no trabalho a compreensão e o processo como o grupo social talian foi se construindo e se identificando na relação com os demais, como a categoria da italianidade se (re)constrói e se autodefine ao longo da sua identificação como tal.

Observamos que o processo de territorialização do norte do estado do Rio Grande do Sul e da localidade de Viadutos (re)construiu-se juntamente com a categoria da italianidade, na medida em que no local confluíram várias, porém potencializaram-se a definição e identificação de italianidade, especialmente para os internos, pela relação interétnica. A localização em espaços distintos na localidade de Viadutos acentuou o entendimento do “eu” como “diferente” do “outro”, e potencializou a distância entre os taliani e os demais, conduzindo à construção de idéias positivas envolvendo os taliani, que constituíam a maioria no local.

O processo das relações interétnicas na localidade de Viadutos foi primordial para a (re)construção da italianidade, haja vista que o talian, a italianidade, construiu-se em relação ao parâmetro do “outro”. Dessa forma, a territorialização étnico-econômica do espaço, com a disposição dos taliani nas melhores glebas em relação, principalmente, ao polonês, possibilitou um melhor desempenho econômico dos taliani, com a conseqüente exaltação do entendimento de excelência no trabalho. Assim, a concentração de casas comerciais de proprietários taliani, das agroindústrias e das madeireiras intensificou a idéia de que “os taliani são mais trabalhadores do que os outros” e que “Viadutos é terra de talian”. A influência e presença da elite taliana no processo de emancipação política do município, juntamente com a atuação dos padres, contribuíram para o entendimento do senso comum local de que os taliani foram os únicos responsáveis pela dinâmica econômica e pela emancipação política do local.

Os aspectos sociossimbólicos na (re)construção da italianidade por influência da instituição católica na formação e manutenção de tal categoria contribuíram e potencializaram a compreensão do grupo talian como supremacia étnica. Partindo dos aspectos sociossimbólicos, verificamos a institucionalização da idéia de que os porões de pedras da localidade foram edificados por taliani, quando, na verdade, foram projetados por um imigrante alemão. Ainda, buscamos a relevância de aspectos da educação da família taliana na (re)construção e no entendimento da categoria do ser talian, bem como a relação da família taliana com a educação formal. Nesse sentido, os ajustes de sobrenomes de acordo com a categoria da italianidade demonstra o entendimento positivo e tal identificação, e que é positivo e apropriável identificar-se como talian para o sistema-contexto.

Voltando-nos ao jornal *Stafetta-Correio Riograndense*, analisamos a figura do talian Nanetto Pipetta, que instigou a (re)construção e manutenção da italianidade para os internos e propagou a compreensão do próprio grupo de ser talian para os externos. Adentrando na trajetória histórica do personagem e relacionando-a com as histórias referentes aos (i)migrantes da localidade de Viadutos, vimos que a circulação semanal do jornal proporcionou a ritualização, identificação e potencialização da italianidade. Também a presença de outros personagens no jornal dos padres foram importantes na firmção e auto-identificação do ser talian, mas pelo que pudemos constatar, a figura de Nanetto Pipetta obteve maior respaldo entre os taliani de Viadutos, tanto que muitos dali eram designados como “Nanettos”.

Entendemos a complexidade das relações interétnicas na localidade de Viadutos considerando que o grupo talian representou a maioria do e no local. Todavia tal preponderância não justifica a manifestação da italianidade, haja vista que os taliani procuraram se manter mais próximos dos seus co-irmãos-étnicos, ou seja, não se aproximavam dos externos e, até, evitavam o contato com estes. Tal negação do “outro” é constatada na prática dos filós, que se davam prioritariamente entre os taliani e, também pelos processos-crimes localizados, onde verificamos desentendimentos dentre os taliani e os “outros”. A pouca relação interétnica estabelecida na localidade não se justifica pela distância espacial, mas, sim, pela negação ao contato com o “outro” pelo grupo talian. A tentativa e anseio da manutenção da italianidade, como meio de garantir a identificação com tal categoria transparece também nos casamentos realizados na localidade, pois constatamos que os taliani procuravam manter relações conjugais prioritariamente com taliani.

A manifestação do entendimento do que é ser talian para o próprio grupo transpareceu nas composições musicais, que buscam traçar um retrato da trajetória dos identificáveis com a italianidade. Nas partituras destaca-se a essência do ser talian para si próprio, a exaltação da excelência do talian no trabalho, na prática do catolicismo e na compreensão de “raça”, no caso da categoria da italianidade, de “raça superior”. Verificamos a exaltação na relação interétnica dos taliani com os demais na medida em que aqueles se compreendem como superiores etnicamente. Dessa forma, vimos que a italianidade é um aspecto positivo a ser vivido e transmitido aos descendentes, pois é tida para e no contexto-sistema como algo positivo. Porém, isso se faz e se constrói por meio da estigmatização do “outro”, estimulando preconceitos e legitimando (in)verdades no e sobre o local.

A (re)construção da italianidade corresponde ao entendimento de supremacia étnica projetada na estigmatização dos não-identificáveis, dos “outros”, e o processo do seu reconhecimento se dá de forma preconceituosa, porque o “eu” é tido como excelência em relação ao parâmetro do “outro”. A identificação com a italianidade pauta-se na tríade de que o talian é mais trabalhador, mais católico e detentor de supremacia racial, entendimento que se traduz para a sociedade de diversas maneiras, mantendo o discurso de excelente para a sociedade-contexto.

Observamos que a idéia de que a italianidade corresponde à supremacia étnica é mantida, progressivamente construída e perspectivada na medida em que contempla elementos positivos no dinamismo do contexto do capital e da conjuntura histórica que a envolve. A prevalência da idéia de que ser talian corresponde a um elemento positivo torna-se uma idéia funcional, visto que é necessário continuar se identificando com a italianidade para ser reconhecido como importante, isso justificado pela idéia da excelência étnica, do papel fundamental dos taliani para o sistema.

A exposição da italianidade, do ser talian, como elemento positivo e superior às demais identificações de grupos sociais constrói-se para com o dinamismo do contexto-sistema. Os indivíduos que se identificam com a italianidade definem-se como superiores aos demais, aos “outros”. O jeito de ser talian é o jeito de “ser melhor” para o contexto-sistema; por essa razão, é almejado e definido como apropriável. Portanto, a (re)construção da italianidade representa um capital cultural para os identificáveis, um patrimônio que é expandido e que corresponde não somente a uma identificação étnica, mas a uma vivência que rompe com as barreiras do próprio grupo étnico para ganhar prestígio e reconhecimento no contexto-sistema.

Sabemos que a temática referente à (re)construção da italianidade configura-se como um debate polêmico na medida em que a compreensão do processo de construção de identidades não se dá de maneira isolada; há muito, pois, para ser discutido e pesquisado.

Por isso, nossa análise não esgota a possibilidade de estudo referente à compreensão da (re)construção da italianidade. Existem elementos sociossimbólicos e políticos, a própria análise referente ao jornal direcionado para os taliani, dentre outros, que aguardam para serem pesquisados e que poderão contemplar a complexidade do entendimento da (re)construção de tal categoria. Mesmo a questão referente à composição, propagação e difusão do personagem Nanetto Pipetta e dos demais que constituíram aquela coluna de entretenimento do jornal dos padres para os taliani carece de maiores estudos os que os contemplem.

## ENTREVISTADOS

- BALDISSERA, N., 78 anos, descendente de ítalos, Linha São Brás, Viadutos; Dez. 2004.
- COLPO, E., 73 anos, descendente de ítalos, Viadutos; Jan. 2005.
- DALAGNOL, I., 64 anos, descendente de ítalos, Linha Rio Quinto, Viadutos; Dez. 2004.
- DRASZEWSKI, F., 61 anos, descendente de poloneses, Viadutos; Dez. 2004.
- LEIDENS, A., 79 anos, descendente de alemães, Viadutos; Dez. 2004.
- JAGUZEWSKI, C., 84 anos, descendente de poloneses, Viadutos; Dez. 2004.
- KLOSINSKI, P. C., 52anos, descendente de poloneses, Linha Rio Quinto, Viadutos; Dez. 2004.
- KRZYZANIAK, V., 52 anos, descendente de poloneses, Linha Anta Mansa, Viadutos; Dez. 2004.
- GRZYBOWSKI, V., 80 anos, descendente de poloneses, Linha Passarini, Viadutos; Jan. 2005.
- MUNARO, A., 69 anos, descendente de ítalos, Viadutos; Jan. 2005.
- PASINI, E. S., 58 anos, descendente de ítalos, Viadutos; Dez. 2004.
- PIOVESAN, V., 71 anos, descendente de ítalos, Linha Bonita, Viadutos; Jan. 2005.
- RECH, H. A., 70 anos, migrante, descendente de alemães, Viadutos, Dez. 2004.
- RICHWICKI, S., 58 anos, descendente de poloneses, Viadutos; Dez. 2004.
- SCHEIDER, A., 62 anos, descendente de alemães, Linha Anta Mansa, Viadutos; Jan. 2005.
- STOLARSKI, R. I., 66 anos, descendente de poloneses, Viadutos; Dez. 2004.
- VALERIUS, P., descendente de alemães, Viadutos; Dez. 2004.
- VERONESE, R. B., 94 anos, migrante, descendente de ítalos, Viadutos; Jan. 2005.

VERONEZE, A., 64 anos, descendente de ítalos, Linha Bárbara, Viadutos; Nov. 2004.

THOMÉ, L. E., 89 anos, migrante, descendente de alemães, Viadutos; Jan. 2005.

ZORTEA, D. B., 88 anos, migrante, descendente de ítalos, Linha São Pedro, Viadutos; Dez. 2004.

## REFERÊNCIAS

- BERNARDI, A. *Nanetto Pipetta*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul, EDUSC, 1998.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- CASSOL, E. *Carlos Torres Gonçalves: vida, obra e significado*. Erechim: São Cristóvão, 2003.
- CARBONI, F.; MAESTRI, M. (Org.) *Raízes italianas no Rio Grande do Sul*. Anais do I Seminário Ítalo-Gaúcho de Cultura da ACIRS (1998). Passo Fundo: Ediupf, 2000.
- CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. *Domínios da história*. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. 6. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.
- CORTEZE, D. P. *Ulisses va in América*. História, historiografia e mitos da imigração italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914). Passo Fundo: Ediupf, 2002.
- COSTA, R.; DE BONI, L. A. *Os italianos no Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: EST-SLB; Caxias do Sul: Educus; Porto Alegre: Vozes, 1982.
- DALMOLIN, C. (Org.). *Mordaça verde amarela*. Imigrantes e descendentes no Estado Novo. Santa Maria: Palotti, 2005.
- DE BONI, L. A. In: BERNARDI, A. *Stòria de Nino fradelo de Nanetto Pipetta*. 2. ed. Porto Alegre: EST. 1998
- DELLA FLORA, J. *Rosas na coroa, pranto na vida: a história silenciosa da camponesa oestina ítalo-catarinense*. Dissertação( Mestrado em História). UPF, Passo Fundo, 2005.
- ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- \_\_\_\_\_; SCOTSON J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FACHEL, J. P. G. *As violências contra alemães e seus descendentes durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço do Sul*. Pelotas: Ed. da UFPEL, 2002.

FOCHESATTO, I. *Descrição do culto aos mortos entre descendentes italianos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1977.

GARDELIN, M. *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul: Fontes Literárias*. Caxias do Sul – Porto Alegre: EST/Educs, 1988.

GERTZ, R. *O fascismo no sul do Brasil: germanismo, nazismo, integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

\_\_\_\_\_, R. *O estado novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Ediupf, 2005.

\_\_\_\_\_, R. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

GIRON, L.S. *As sombras do Littório. O fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Parlenda, 1994.

GRITTI, I. R. *Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul: a emergência do preconceito*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.

\_\_\_\_\_, I. R. *Imigração judaica no Rio Grande do Sul: a Jewish Colonization Association e a colonização de Quatro Irmãos*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HOBSBAWM, E. *Nações e Nacionalismo desde 1790 - Programa, mito e realidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

\_\_\_\_\_; RANGER, T. *A invenção das tradições*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

IANNI, O. *Homens sem paz. Os conflitos e os bastidores da imigração italiana*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1972.

LANDO, A. M.; BARROS, E. C. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul - Uma interpretação sociológica*. 2. ed. Porto Alegre: Movimento, 1981.

LE GOFF, J. *Memória*. Lisboa: Einaudi, 1984.

MAESTRI, M. *Deus é grande o mato é maior! Trabalho e resistência escrava no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Ediupf, 2002.

\_\_\_\_\_, M. *Os senhores da serra. A colonização Italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914)*. Passo Fundo: Ediupf, 2000.

MANFROI, O. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul. Implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Grafosul, 1975.

- MARCON, T. *Memória e cultura: modos de vida dos caboclos no Goio-Em (Santa Catarina)*. Chapecó: Argos, 2003.
- MARTÍ, J.; RETAMAR, R. F.; TRAJBER, M. A. A. *Nostra América*. Antologia. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.
- PEROTTI, T. *Nanetto Pipeta: modos de representação*. Dissertação (Mestrado em Letras). UCS, Caxias do Sul, 2007.
- PETRONE, M. T. S. *O imigrante e a pequena propriedade*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- RAUBER, J. J.; SOARES, M. (Coord.). *Apresentação de trabalhos científicos: normas e orientações práticas*. 3. ed. Passo Fundo: Ediupf, 2003.
- RECKZIEGEL, A. L. S.; FÉLIZ, L. O. (Org.). *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: Ediupf, 2002.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro*. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- ROCHA, E. *O que é etnocentrismo*. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- STAWINSKI, A. *Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul (1875-1975)*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes. Caxias do Sul: UCS, 1976.
- TEDESCO, J. C. et al. *Agroindústrias, frigoríficos e cooperativismo: evoluções e contradições nas lógicas de desenvolvimento de Passo Fundo – 1960-1980*. Porto Alegre: EST, 2005.
- \_\_\_\_\_, J. C. ROSSETO, V. *Festas e saberes: artesanatos, genealogias e memória imaterial na região colonial do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Méritos, 2007.
- \_\_\_\_\_, J. C. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo: Ediupf; Caxias do Sul: EducS, 2005.
- \_\_\_\_\_, J. C. *Um pequeno grande mundo: a família italiana no meio rural*. Passo Fundo: Ediupf, 2001.
- THOMÉ, L.F. *Marcelino Ramos: histórico*. Erechim: Livraria e tipografia modelo, 1962.
- THOMPSON, E.P. *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- TRINDADE, H. *Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1822-1937)*. In: R.S.: economia e política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.
- VANINI, I. *O sexo, o vinho e o diabo*. Demografia e sexualidade na colonização italiana no Rio Grande do Sul –1906-1970. 2. ed. Passo Fundo: Ediupf, 2004.

VERONESE, D. *Caminho percorrido*. Caxias do Sul: São Miguel, 1964.

WOORTMANN, E. *Árvore da memória*. Anuário antropológico. Rio de Janeiro, n. 92, 1994.

WOORTMANN, E. F. *Herdeiros, parentes e compadres*. São Paulo-Brasília: Hucitec-Edunb, 1993.

WOLFF, G. H. *Trilhos de ferro, trilhas de Barro*. A ferrovia no norte do Rio Grande do Sul-Gaurama (1910-1954). Passo Fundo: Ediupf, 2005.

ZANINI, M. C. C. *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: UFSM, 2006.